UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

RAQUEL GUEDES DE MEDEIROS

MÃE SELVAGEM: TRAMAS ENTRE O MITO DE LILITH E O MITO DA GRANDE MÃE, NUMA CENA FEMINISTA

NATAL/RN
2023

SAGRADA
PODER
PORTAL
DOR
CULPA
GOZO
CURA

RAQUEL GUEDES DE MEDEIROS

MÃE SELVAGEM: TRAMAS ENTRE O MITO DE LILITH E O MITO DA GRANDE MÃE, NUMA CENA FEMINISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Linha de Pesquisa: Práticas Investigativas da Cena: Poéticas, Estéticas e Pedagógicas.

Orientadora: Profa. PhD. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra.

NATAL
2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Medeiros, Raquel Guedes de.
Mãe Selvagem: tramas entre o Mito de Lilith e o Mito da Grande Mãe, numa cena feminista / Raquel Guedes de Medeiros. - Natal, 2023.
180 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.
Orientadora: Profa. Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra.

1. Artes cênicas - Maternidade - Mitodologia em Arte. 2. Teatro - Processo de Criação - Cena feminina - Mito de Lilith - Mito da Grande Mãe. 3. Artes cênicas - Processo de Criação - Mãe Selvagem - Parição artística, política e subversiva. I. Lyra, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. II. Título.
RN/UF/BSDEART CDU 792:618.2

Elaborado por Josiane Mello - CRB-15/570

RAQUEL GUEDES DE MEDEIROS

MÃE SELVAGEM: TRAMAS ENTRE O MITO DE LILITH E O MITO DA GRANDE MÃE, NUMA CENA FEMINISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Aprovada em: 29 de Maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. PhD. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra
Orientadora
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
COLABORADORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Prof. PhD. Robson Carlos Haderchpek
Examinador Interno
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. PhD. Maria Brígida de Miranda
Examinadora Externa
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Este trabalho é gestado por várias Mulheres.

Dedico à minha Vó Materna, Dona Maria, à minha Mãe, Francisca e à Minha Filha Ágata. O Meu passado, o Meu presente e o Meu futuro. Meu ninho de amor.

A todas as Mulheres Mães, que trabalham, estudam e maternam.

Agradecimentos

Agradeço às Deusas, Lilith e à Grande Deusa Mãe, que ao longo da minha jornada me guiam, sopram palavras de sabedoria aos meus ouvidos, me atravessam, me fecundam.

Agradeço à minha Mãe Francisca, por me guiar no caminho da educação, por me ensinar que a partir dessa vereda, eu seria livre e voaria cada vez mais alto, chegando a lugares em outrora sequer imaginados.

Agradeço a minha Vó Maria, por sua corpa dançante, pelo pensamento à frente de seu tempo, pela bravura e coragem, língua afiada e compreensão do quão injusta a sociedade é para nós mulheres. Sinto-me honrada quando dizem que nos parecemos. Somos o encontro do passado e do futuro.

Agradeço à minha filha Ágata, obrigada por ser minha filha, por me fazer Mãe, bicho, coragem, por me ensinar a amar da forma mais visceral. Você é minha maior revolução!

Agradeço às minhas Tias Maria das Graças, Adriana Maria e Marinalva, por todo afeto e acolhimento, por todo incentivo e apoio de sempre.

Agradeço à amiga João Vitor, por ter acreditado nesta pesquisa e ter aceitado ser colaboradora e doula. Agradeço por todo companheirismo, pela sua amizade, confidências, risadas, pelos encontros nas sextas-feiras de tarde/noite no Departamento de Artes (UFRN). A quem nutro profunda admiração e carinho.

Agradeço às minhas amigas Cléo Morais e Gabriela Marinho, pela nossa amizade e pelo nosso amor, por toda compreensão e cuidado, pelo colo sempre disponível. Saber que vocês caminhavam comigo nessa jornada e seguravam minha mão na hora do parto, me dava forças para parir.

Agradeço ao meu companheiro Rodrigo Chocrón, que desde o momento da seleção do mestrado me incentivou e ao longo desses dois anos sempre me relembrou que eu ia conseguir, me abraçou, me acolheu, me alimentou nos finais de semana, acolheu minhas lágrimas, e me disse para descansar. Que preciosidade é o nosso encontro. Caminhar contigo tem sido leve e prazeroso.

Agradeço à Professora Larissa Kely Marques, por ter acreditado nesta pesquisa, pelos meses que foi minha orientadora, por sua generosidade em me ajudar quando precisei.

Agradeço à minha Orientadora a Professora Luciana Lyra, por ter aceitado ser minha doula nessa gestação, que honra ser sua orientanda, sua sabedoria e força de guerreira me atravessam profundamente. Obrigada pela teia de luta, afeto, resistência, acolhimento, conexão, rede entre corpas, mulheres que você vem criando. Sua pesquisa e existência são necessárias.

Agradeço à Professora Brígida Miranda, por ter aceitado ser parteira dessa gestação, suas palavras no momento da qualificação me abraçaram, me potencializaram, foram acalanto, um colo onde pude respirar um pouco mais tranquila.

Agradeço ao Professor Robson Haderchpek, por ter aceitado ser parteiro dessa gestação, que honra e felicidade é mais uma vez te encontrar nessa caminhada, você faz parte da minha jornada, foi um dos meus primeiros mestres do teatro, quanto aprendi e aprendo com você, grata pela sua sensibilidade e pelo seu cuidado.

Agradeço às minhas ancestrais, aquelas que vieram antes de mim, cada mulher que lutou, guerreou, se atreveu, rasgou o véu e o verbo, abriram os caminhos para que pudesse estar aqui.

Eu não cheguei até aqui sozinha, caminho ao lado de muitas mulheres, irmãs, mães, serpentes, bruxas, e ainda temos um longo caminho pela frente, mas continuaremos caminhando, juntas, de mãos dadas, nos protegendo, nos cuidando. Sigamos irMÃES!

Resumo

Parto do entrecruzamento do Mito de Lilith e do Mito da Grande Mãe, narrativas que juntas desenham a minha mitologia pessoal (Feinstein; Krippner,1992). F(r)icciono (Lyra, 2011a, 2011b, 2014a, 2015, 2019, 2021) essas mitologias numa proposição cênica, gerando questionamentos acerca de como as mulheres vêm sendo contadas historicamente. Proponho reflexões a partir do movimento feminista, que tem provocado transformações na (re)existência de nós mulheres e se feito presente de forma ativa nas mais diversas áreas da sociedade, inclusive nas artes. Fecundo a minha pesquisa na *Mitodologia em Arte* (2011a, 2012, 2014a, 2014b, 2015), um caminho de criação artística, cunhado pela professora Luciana Lyra, fazendo emergir descobertas sobre mim mesma na relação com o meio *Artetnografado* (Lyra, 2011a, 2014a, 2014b, 2015), a partir das minhas próprias experiências, num desvelar de acontecimentos que, durante o processo de criação cênica, vamos dando significado ou ressignificando. E assim, como resultado da trama dos dois mitos, do processo criativo nasce a *Mãe Selvagem*, uma parição artística, política e subversiva.

Palavras-chave: Lilith; A Grande Mãe; Mitodologia em arte; Mãe Selvagem; Processo de criação.

Abstract

I start from the intersection of the Myth of Lilith and the Myth of the Great Mother, narratives that combined draw my personal mythology (Feinstein; Krippner, 1992). I *f(r)iction* (Lyra, 2011a, 2011b, 2014a, 2015, 2019, 2021) these mythologies in a scenic proposition, raising questions about how women have been historically. I propose reflections from the feminist movement, which has caused changes in the (re)existence of us women and has been actively present in the most diverse areas of society, including the arts. I fecund my research in *Mythodology in Art* (2011a, 2012, 2014a, 2014b, 2015), a path of artistic creation, coined by Professor Luciana Lyra, bringing out discoveries about myself in the relationship with the *Artethnographed* environment (Lyra, 2011a, 2014a, 2014b, 2015), based on my own experiences, in a unveiling of events that, during the process of scenic creation, we will been giving signify or resignifying. And so, as a result of the plot of the two myths, from the creative process is born the Wild Mother, an artistic, political and subversive parturition.

Keywords: Lilith; The Great Mother; *Mythodology in art*; Wild Mother; Creation process.

Lista de figuras

Figura 1 - Casa da minha Avô Materna – Dona Maria Roque Sobrinho Guedes – Sítio Cajueiro – Pedro Velho – RN 29
Figura 2 - Casa da minha mãe e do meu pai, doada pelo meu avô materno. Sítio Cajueiro – Pedro Velho, RN 32
Figura 3 - Lilith 43
Figura 4 - Primeiro laboratório vivenciando as práticas, do processo de criação da Mitodologia em Arte. Fonte: Acervo pessoal (2022). 47
Figura 5 - Pedaço do cordão umbilical da minha filha. 47
Figura 6 - Júciê Borges – Eu e Ágata, recém nascida na casa da minha mãe e do pai 52
Figura 7- Objetos Sagrados 55
Figura 8 - Altar Sagrado 55
Figura 9 - Objetos Sagrados e de transgressão 56
Figura 10 - Espelho de Narcíso 56
Figura 11 - Reencontro com a Deusa Lilith 57
Figura 12 - Apresentação do Espetáculo Pérola – Primeira vez que minha filha me viu em cena, Natal-RN 102
Figura 13 - Após apresentação do Espetáculo Pérola – Natal – RN 103
Figura 14 - Espetáculo “Tombo da Rainha” – Personagem “A Virgem”, Natal – RN 104
Figura 15 - Espetáculo “Tombo da Rainha” – Personagem “Santa Engolidora de Espelhos”, Natal – RN 104
Figura 16 - Gestando a Primeira Mandala - Parte 1. Departamento de Artes – UFRN 119
Figura 17 - Gestando a Primeira Mandala - Parte 2. Departamento de Artes – UFRN 120
Figura 18 - Primeira Mandala. Departamento de Artes – UFRN 121
Figura 19 - Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN 122
Figura 20- Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN 123
Figura 21- Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN 124
Figura 22 - 2º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN 125
Figura 23 - 2º Sala de Parto - – Departamento de Artes-UFRN 126
Figura 24 - 3º Sala de Parto – Departamento de Artes - UFRN 129
Figura 25 - 3º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN 131
Figura 26 - 3º laboratório – Elemento Água. Departamento de Artes – UFRN 132

Figura 27 - 3º laboratório – Elemento Água – Elabor ação de Cartaz 1. 133
Figura 28 - 3º laboratório – Elemento Água – Elaboração de Cartaz 2. Departamento de Artes – UFRN 134
Figura 29 - 3º laboratório – Elemento Água – Parte 1. Departamento de Artes – UFRN.....135
Figura 30 - 3º laboratório – Elemento Água – Parte 2. Departamento de Artes – UFRN.....136
Figura 31 - 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN 139
Figura 32 - 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN 140
Figura 33- 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN 141
Figura 34 - 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN 142

Lista de siglas e abreviaturas

ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas

CFA - Centro de Formação em Artes

CSC - Campus Sosígenes Costa

DEART - Departamento de artes

IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências

IP-USP - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

MADA – Mulheres Que Amam Demais Anônimas

MOTIM – Mito, rito e cartografias feministas nas artes

PIBID – Programa de Bolsas de Iniciação a Docência

PPGArtes - Programa de Pós-Graduação em Artes

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

UNICAP-PE - Universidade Católica de Pernambuco

Sumário

INTRODUÇÃO: RETORNO AO ÚTERO - PRIMEIROS SINTOMAS DA GESTAÇÃO 14

1º Relato – Desvendando Lilith 17

2º Relato – Depoimento da vivência com o Elemento fogo 17

3º Relato – Trabalho final da disciplina, Atuação III, intitulado: DAS MULHERES QUE HABITAM EM MEU CORPO – a descoberta da mulher serpente 18

1º CAPÍTULO – PRIMEIRO PARTO 28

Memorial do Desejo 28

Estrutura da Gestação 58

2º CAPÍTULO 61

Segundo Parto – Parindo Lilith e Nela me Reconhecendo 61

Aqui estreito a relação entre Lilith e os feminismos 63

3º CAPÍTULO 74

Terceiro Parto – Fecundada Pela Grande Mãe – Os Atravessamentos da Maternidade na Corpa Criadora 74

A dor de estar grávida 78

Nasce uma filha, uma mãe e uma culpa 85

As descobertas artísticas depois do Parto 92

4º CAPÍTULO 111

Quarto Parto – nasce uma mãe selvagem – entrecruzamentos de Lilith e da Grande Mãe – vivências e experiências da sala de parto/ensaio 111

Parto - primeiras experiências nas salas de parto mitodológicas 117

1 º Contração 117

Primeira Dilatação – O dia em que engravidei de mim 117

Segunda Dilatação - Elemento fogo 124

Terceira Dilatação – Elemento Água 128

Retorno ás salas de partos 137

Plano de Parto / Organização da Perfopalestra 143

CONSIDERAÇÕES FINAIS M(ÃE)NIFESTO FEMINISTA 148

REFERÊNCIAS 151

ANEXO A – RITOS DE PARTIDA 156

ANEXO B – RITO DE PASSAGEM 162

ANEXO C – RETORNO ÀS SALAS DE PARTO/RITO DE CHEGADA.....175

INTRODUÇÃO: RETORNO AO ÚTERO - PRIMEIROS SINTOMAS DA GESTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo traçar relações entre o mito de Lilith e o mito da Grande Mãe, narrativas que juntas desenham a minha mitologia pessoal (Feinstein; Krippner, 1992), reconhecendo e entendendo nessas narrativas, a importância da minha avó - Dona Maria Roque Sobrinho Guedes, da minha mãe – Francisca Roque Guedes de Medeiros, das minhas ancestrais e da minha filha – Ágata Guedes para a (des)construção da mulher que sou hoje. A primeira mulher da minha família materna a ingressar numa universidade, a se formar em um curso superior, a ingressar numa pós-graduação, assim também como a primeira a não desejar o casamento, a ser mãe solo, se afirmar feminista. F(r)icciono (Lyra, 2011ab, 2014, 2015, 2019, 2021) as histórias, gerando questionamentos acerca de trajetos históricos, de como a educação de mulheres foi engendrada historicamente e socialmente, questiono essa construção a partir dos "danos" causados a essas mesmas mulheres, proponho reflexões, conceitos dos feminismos que emergiram de forma arrebatadora há mais de uma década, atravessando diversas áreas da sociedade, inclusive as artes. Pensando as experiências/vivências individuais como potência, mote criativo para a construção cênica e a arte enquanto cura.

No campo artístico, é possível observar inúmeros trabalhos onde as discussões feministas pulsam na sociedade, se fazendo presentes na cena artística. O MOTIM – MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMINISTAS NAS ARTES – grupo de pesquisa coordenado pela Professora Luciana Lyra (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), do qual faço parte, tem como foco de discussão, justamente questões voltadas para os feminismos, dos arquétipos femininos, das questões de gênero, das lutas de mulheres em campo nacional e que vem desenvolvendo estudos, discussões, trocas de saberes, acolhimento a diversos trabalhos que assim como este que aqui apresento, atravessa e é atravessado pelos feminismos, por lutas e pesquisas "individuais", mas que por sua vez estão dialogando com o coletivo, social e artisticamente falando.

Junto a esta gestação/pesquisa caminho com irmãs aguerridas que, assim como eu, pariram suas crias/pesquisas tecidas de luta e afeto, dialogando com suas histórias, trazendo foco para a luta feminista, algumas também utilizando a Mitodolgia em Arte para ancorar suas pesquisas, pensando e experienciando a arte como cura e instrumento de combate contra a sociedade patriarcal, machista e misógina. São elas: Janaína Gomes da Silva – A Cara da Mãe: uma jornada de criação pela vida da Mitodologia em Arte (2017), João Vitor Ferreira Nunes – A força e a chuva feminina em um sertão bem masculino: imersão performática nos ritos de

passagem de Bia Mulato pela Mitodologia em Arte (2018), Jussyane Rodrigues Emidio – Bruxas e Santas: estudos corporificados em práticas teatrais feministas (2021), Liliane da Silva Bezerra - (Sou)pa de Pedras: o ritual performático e a ancestralidade a partir das poéticas e pedagogias de si (2022), Aline Layane Souto da Silva – Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal (2021), essas são algumas irmãs e suas cri(a)ções. Sigo *arrudiada* (como diria minha avó) de mulheres e juntas parindo revoluções.

Eu comecei a parir na cena os atravessamentos da minha história pessoal, que não eram apenas questões minhas, mas de uma forma ampla, questões também vivenciadas por outras mulheres, dessa forma, o que era parido na cena não eram só minhas dores, lutas, indagações, mas eram/são também de tantas outras irmãs.

Convido para fecundar essa gestação, a poderosa Lilith, que assim como as Guerreiras de Tejucupapo (Lyra, 2011a), se armaram e foram para o campo de batalha defender seu lugar, guerrear contra os homens que queriam invadi-lo, dominá-lo, impor suas regras. Se depararam com um grupo de mulheres aguerridas, astutas, inteligentes guerreiras prontas para a luta.

Na dramaturgia, criada pela professora Luciana Lyra[1] a partir da artetnografia em Tejucupapo, na zona da mata norte de Pernambuco, a voz da personagem Joana ecoa e assim nos diz:

> JOANA- Na aurora do mundo, Deus planejou o macho e a fêmea à sua semelhança. Criou o macho e a fêmea com o pó do chão e soprou nas narinas

[1]Atriz, encenadora, dramaturga, escritora e professora na área das Artes da Cena. Coordenadora e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes), do Instituto de Artes, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IART/UERJ). Professora Associada do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular, na mesma universidade. Procientista (Bolsista Produtividade) da UERJ. Docente permanente e Pós-doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN - Bolsista PNPD/CAPES). Docente colaboradora do Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós-doutora em Antropologia, pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP - Bolsista FAPESP), é também Mestre e Doutora em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (IA/UNICAMP-SP), bolsista FAPESP. Está em curso com pós-graduação lato sensu (Especialização) em Dramaturgia: Cinema, Teatro e Televisão (ESCH). Possui pós-graduação lato sensu (Especialização) em Ensino da História das Artes e das Religiões pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ainda possui o título de Bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP-PE) e é formada no Método Feldenkrais de educação somática pela Feldenkrais International Trainning. É editora da Revista Arte da Cena (UFG) e avaliadora 'ad hoc' da Urdimento - Revista de estudos em artes cênicas (UDESC), integrante do grupos de pesquisa: 'Antropologia, Performance e Drama' (NAPEDRA-USP) e 'Imagem, mito e imaginário nas artes da cena' (ÍMAN-UFG). É pesquisadora-líder do grupo de pesquisa e extensão intitulado 'MOTIM - Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes' (UERJ/ CNPq) e é co-criadora dos ENCONTROS ARCANOS, evento acadêmico-artístico anual, dedicado aos estudos do imaginário e suas interfaces com as artes da cena, a antropologia e a psicologia profunda. Atua na Companhia de teatro OS FOFOS ENCENAM, da Cooperativa Paulista de Teatro, e dirige seu próprio estúdio de investigação UNALUNA - PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Com ênfase em processos criativos, atua principalmente nos seguintes temas: atuação, teatro, dança, performance, encenação e dramaturgia. Na seara teórica, sua investigação dirige-se aos estudos das Antropologias do Imaginário e da Performance e aos estudos feministas, sempre na interlocução com a criação artística, em especial no campo das artes da cena (Escavador, 2020).

> um hálito de vida, assim foi gerado um ser vivente. Diz-se que na lua, deste corpo único migrou uma serpente, a mulher. Com ela vieram inumeráveis demônios, mas foi da cabeça de Deus que ela surgiu. Foi da cabeça de Deus que ela saiu. Foi da Cabeça do Pai (Lyra, 2010 *apud* Lyra, 2011a, p. 136).

E mais:

"JOANA- Fundei o mundo só, sem meu pai. O mundo me engravidou, insiste, reclama, para nestas bandas eu guerrear" (Lyra, 2010 *apud* Lyra, 2011a, p. 136).

Lilith, primeira mulher para algumas culturas, também se faz presente nessa luta, aguerrida contra o patriarcado. Nos ensina a não "ficar por baixo", a buscar o nosso prazer, e retomar o nosso poder, ela nos diz que somos sexualmente potentes e que essa virada de posição não aceita por Adão, era mais do que uma mudança de posição sexual, era uma inversão de poder. Quando se vê diminuída, pelo seu até então parceiro, que não a compreende como sua igual, o deixa e segue sua vida em busca do seu poder, ela entende que pode e merece muito mais, torna-se uma força contrária a Deus, que a castiga pela sua partida e por não voltar ao paraíso mesmo sendo chamada. Ela é subversão, enfrentamento, caos, luta, grito, força. É banida e castigada, tentam apagá-la da história, sendo apresentada como "mau exemplo" para as mulheres, um modelo que não deve ser seguido. Por sua vez, é impossível silenciá-la, sua voz ecoa, seu ato de subversão ressurge como possibilidade de re(e)xistência para nós mulheres. Ela nos ensina a mudar de posição, subverter a ordem.

Encontrei-me com a narrativa mítica de Lilith pela primeira vez, em 2015, durante o componente curricular Atuação III, no Departamento de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ministrado pelo Professor Dr. Robson Carlos Haderchpeck[2], no qual o processo de criação que compunha a metodologia do componente era o Teatro Ritual[3], que fazia revelar pulsões das artistas em jogo, possibilitava encontros com personas que estão interligadas a essas pulsões pessoais. Mergulhei em meus registros pessoais/acadêmicos do ano de 2015, encontrei-me com os primeiros relatos do encontro com Lilith:

[2] Ator, diretor, professor e pesquisador formado e pós-graduado pela Universidade Estadual de Campinas. Bacharel em Artes Cênicas (Unicamp, 2001) É professor associado do Curso de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e desenvolve Projetos de Extensão e Pesquisa na UFRN (Escavador, 2022b).

[3] Dentre o trabalho desenvolvido com o Teatro Ritual, estudo dos elementos, dança pessoal, jogo-ritual, a mitologia pessoal. É um caminho de criação, onde as atrizes e os atores, entram em contato com suas pulsões pessoais, nas quais tornam-se mote criativo para a cena artística.

1º Relato – Desvendando Lilith

Um demônio? Uma Deusa? Uma Serpente? Ou os três em um ser só? Essas foram as perguntas feitas por mim ainda na primeira unidade da disciplina de Atuação III. Continuei a queimar, serpentear, tremer, dançar, seduzir, encantar, sufocar. Tenho medo de um ser que tem um espelho no lugar do rosto, existem seres que me acompanham em todos os laboratórios, que fazem parte do mesmo "universo" que eu, encontrei um ser que parecia fazer parte de mim, fomos um só, uma serpente de duas cabeças, porém esse encontro foi experimentado uma única vez, descobri que sou capaz de tirar o medo dos outros seres, desde que ele me entregue sua alma – Sou como cobra cascavel, meu veneno é doce... Eu tiro o seu medo!! É o texto repetido por mim.

Em minhas pesquisas acerca de quem sou eu? De onde eu vim? E para onde eu vou? Descobri Lilith, uma Deusa, que é conhecida em várias culturas, conta-se antes que houvesse Eva, houve Lilith: a primeira amante de Adão, uma vez humana, feita a partir do mesmo pó, rainha da sensualidade, noiva do anjo da morte, mãe de opor forças cósmicas – forte, voluntariosa, imparável. Ela rege as tempestades do céu e do coração, coruja da noite, mulher sagrada de poder. Conta a lenda, que Lilith recusou deitar-se debaixo de Adão durante o ato sexual. Ela insistia que, por terem sido criados igualmente, deviam fazer sexo de igual para igual. Como Adão não concordou, ela o deixou. Lilith é citada como a própria serpente, a tentação de Eva e a primeira amante de Adão. Na mitologia da Babilônia, Lilith era um demônio com corpo de mulher que vivia no inferno. Na Mitologia Grega, Lilith é associada à Deusa grega Hécate, "A mulher escarlate", uma Deusa que guarda as portas do inferno montada em um enorme cão de três cabeças, Cébero, reino de Hades. Hécate, assim como Lilith, representa na cultura grega a vida noturna e a rebeldia da mulher sobre o homem.

Sou Lilith, venho do paraíso e vou /levo os seres para o inferno.

2º Relato – Depoimento da vivência com o Elemento fogo

O Fogo me revelou um ser rastejante, logo na primeira aula, rastejava pelos cantos da sala, observava tudo o que acontecia, senti possuir um terceiro olho e durante grande parte do laboratório visualizei pés. Senti-me como um animal, este em alguns momentos se transformava ou queria se transformar em humano. Era uma energia diferente, sedutora, misteriosa, forte, desconhecida. Saí da aula com o questionamento *feito pelo Prof. Robson: Que Ser é esse que rasteja? Ao chegar à cantina do DEART/UFRN, me deparo com um alvoroço, uma cobra rastejando pelo departamento. Na aula seguinte, tentei recuperar o que havia vivido na aula anterior, o elemento desta vez era a água, a imagem escolhida por mim, foi de um rio que parecia uma serpente, porém vivi algo completamente diferente. Com o decorrer da disciplina pude descobrir que aquele ser ou aquela serpente é específico do fogo. Pois, em um novo encontro com este elemento, desta vez de forma mais intensa, com uma imagem que o representava e com o próprio fogo em sala de aula queimando uma vela, o ser volta a me queimar, a começar pela mão direita, (imagem escolhida por mim para trabalhar com o elemento fogo é de uma mão "segurando" o fogo).*

Queimei, serpenteei, tremi, dancei, seduzi, encantei, sufoquei. Um demônio? Uma Deusa? Uma Serpente? Ou os três em um ser só? Ainda não sei. Desejei o fogo dos outros seres que habitavam aquele espaço, seduzia e depois os sufocava, consegui assim possuir o que eles tinham de mais preciso, o fogo. Causava dor e medo, mas me tornava mais forte, me sentia alimentada. Senti medo quando alguém não sentiu medo de mim, não se deixou seduzir, muito menos sufocar, me enfrentou e me enfraqueceu.

Diferente dos outros elementos, água, terra e ar onde eu cuido e protejo, o fogo me traz uma energia diferente, desconhecida, que provoca dor, mas que me seduz, me dá sensação de poder, gerando em mim a vontade, o desejo de experimentá-la mais vezes, de descobrir o que o fogo e o que este SER, tem para me dizer.

3º Relato – Trabalho final da disciplina, Atuação III, intitulado: DAS MULHERES QUE HABITAM EM MEU CORPO – a descoberta da mulher serpente

Das tantas mulheres que habitam em mim, é chegado o tempo de ouvir o grito da mulher serpente. Ela que serpenteou, tremeu, dançou, provocou, rastejou, revelou, trouxe medo, tirou o medo, não se submeteu, não se submete. Que disse: Por que devo deitar-me embaixo de ti, abrir-me debaixo do teu corpo, já que somos feitos do mesmo pó? Dominou, questionou.

O encontro com a serpente aconteceu na primeira aula de atuação III. Dia de chuva, frio, início do semestre, poucas pessoas na aula. Começamos a disciplina trabalhando com o elemento fogo, eis que surge o ser rastejante, rastejava pelos cantos da sala, não interagiu com ninguém, era o momento da descoberta do ser, essa por sinal, foi a pergunta feita pelo Professor Robson: Que ser é esse que rasteja? Senti-me como um animal, este em alguns momentos se transformava ou queria se transformar em humano. Era uma energia diferente, sedutora, misteriosa, forte, desconhecida. Ao final da aula, na roda de conversa, o Prof. Robson, diz para ficarmos atentos aos sinais que poderíamos receber durante o dia a respeito do arquétipo que estávamos pesquisando. Incrivelmente ao sair da sala, chegando à cantina do Deart, tinha uma cobra, rastejando pelo departamento, no momento não associei ao que tinha vivido na aula, porém ao chegar em casa e recordar tudo o que havia acontecido, entendi que aquele foi o primeiro sinal.

O laboratório seguinte foi o da água, a serpente começou a dançar, a pulsar em mim, porém neste laboratório, a mulher serpente, cedeu espaço para a mulher mãe, esta por mim já conhecida, era o momento de cuidar. Encontrei-me com Bebel e Fernanda, cuidei delas, elas se permitiram ser cuidadas, existiam flores na sala e elas curavam. A certeza da mulher mãe veio, quando Maria Flor entregou-me uma criança (no dia anterior, quando estava prestes a viajar de Montanhas para Natal, minha filha Ágata me deu uma flor). Fui mãe, sou mãe. Dancei a dança das Flores com Andreza, cuidando, protegendo, amando.

Do laboratório da água ao da Terra, a maternidade ainda pulsava em mim. Fui árvore, vida, terra viva, que gera vida, terra fértil. Ser mãe não é apenas beleza, as vezes dói e muito, é por diversas vezes sentir-se sozinha, abandonada, após encontrar-me com Eric no laboratório, foi assim que me senti, sozinha. Isso me levou a encontrar-me com a loucura (Cléo) que me perguntava se eu ouvia algo, perturbava. Da solidão e da loucura, a certeza do amor de mãe quando encontrei João Vitor e Mariclécia, uma criança especial que precisava de cuidado e uma mãe cansada, machucada da vida. Cuidei, protegi os dois, mais uma vez fui mãe!

O Ar me revelou a transformação, filha que é mãe, que é mulher, que é sedutora, que é serpente e tantas outras. Dancei/Serpenteei com o tecido, este era alguém e eu dancei para e com ele, porém o ser/tecido foi diversas vezes trocado com Cléo, Alice, João Vitor. Revelando assim, a necessidade do novo e de deixar o que não nos faz bem ir embora.

Enfim é chegado o momento de mais uma vez encontrar-me com o fogo, desta vez de forma mais intensa, o fogo estava a queimar na sala, uma imagem pedida pelo professor Robson também estava lá. Dancei para o fogo, foi o momento da mulher serpente de novo surgir. Queimei, serpenteei, tremi, dancei, seduzi, encantei, sufoquei. Um demônio? Uma Deusa? Uma Serpente? Sim. Os três em um único ser, após pesquisar sobre o arquétipo que

estava acessando, descobri Lilith, em algumas mitologias, ela é uma serpente, em outras uma Deusa, e em outras um demônio, conta-se que Lilith foi criada igual Adão, feita de Barro, ela porém não aceitava ser submissa a ele e no ato sexual não aceitava ficar por baixo dele, já que eles tinham sido feitos do mesmo pó (iguais). Lilith deixa o paraíso, sendo vista assim como um demônio, como a serpente que ofereceu a maçã a Adão, fazendo-os pecar. Um dos movimentos que realizei nos laboratórios era ficar em cima das pessoas sufocando-os, e assim, encontrei uma imagem de Lilith realizando o mesmo movimento.

Das tantas mulheres que gritam em mim, a serpente me revela a mulher que não aceita ser submissa, que não aceita ser dominada, que por diversas vezes discorda das "leis" impostas pela sociedade, da mulher que vai contra com o fluxo. Ela não é tão boazinha, não é só mãe, não é só filha, que mesmo sendo mãe, é sedutora, briga, que vai pra luta, é doce, amável, mas que também é forte. Encontra-se com uma outra mulher/serpente, tornando-se uma cobra de duas cabeças, assim elas são mais fortes, juntas somos mais fortes.

Atuação III foi uma disciplina a revelar as tantas mulheres que existem em mim, a me fazer começar a entender que sou sim essa mulher que guarda diversas outras consigo. Por diversas vezes nos laboratórios, consegui associar um jogo que estava acontecendo com um fato real da minha vida, cheguei a perguntar a alguns amigos se isso era normal ou se eu estava ficando louca, descobri que sim, é normal. É a magia, o encantamento, o teatro ritual, a mitologia pessoal. Algumas coisas só consigo entender agora quando paro para escrever, quando fui ler meu diário de bordo, perceber que tantos encontros se repetiram, o quanto o teatro é revelador, quando se está aberto, disponível. A disciplina foi encerrada, porém o processo de descoberta apenas começou.

Assim, Lilith foi sendo desvelada, seus primeiros sinais surgiram desde a primeira aula da disciplina de atuação III, mas foi no decorrer do semestre (2015) que fui compreendendo que ser era aquele, a partir dos laboratórios, dos trabalhos com elementos, dos textos lidos, quando podíamos refletir sobre as vivências laboratoriais, entendendo as figuras que foram aparecendo durante o processo, que elemento desperta o quê? Lilith é filha do fogo, com seus seios à mostra, sua língua afiada, o poder no meio das pernas e o antídoto também. Fazendo-me reencontrar com a Raquel que dança, luta, goza. Que havia dado espaço para a Raquel Mãe.

A escritora e socióloga mexicana, Marta Robles, destacada na literatura contemporânea mexicana, produtora de uma literatura transgressora, com forte poder imágético, produziu uma obra firme e de grande interesse. Em seu livro, *Mulheres, mitos e deusas* (2019) escreve sobre importantes mulheres escolhidas por ela, que de alguma forma marcaram a história, para assim discutir e refletir sobre a condição humana, sob o olhar feminino em relação à história dessas mulheres. Sobre a figura de Lilith e sua potência sexual, Robles (2019, p. 35) nos diz:

> Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina, que transmigrou para o judaísmo pós-bíblico, a partir da mitologia da antiga Suméria como a primeira mulher de Adão, como ele criada do pó e insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar

> no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta fragilidade de Eva.

Desde o meu primeiro encontro com essa força poderosa que é Lilith como bem fala Robles, que se coloca de igual para igual com o homem, teço uma relação de intimidade com Lilith, ela me mostra possibilidades de fazeres artísticos, poéticos e políticos relacionados às lutas feministas, a partir dos meus trajetos pessoais, enquanto mulher na sociedade patriarcal. Lilith se faz presente, me guarda e me rege. É uma força transgressora, que me convida para dançar, lutar, gozar.

O arquétipo da Grande Mãe como nos fala Erich Neuman, psicólogo analítico conhecido pelos seus estudos acerca do desenvolvimento feminino, escritor do livro, *"A Grande Mãe – Um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas no inconsciente"* (2021) onde nos apresenta uma potente reflexão:

> O termo "Grande Mãe", como aspecto parcial do "Grande Feminino", é uma abstração posterior, que já pressupõe a existência de uma consciência especulativa altamente desenvolvida. Inclusive, a designação do Grande Feminino como *magna mater* surge relativamente tarde na história da humanidade. Ela, no entanto, já era venerada e representada em imagens milhares de anos antes de esse termo ter aparecido. Mesmo numa designação relativamente tardia como essa, está evidente que não é meramente conceitual a combinação das palavras "mãe" e "grande", mas que esta consiste na reunião de símbolos coloridos pelo emocional. "Mãe", neste caso, refere-se não só a relação de filiação, mas também a uma complexa condição psíquica do ego, da mesma forma que o termo "grande" expressa o caráter simbólico de superioridade que a figura arquetípica possui em comparação com o que está presente em todos os homens e, aliás, em todas as criaturas (Neumann, 2021, p. 26).

Compreendo assim a Grande Mãe, como força geradora da vida, parideira do mundo, que carrega em si a potência criadora dos animais, das matas, da colheita, de cada ser vivo, mas que também chora e honra a morte. Força que tem transitado em mim há onze anos, quando passei pela experiência de virar bicho, de me contorcer, rasgar, expandir, pousar no estado do "entre" consciente e inconsciente, minha corpa se ampliou e deu passagem para a vida, experienciei os estados de transformação, força, poder, profunda inteligência de uma *corpa* criadora.

Sobre o uso da palavra *corpa* (feminino) ao vez de corpo (masculino), a Professora Dodi Tavares Borges Leal, que é curadora, crítica, performer, iluminadora teatral, ativista trans, professora do curso de artes cênicas UFSB e PPGAC/UDESC, nos ensina:

> Ao dizermos que um corpo é uma corpa, por exemplo, colocamos em risco as cosmologias sociais fracassadas de genitalização do gênero. A definição de mulheridade não é vaginal; a definição de masculinidade não é fálica. Pau de mulher e vulva de homem são configurações corporais que não se filiam ao temário da diverCISdade: somos pessoas gênero-desobedientes. E, no que se refere à teatralidade, toda sua história cispatriarcal é convocada aqui a reinventar-se *de trans pra frente*: **do TEATRO para a TEATRA** (Leal, 2019, p. 1, grifo da autora).

Dodi Leal[4], se utiliza da palavra *corpa*, como forma de (re)existência, para gerar reflexão a partir da *corpa* transgênera na cena, pensando a teatralidade enquanto cis e patriarcal, nos fazendo refletir e questionar quanto a presença dessas *corpas* no fazer artístico. Nesta gestação em percurso, falo do lugar de mulher cisgênera, entendendo que as experiências vivenciadas por mim e pela professora Dodi Leal são diferentes no que diz respeito a ser mulher, a construção do nosso feminino se deu de forma diversa, o feminino é diverso, tornar-se mulher é algo múltiplo. Compreendo que meu lugar de fala não é o mesmo da Dodi, mas nos encontramos lado a lado no mesmo campo de batalha, aguerridas, juntas pela queda do patriarcado. Usarei a palavra *corpa*, em vez de corpo, como forma de TRANSgredir a linguística machista, TRANSpassando a palavra com subjetividades, questionamentos e assim como Leal, (re)existência.

Desde o dia em que pari minha filha, a Grande Mãe se faz presente, circulando em mim sua forma uno – a Mãe terrível e a Mãe bondosa (Neumann, 2021). Venho nesses onze anos de maternidade, me redescobrindo constantemente, experienciando o amor e o dissabor de uma maternidade solo, buscando formas de (re)existência, para não "morrer" em vida, silenciada e sozinha, sendo obrigada a assumir uma maternidade que não é a minha, que não faz sentido para mim, agindo a partir de um ideal de maternidade que nos é imposto. Quando de fato compreendi a potência que sou e o poder de transformação que carrego, passei a buscar, a descobrir a minha maternidade, a que faz sentido para mim, dentro da minha realidade, do meu contexto, do que acredito e luto, sendo a mãe que dou conta de ser. Essa busca não é tão simples, é um processo por vezes doloroso, na qual sou questionada quanto ao meu amor e minha

[4] Professora do Centro de Formação em Artes (CFA) e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) - Campus Sosígenes Costa (CSC) - Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na área de Artes Cênicas. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (mestrado profissional) - PPGER/UFSB e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT/UDESC. É co-coordenadora do 'GT Mulheres da Cena' da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Líder do Grupo de Pesquisa 'PEDAGOGIA DA PERFORMANCE: visualidades da cena e tecnologias críticas do corpo' UFSB/CNPq e vice-líder do Grupo de Pesquisa 'Protocolos de Convivialidade' UEM/CNPq. Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), com estágio doutoral no programa de Doutoramento em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, concentração na área de Estudos Teatrais e Performativos. Licenciada em Artes Cênicas (CAC/ECA/USP) (Escavador, 2022a).

dedicação à minha filha, como se a minha forma de viver a (MINHA) maternidade estivesse errada, mas eu sigo buscando, descobrindo, propondo novas formas de vivenciá-la.

O primeiro estágio do meu processo materno foi a raiva. Constantemente sobrecarregada, cansada, tendo que me abdicar da Raquel que eu conhecia. Sozinha com uma cria totalmente dependente de mim. Em seguida veio a dor, não podia permanecer integralmente dedicada à minha filha, a vida acontecia fora das paredes do meu quarto e eu, com uma filha para alimentar, educar e criar "sozinha". Assim como o parto que há três meses eu tinha experienciado, precisei partir, retomar parte da minha vida antes da maternidade, apesar do desejo de retomar a vida conhecida, a minha carne doía, meus peitos transbordavam leite e doíam. E em meio a dor, eu parti para reencontrar um desejo anteriormente realizado: o curso de Licenciatura em teatro[5], o ensino superior ainda não vivenciado pelas mulheres da minha família.

Retornei para o lugar onde deveria estar, apesar da dor da saudade da minha cria, do medo da distância, na cena artística teatral, vivenciei o estágio de potência, poder e força. A minha raiva e minhas dores - que nunca foram só minhas - se tornaram potência quando na cena artística começaram a ser paridas, figuras co-relacionadas à minha experiência enquanto mulher, mãe solo, artista e feminista que fui me descobrindo ao longo da jornada. A Grande Mãe me fecunda, transita, circula em mim, enquanto força criadora, se faz presente agora neste processo de pro–cria(r)ção deste trabalho dissertativo, apresentando a corpa materna, enquanto criadora de sonhos, projetos, desejos, vida. Mas imersa também em dores, incertezas, inseguranças – compreendendo a maternidade solo, como política e poética, para a cena artística.

No colo dos feminismos, fui acolhida, encontrei um espaço onde meus questionamentos não eram só meus, faziam sentido, não eram "pirraças", nem muito menos algo para chamar atenção, eram da Raquel menina que um dia fui.

Convoco aqui bell hooks, célebre escitora, feminista negra norte-americana, que utilizou de sua própria vida, fonte de seus primeiros estudos sobre raça, classe e gênero. Em seu livro "*Feminismo é para todo mundo"* (2019) a escritora diz:

> Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão. Essa foi uma definição para

[5] O curso é uma Licenciatura em Teatro e foi implantado em 2006, a partir de um conjunto de ações críticas sobre a formação de profissionais para o Teatro, para atuarem no Rio Grande do Norte e no Nordeste. Antes do atual curso de Teatro, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tinha o curso de Educação Artística, e a formação de artistas e professores dessa área ocorria através da Habilitação em Artes Cênicas, nesse antigo curso.

> feminismo que apresentei há mais de dez anos no livro Feminist Theory: From Margin to Center. Naquele momento, minha esperança era de que essa se tornaria uma definição comum, que todo mundo usaria. Eu gostava dessa definição porque não deixava implícito que homens eram inimigos. Ao indicar o sexismo como o problema, ela foi bem no xis da questão. Na verdade, essa definição deixa implícito que todos os pensamentos e todas as ações sexistas são problemas, independentemente de quem os perpetua ser mulher ou homem, criança ou adulto. Também é ampla o suficiente para incluir a compreensão de sexismo institucionalizado sistêmico. Como definição, não é conclusiva. Sugere que, para compreender o feminismo, uma pessoa precisa necessariamente compreender o sexismo (hooks, 2019, p. 16).

A partir do que diz bell hooks (2019), compreendo que as "minhas" questões são reivindicações, lutas de corpas em busca de existência, sobrevivência, mudança de posição, de ser compreendida como igual, não inferior ao masculino. Por sua vez, potente, capaz, forte, inteligente, potencialmente orgástica, cíclica, poderosa, transformadora, misteriosa, que carrega o dom da vida, mas que, ao longo dos trajetos históricos, vem sendo inferiorizada, despotencializada, violentada, controlada por um sistema que se favorece e cresce do seu lugar de poder: o Patriarcado. A ressurreição feminista está acontecendo e vem atravessando as mais variadas áreas da sociedade, inclusive a arte.

Na cena artística teatral, consegui me (re)descobrir enquanto potência, me (re)encontrar com a Raquel antes da maternidade, enxergando nela, coragem de enfrentar o mundo, fiquei cara a cara com Lilith e como em um espelho d'água, me vi refletida, iniciou-se um processo de retroalimentação de ambas: eu e Lilith. Ao me deparar com a mitologia pessoal (Feinstein; Krippner, 1992) revelada em cena, me vi transformada, e comecei a compreender a potência que existe na maternidade, que carrego em mim, sentindo a energia poderosa da Grande Mãe circular em minha corpa. Não conformada apenas em ser a "Raquel Mãe", mas buscando me afirmar enquanto tantas que sou, numa batalha permanente de (re)existir para além da maternidade.

F(r)icionando (Lyra, 2014a) essas forças, potências, nasce: Mãe Selvagem, uma figura parida por mim, fecundada por tantas outras que sou, pelas minhas ancestrais, pelo caos poderoso de Lilith, pelo poder transformador do mistério da vida, da Grande Mãe, fertilizada pelas lutas feministas.

Sobre f(r)icção, diz Lyra (2014a, p. 177):

> Pressupõe a atuação num plano liminar entre o real e o ficcional, a atuação de um ator de f(r)icção, um ator-cartógrafo, que vai traçando paisagens na relação com "o outro". Longe de seguir uma reta de fatos, essa cartografia revela-se em pedaços, em justaposições instáveis, onde a realidade não é um dado somente, a realidade transcende, atingindo a subjetividade dos sujeitos.

Nessa dança fértil, sou fecundada com os saberes da Professora PhD. Luciana Lyra (2015, p. 18) e seu processo de criação *Mitodologia em Arte:*

> O trabalho com a Mitodologia em Arte, mas do que uma tentativa de implementação de um método, desvela intenções do pensamento contemporâneo na restauração da imagem e do mito como molas propulsoras do reconhecimento de si, assim como a performance enquanto meio ritual de expressão destas imagens, no estímulo à cena comprometida com a 'remitologização' do mundo.

A *Mitodologia em Arte* se faz presente, a partir das minhas vivências, experiências enquanto mulher, mãe solo, artista, professora de artes, feminista, uma corpa afetada pelas imposições do patriarcado, que diz que uma mulher mãe não pode ser sensual, sexual, colocam a maternidade no lugar de santidade. Anulam nossas potências e nos reduzem ao ato da reprodução e do cuidar. Despotencializam a sabedoria, a força, o poder das nossas corpas criadoras.

Reconhecendo-me nos mitos de Lilith e da Grande Mãe, vou gerando descobertas partindo de mim, em relação com o mundo, busco atingir o que a professora Luciana Lyra vai chamar de "teatro de profundidades", imarginal, interessado no que está "dentro", no que faz eclodir pulsões pessoais da artista, dá sentido e significado ao que vem de dentro, de campos profundos da artista em jogo. F(r)iccionando (Lyra, 2014a) suas pulsões pessoais ao mito-guia que será condutor nesse processo de criação e estará intimamente ligado, assentado às profundidades da artista. Por sua vez, não psicologizando esse processo, mas gerando descobertas, potências, politizando a questão que até então estava no pessoal e ampliando para o campo social.

Na *Artetnografia* (Lyra, 2011a) o meu campo de trabalho é o Sítio Cajueiro – Pedro Velho – Montanhas, zona rural, do interior do Rio Grande Norte, onde estão as minhas vivências de criança e adolescente, as histórias de (re)existência da minha família, relatos de preconceito sofrido pela minha mãe e minhas tias, e em tempos seguintes, experienciados por mim, que fui impulsionada a serpentear mundo a fora e tenho chegado em lugares que nem uma outra mulher da minha minha família chegou. "A menina do sítio" tem ocupado lugares que até um tempo atrás estavam muito distantes. Importante lembrar que, não ocupo esses lugares sozinha, seguro na mão da minha vó, da minha mãe, das minhas tias, as honro. E abro os caminhos para aquelas que vieram depois de mim.

Convido também para essa dança, Bárbara Koltuv (2021) em seu livro "O livro de Lilith: O Resgate do lado Sombrio do Feminino Universal", no qual fala sobre as várias versões

mitológicas do mito de Lilith, e por que tentou-se tanto banir e mantê-la afastada da história. Por sua vez, sua presença tem se feito cada vez mais presente e seu mito ganhando novas interpretações e significados. Erich Neumann (2021) "A grande mãe: Um estudo histórico sobre os arquétipos, os símbolos e as manifestações femininas do inconsciente", em que o psicólogo analítico nos fala sobre as formas do feminino de manifestar as representações do feminino universal, nos presenteia com um vasto estudo sobre o arquétipo da Grande Mãe.

Valéria Fabrizi Pires (2008) "Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade", versa sobre os arquétipos de Lilith e Eva, traçando relações com as mulheres na sociedade atual, discutindo os papéis dos feminismos na sociedade contemporânea; Robson Haderchpek (2016) "A Poética dos Elementos e a Imaginação Material nos Processos de Criação do Ator: Diálogos Latino" – Americano, em que o Professor nos fala como utiliza os elementos "fogo, água, terra e ar" para a preparação de atores, e no processo de criação do "Arkétypos Grupo de Teatro", grupo coordenado por ele na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nancy Qualls-Corbett (1990) "A prostituta sagrada: a face eterna do feminino", analista junguiana, nos fala de um tempo em que a Deusa era honrada e reverenciada enquanto ser unificado – espírito e matéria, sexualidade e religião inseparáveis, potentes; Elisabeth Badinter (1985) "Um Amor conquistado: o mito do amor materno" a autora nos fala e questiona a ideia do amor materno romantizado, a presença da mãe em nosso inconsciente coletivo e a identificação com Maria, símbolo de maternidade que deve ser seguida. Geogiane Vásquez (2014) "Maternidade e feminismos: notas de uma relação plural", aborda a construção da maternidade, trazendo reflexões potentes das influências da religião, da medicina e de como os feminismos têm pensado a maternidade; Martha Robles (2019) "Mulheres, mitos e deusas: o feminino através do tempo", no livro, a autora faz uma análise dos arquétipos, dos mitos que foram construídos acerca das mulheres; Merlin Stone (2022), uma das maiores referências em teologia feminista, escritora e artista acadêmica norte-americana, em seu livro "Quando DEUS ERA MULHER" ela nos fala de períodos históricos em que a religião da Deusa foi real, de como aconteceu a passagem da Deusa para Deus, nos faz entender o quanto a religião tende a espelhar a cultura dominante. Silvia Federici (2019), ativista feminista, filósofa, escritora e professora. Ao longo do tempo escreveu sobre temas como, filosofia, teoria feminista, educação e cultura de mulheres. Em seu livro, *"O ponto zero da revolução"*; convido Márcia Tiburi (2018), Doutora em Filosofia e Pós-Doutora em Artes, escritora, que investiga a Estética e Política, e no ano de 2018, deixou o Brasil após sofrer ataques e ameaças de morte pela extrema direita. Em seu livro, *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Para juntes gestarmos

essa cria, ainda fetal, e logo mais parí-la no mundo.

Danço, e honro também minhas ancestrais que gestam essa cria comigo, compartilho essa cria(r)ção com outras corpas, e escrevo juntes a outros úteros. Pensando o útero para além de sua visão utilitarista e reducionista no ato de ser mulher, mas, como fonte de criação, vida, possibilidades. Não deveria a sociedade ter assumido uma lógica matricial?

Acredita-se que as sociedades originais organizavam-se por meio de um sistema matrilinear. Stone (2022, p. 39) nos diz:

> Nesse caso, a mãe seria vista como a única progenitora da família, a única produtora da geração seguinte. Por essa razão, era natural que as crianças tomassem o nome da tribo ou do clã da mãe. Os relatos da descendência seriam mantidos pela linhagem feminina, de mãe para filha e não de pai para filho, como é o costume atual na sociedade ocidental. Esse tipo de estrutura social geralmente é mencionado como matrilinear, isto é, baseado no parentesco com a mãe. Em culturas como essa (encontradas em vários povos "primitivos" mesmo hoje em dia, bem como em sociedades historicamente atestadas na época da Grécia clássica) não só os nomes, mas também títulos, posses e direitos territoriais são transmitidos pela linhagem feminina, e assim podem permanecer dentro do clã familiar.

Continua:

> Hawkes observa que na Austrália, nas áreas onde o conceito de paternidade ainda não era compreendido, "muita coisa demonstra que a descendência matrilinear e o casamento matrilocal [o marido se muda para a casa ou vilarejo da família da mulher] eram generalizados e o status das mulheres era mais alto". Ela descreve que esses costumes ainda prevalecem em partes da África e entre os dravidianos da Índia, e há vestígios deles na Melanésia, Micronésia e Indonésia (Stones, 2022, p. 39).

As mulheres tinham voz ativa na comunidade, eram símbolos de grande importância, a organização da comunidade se dava de forma horizontal, a estrutura se baseava de acordo com o que as mulheres pensavam, elas eram as geradoras de vida. E como não se sabia muito sobre a questão da reprodução, atribuiu-se à figura da mulher ao da Deusa. Com o passar dos anos, os processos evolutivos e as transfomações, a Deusa perdeu seu posto, a corpa com útero foi dessacralizada, tornando-se apenas utilitarista, houve assim, a exploração das corpas das mulheres cis.

Penso o útero para além da sua função reprodutora, pois compreendo sua força de cria(r)ação. Criar projetos, sonhos, desejos, criar possibilidades de existência, de se refazer, de lutar.

Pensemos o útero como um órgão criador.

A partir desse pensamento, proponho apresentar esta gestação/trabalho em 4 capítulos,

os quais chamo de “partos”, pensando o parto como: portal, partida, passagem, fim e recomeço. No primeiro parto, volto ao locus da minha cria(r)ção, que foi tecida pelo afeto e luta das mulheres que me abriram os caminhos; no segundo parto, será parida Lilith; no terceiro parto, será parida a Grande Mãe; e no quarto parto, parida da f(r)icção de dois mitos, da minha mitologia pessoal, do processo de criação em Mitodologia em arte, dos feminismos e de arte, nascerá: Mãe Selvagem.

1º CAPÍTULO – PRIMEIRO PARTO

Memorial do Desejo

Para seguir, preciso retornar ao locus do meu desenvolvimento, dos primeiros cuidados, dos primeiros passos, da cria(r)ação[6]. Aqui é o início de uma gestação muito desejada e para que possa seguir, eu preciso voltar ao útero da minha história, rememorar onde e como se deu a fecundação.

Assim diz Lyra (2020, p. 7):

> A este exercício chamo memorial do desejo, que nada mais é do que um movimento primal da escrita calcado na memória pessoal, na busca de instigar a pesquisadora e o pesquisador a um processo de construção de autoimagem, uma autorreflexão diante da sua própria pesquisa, etnografando biograficamente de onde parte o interesse de investigação, visualizando onde emergem as imagens da pesquisa ao longo de suas vidas.

É fecundada nesse exercício proposto pela Profª. PhD. Luciana Lyra "Memorial *do Desejo*", que iniciou minha jornada de volta ao útero, indo ao encontro da Raquel que um dia fui, e descobrindo o que ainda carrego comigo, reconhecendo os atravessamentos primários que me fizeram chegar até aqui. Pois, se hoje sou uma mulher professora de artes, mãe solo, artista e feminista, é porque outras mulheres me gestaram e maternaram para que eu pudesse sonhar, ousar, criar, procriar, estudar e subverter.

Ao chegar no útero, encontro Dona Nega ou Dona Maria Roque Guedes, minha avó (Figura 1).

[6] A ideia de brincar com a palavra é que ela não se limita ao ato de criação artística, mas criar vida, movimento(s), lutas, possibilidades.

Figura 1 - Casa da minha Avô Materna – Dona Maria Roque Sobrinho Guedes – Sítio Cajueiro – Pedro Velho – RN

Fonte: Acervo Pessoal (2020).

“Da cepa brotou a rama,
da rama brotou a flor,
da flor nasceu Maria, de Maria o Salvador”
(Reinaldo Veloso)
Salvadora!

De Maria nasceram 11 criaturas, seis são mulheres. Francisca, Maria de Lurdes, Maria das Graças, Adriana Maria, Marinalva, Maria das Dores. Da primogênita de Maria, eu nasci: primeira filha, primeira neta, primeira sobrinha. Primeira a subverter a ordem, questionadora, com um passo à frente do seu ninho. Seria eu, a salvadora? Seria eu, a responsável por tentar salvar essas mulheres da dor causada pelo patriarcado? Esse lugar é denso de ser ocupado, nós salvamos quem quer ser salvo, ou quem entende que precisa de salvação, quem não aceita mais a gaiola. Porém, sair de um sistema tão bem articulado, de crenças tão arraigadas, não é fácil, “salvar” quem já está mergulhada neste pântano lamacento, pois, a lama é densa, pesada e pra sair dela é preciso deixar uma parte que foi construída ali, naquele lugar; crenças, certezas, amores, apegos. Não sei se de fato, minha função nessa roda é salvar, mas por sua vez, provocar, questionar, lutar, acolher, desaguar, eu sei que vou. Aquelas da qual sou parte, são flores e luta.

Eu voei, porque elas abriram o caminho para que eu pudesse alçar. Às vezes é preciso mostrar ao pássaro engaiolado que a porta da gaiola está aberta e ensiná-lo novamente a voar. Talvez, essa seja minha função.

Sou forjada em uma família matrelinear, minha (trans)formação se deu pelas mãos, palavras, pelos afetos, pela sabedoria e inteligência de muitas mulheres. Minha mãe, minha vó, minhas tias. Elas me regaram com seus saberes e fazem isso até hoje. Apesar da predominância das mulheres na família que ocupa lugares de liderança e força (mergulhada em minhas memórias de menina, é nesse lugar que sempre percebi, percebo e coloco minha vó, minha mãe e minhas tias), em um contexto geral, ELAS não estavam de fato ocupando esses lugares, pelo contrário. Estavam em "segundo plano", o lugar de servir, de cuidar, era algo muito presente, que só consigo ter consciência disso hoje, depois de adulta, de perceber como o patriarcado age, de como é nocivo para nós mulheres, do quanto nos afeta emocionalmente e intelectualmente.

A partir dessa reflexão acerca do (segundo) lugar já preestabelecido para nós mulheres, lembro-me dos estudos de Silvia Federici, em seu livro, *"O ponto zero da revolução"*, (2019, p. 44-45) ela nos diz:

> Tal qual Deus criou Eva para dar prazer a Adão, assim fez o capital criando a dona de casa para servir física, emocionalmente e sexualmente o trabalhador do sexo masculino, para criar seus filhos, remendar suas meias, cuidar de seu ego quando ele estiver destruído por causa do trabalho e das (solitárias) relações sociais que o capital lhe reservou. É precisamente essa combinação particular de serviços físicos, emocionais e sexuais que está envolvida no papel que as mulheres devem desempenhar para que o capital possa criar a personagem específica da criada que é a dona de casa, tornando seu trabalho tão pesado e, ao mesmo tempo, tão invisível.

Essa reflexão de Silvia Federici, para mim é um manifesto. O que para mim parecia ser um lugar de poder assumido pelas mulheres da minha família, eram/são acúmulos de responsabilidades, onde nós mulheres somos sempre colocadas, e sem reconhecimento pelo trabalho e cuidado exercido diariamente, constantemente, e ainda somos inundadas pelo sentimento de culpa quando não conseguimos dar conta do que teoricamente seria nossa função resolver. Não importa o quanto façamos para o sistema patriarcal, nunca seremos "boas" o suficiente.

Minha avó materna passou 11 anos da vida dela grávida, minha corpa chega a estremecer quando penso nisso, por mais romântico que seja a construção do gestar e maternar, não é uma construção real. É difícil, doloroso, incerto, é muitas vezes não se reconhecer mais naquela corpa, não se saber quem é. E antes que minha avó pudesse me dizer o quanto foi difícil

gestar, maternar, educar, cuidar dessas 11 criaturas, eu já imaginava e me compadecia dela, até que um dia em uma conversa, minha avó me conta da sua experiência de ter parido tantos filhos: "*Minha filha, eu amo cada um dos meus filhos e das minhas filhas, mas se eu pudesse escolher, eu não teria tantos filhos. Não dava pra cuidar direito de todos, nem bem eu paria, já estava grávida de novo. Era eu doente, feito uma cachorra em cima de uma cama, e tendo que me deitar com seu avô. O meu filho que morreu bebê, morreu de doença, naquela época era difícil cuidar".*

Essas palavras da minha avó me acertaram como uma flecha, bem no meio do peito. Não consegui dizer absolutamente nada para ela, apenas a abracei, acolhi as suas palavras, e a dor que foi derramada. Senti. E ainda sinto, toda vez que rememoro esse desaguar, e de um certo lugar me sinto honrada por ela ter me confiado esse desabafo que veio também com uma justificativa e afirmação de seu amor pelas suas filhas e filhos. Eu sei, vovó, que a senhora ama muito cada uma delas e deles, eu tenho certeza do seu amor, isso não tem nada a ver com o seu sentimento, tem a ver com um sistema opressor, doente, que nos causa dor e normaliza o sofrimento.

Obrigada, vovó, por partilhar comigo a sua dor que não é só sua, é minha também, me coloco no front[7] para que outras de nós não sejam obrigadas a se deitar com ninguém, que entendam que o lugar de estar por baixo não nos pertence. Que possamos dançar assim como a senhora gostaria de ter dançando. Assim me disse minha Avó: *"Eu adorava dançar forró, mas meu pai não me deixava sair para dançar, mesmo eu sendo mais velha, eu só podia sair se algum irmão (homem) fosse comigo. Foram poucas as vezes que consegui fazer isso."* Dançarei com a senhora e pela senhora o tanto que minha *corpa* aguentar.

Costumo dizer que meu primeiro encontro com os feminismos - correntes filosóficas, políticas e sociais de luta pelos direitos das mulheres - se deu pela minha mãe, Franscisca ou Nana, por uma via indireta, guiada por instinto e sabedoria, pois minha mãe não sabia o que era o movimento feminista, mas sua experiência de vida e sua percepção de mundo a levava a me dizer: "*Estude, estude muito, para nunca depender de homem nenhum! ".*

Ao refletir sobre essa frase dita pela minha mãe ainda na minha infância, e que foi repetida por tantos anos seguintes, convido Márcia Tiburi, em seu livro, *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2018, p. 14) onde nos fala:

[7] Substantivo masculino [Militar] Grupo de pessoas que, num confronto militar, segue na frente; na linha de frente. [Por Extensão] Posição imediatamente à frente em relação a algo ou alguém.

> Tenho a impressão de que, de algum modo, devemos nosso feminismo a nossas mães e avós mesmo quando elas não se diziam, e talvez nem fossem, feministas. Com elas, estamos inscritas como mulheres – ou como pessoas em geral que se afirmam como feministas – em uma história que não começa e nem termina em nossa mera vida. Elas fazem parte da nossa biografia. Em nome das nossas antepassadas, diretas ou não, nos tornamos feministas porque houve mulheres que foram duramente oprimidas, mas também porque no passado existiram lutadoras incomuns, pessoas que se tornaram exemplos, mulheres a quem devemos nosso lugar. Estamos unidas às feministas do passado e, desse modo, às do futuro.

Lembro-me bem do exato momento em que minha mãe me disse pela primeira vez, de tantas outras vezes, que eu tinha que estudar, para nunca depender de homem nenhum. Eu devia ter entre 6 e 7 anos, estava sentada em seu colo, toda arrumada com a minha roupa preferida: um conjunto de saia e blusa vermelha com xadrez, meia calça branca e sapato branco. Ela estava com os cabelos molhados, com os olhos encharcados de água salgada, estávamos em meu quarto, numa casa pequena no interior do Rio Grande do Norte, a primeira casa que moramos, bem simples, como costumam chamar no interior, "casa de taipa" feita de barro e madeira, dada a minha mãe e meu pai pelo meu avô materno. Outras pessoas já tinham morado nessa casa, era rebocada e pintada de azul, minha infância e adolescência foram nela (Figura 2).

Figura 2 - Casa da minha mãe e do meu pai, doada pelo meu avô materno. Sítio Cajueiro – Pedro Velho, RN

Fonte: Acervo pessoal (1998).

Não lembro se era um dia de festa, ou o que acontecia ao certo, pois só tirávamos fotos em datas comemorativas ou quando a minha mãe chamava um fotógrafo para tirar fotos minhas e do meu irmão, na intenção de registrar nossos momentos de infância. Na imagem estamos na sala de casa, mas foi no meu quarto, que eu adorava, onde ouvi minha mãe dizer pela primeira vez que eu tinha que estudar para não depender de homem nenhum, que homem não tinha nada a me oferecer, era só dor de cabeça, e lembro bem dos seus olhos lacrimejantes. Minha mãe sempre que podia, repetia isso como um mantra, eu a ouvia atenta e suas palavras foram tomando conta de cada pedacinho meu: ouvidos, pele, cabeça, cérebro, consciente e inconsciente, vulva, vagina, útero. É como se cada parte de mim tivesse absorvido as palavras da minha mãe e talvez assim começara a subversão da Raquel menina, que me acompanharia durante toda uma vida.

Não sou só a primeira filha, neta, sobrinha da minha família, sou a primeira mulher da minha família materna que saiu do seu "ninho" chamado Sítio Cajueiro, localizado no útero da comunidade da zona rural da cidade de Pedro Velho/Montanhas – RN, um lugar situado no "entre", para ir morar na cidade grande (Natal- RN) e ESTUDAR. Sou a menina que tinha o sonho de ser artista. Aquele sonho era tão forte que eu só acreditei e fui, a minha mãe sendo sempre minha maior incentivadora, acreditou muito no poder da educação, uma percepção sábia de mundo vinda de uma mulher que morava/mora na zona rural. Sua sabedoria e percepção de mundo foram, sem dúvidas, as minhas primeiras asas para que eu pudesse voar.

Minha relação com a arte se iniciou na escola, eu era a menina que estava em todas as apresentações, a que montou um grupo de dança com algumas amigas e amigos. Fazíamos várias coreografias das músicas que estavam fazendo sucesso na época, nos anos 2000: Wanessa Camargo[8], Luiza Possi[9], Kelly Key[10], mas a grande atração era mesmo Sandy[11] e Júnior[12].

[8] Wanessa Godói de Camargo Buaiz, conhecida apenas como Wanessa Camargo ou Wanessa é uma cantora, atriz e compositora brasileira, filha do cantor Zezé Di Camargo e sobrinha do Cantor Luciano Camargo (Purepeople, [2022a]).

[9] Filha de uma das maiores cantoras da Música Popular Brasileira, Zizi Possi, Luiza é uma artista versátil. Dona de uma voz apurada, passeia por ritmos que vão do pop ao jazz. Hoje com seis álbuns lançados, teve sua estreia na música em 2002, quando lançou o álbum "Eu Sou Assim". De cara, a artista já emplacou o hit "Dias Assim" (Purepeople, [2022b]).

[10] Kelly de Almeida Afonso Freitas (1983), mais conhecida como Kelly Key, é uma apresentadora, cantora, compositora e empresária brasileira. Em 2004 também estreou como diretora de arte de seus próprios shows (Purepeople, [2020]).

[11] Sandy (1983) - nome artístico de Sandy Leah Lima - é uma cantora, compositora e atriz brasileira bastante popular que durante anos cantou em dupla com o irmão Junior (Purepeople, [202-]).

[12] Durval de Lima Júnior, mais conhecido como Junior Lima (1984), é um produtor musical, cantor, compositor, músico, multi-instrumentista, ator e apresentador brasileiro. Músico desde a infância, Júnior fez parte da dupla Sandy & Junior, ao lado de sua irmã, Sandy, entre 1990 e 2007 (Purepeople, [2021]).

Foi no ensino médio que comecei a ter aulas de teatro na Escola Estadual Professora Ocila Bezerril, na cidade de Montanhas – Rio Grande do Norte, onde cursei meu ensino médio. As aulas eram ministradas por uma professora de Matemática que estava readaptada, a professora Lécia de Lima Lira. Ela havia feito alguns cursos de teatro e montou um projeto junto à escola, as aulas aconteciam duas vezes por semana, das 11h30min às 12h30min, eu e cerca de outros oito alunos ficávamos na escola depois de uma manhã inteira de aulas, lembro de esperar ansiosa por aquele momento. Nesta época, eu vivia um momento de muita inquietação e questionamentos, na qual me sentia "presa" dentro da escola, a uma cadeira, dentro de uma sala, ouvindo um professor falar coisas que para mim não faziam sentido, nem sentir. Na graduação do curso de Licenciatura em Teatro – UFRN, desenvolvi o meu trabalho de conclusão de curso, refletindo sobre a dormência dos sentidos, sobre os corpos que são aprisionados dentro do ambiente escolar, fazendo uma relação sobre a minha experiência de aluna, e que naquele momento, enquanto bolsista do PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação a Docência), percebia os alunos da escola a qual eu fazia as intervenções respectivas ao programa, vivenciavam o mesmo sistema "prisional" escolar que eu anos antes, também vivenciei. Faço a seguinte reflexão:

> Presos às regras do sistema educacional tradicional não podíamos nos movimentar, nem conversar, nem brincar, éramos aprisionados a uma cadeira nada confortável. Tínhamos que permanecer por horas sentados e calados, apenas ouvindo o que o professor que estava sempre a nossa frente tinha para nos "ensinar", pois ele era o detentor do conhecimento e eu e meus colegas éramos como jarros vazios. Já o professor por sua vez era um jarro cheio que iria nos encher com todos os seus ensinamentos que eram sempre certos. Em alguns momentos eles não faziam sentido para mim (Medeiros, 2016, p. 20).

Minha *corpa* inquieta pedia movimento e era nas aulas de teatro que eu me "encontrava", sentia minha corpa vibrar, o coração pulsar, me sentia "viva". Sentindo. O chão, as corpas, as palavras me tocavam e ganhavam amplitude, o tempo parecia encolher, enquanto eu, queria esticá-lo e ficar mais um pouco naquela dimensão que a gente construía duas vezes por semana na sala de vídeo da escola.

As aulas de teatro se tornaram um grupo de teatro: Ocilart, esse foi o nome escolhido para o grupo. Nossa primeira peça teatral foi a história de São João Batista, santo católico e padroeiro da cidade de Montanhas. O São João é uma das datas mais esperadas pela população montanhense. Sendo assim, a professora/diretora Lécia propôs a montagem de uma peça que contava a vida do santo padroeiro da cidade. A personagem que interpretei foi Salomé. Minha primeira personagem. Após dançar para o rei Herodes, Salomé pede como presente a cabeça de

João Batista.

> Mas, na festa de aniversário de nascimento de Herodes, a filha de Herodíades dançou no meio dos convidados e agradou a Herodes. Por isso ele prometeu com juramento dar-lhe tudo o que lhe pedisse. Por instigação da sua mãe, ela respondeu: "Dá-me aqui, neste prato, a cabeça de João Batista". O rei entristeceu-se, mas como havia jurado diante dos convidados, ordenou que lhe dessem; e mandou decapitar João na sua prisão. A cabeça foi trazida num prato e dada à moça, que a entregou à sua mãe (Bíblia Sagrada, 2018, Mt. 14, 6-11).

Chega a ser instigante me recordar que minha primeira personagem tenha sido uma mulher sedutora, que tentada por sua mãe pede a cabeça de um homem em uma bandeja. A trama da mitologia pessoal, que é uma das bases desta pesquisa em gestação, sendo revelada, me faz pulsar, faz sentido e me faz sentir.

Assim, os psicólogos David Feinstein e Stanley Krippner que desenvolveram estudos acerca da mitologia pessoal, como meio a nos guiar na vida, dar significado a situações e atitudes, nos faz entender que a mitologia pessoal tem origem no nosso ser, no lugar onde vivemos e que somos atravessados e construídos a partir da cultura presente, nos falam em seu livro, *"Mitologia pessoal: a psicologia evolutiva":*

> Os Mitos no sentido que damos ao termo, não são lendas ou falsidades, mas modelos através dos quais os seres humanos organizam e codificam suas percepções, sentimentos, pensamentos e atitudes. Sua mitologia pessoal origina-se dos fundamentos do seu ser, sendo também o reflexo da mitologia produzida pela cultura na qual você vive. Todos criamos mitos baseados em fontes que se encontram dentro e fora de nós e nós vivemos segundo esse mito (Feinstein; Krippner, 1992, p. 16).

Conhecer a nossa história, e tomar posse dela é algo poderoso. Ao voltar para minha história e ser colocada de frente com a primeira personagem que interpretei em cena, e encontrar relações para a minha mitologia pessoal, me faz construir uma teia de conexões potentes entre passado e presente, as experiências que vivi, as escolhas que fiz, a compreensão da força matricial da qual sou fortemente impactada, atravessada e que influencia a minha jornada, o futuro que estou tecendo agora.

Nessa teia conectiva, me encontro com a Raquel adolescente e do quanto os questionamentos sobre a realidade machista que me era imposta, já se faziam presente: "Por que os meninos podem e as meninas não?", "Por que eu não posso ter amigos homens?", "Por que é feio eu "andar" como os meninos?", "Por que todas as minhas amigas se afastaram dos amigos/amigas depois que começaram a namorar?", "Por que a virgindade é algo tão

importante?". Essas são algumas das questões que permeavam o meu imaginário adolescente e quando eu ousava verbalizar a questão, as respostas eram sempre as mesmas: "Porque sim", "Porque é assim que deve ser", "Porque está na bíblia que sexo só depois do casamento". Inclusive, a virgindade para mim não era algo da qual me sentia na obrigação de manter, recordo que para mim não era tão importante, ainda quando o conceito de virgindade fazia algum mínimo sentido. Hoje, entendo como mais uma forma de controlar as *corpas*, em especial, as das mulheres.

A menina das questões, briguenta e que "só queria ser menino". Hoje entendo e digo para as pessoas que em algum momento me disseram isso. Não, eu não queria ser menino, mas eu queria, quero e luto para ter os mesmos direitos que eles, as mesmas oportunidades, a mesma liberdade, e inclusive, não sentir medo.

Foi na universidade que descobri que as minhas questões faziam sentido. Essas, muito maiores do que eu pensava, que não eram só da menina briguenta, do contra (como costumavam me chamar), eram incômodos relacionados ao machismo que se faziam presentes, mas eu não era compreendida e também não compreendia. No ano de 2010, deixei a cidade do interior para ir morar na cidade grande, Natal – RN, para estudar Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Incitada pela minha mãe, bati asas e voei, lá estava eu, e me dei conta que as minhas questões eram também questões de outras mulheres que encontrei, um ninho de cobras, de Liliths, questionavam as mesmas coisas que eu, algumas delas já tinham até respondido alguns dos "meus" questionamentos, hoje entendo que tantas outras mulheres que já questionaram e continuam/continuamos questionando o sistema.

Lembro de, no auge dos meus 17 anos, me senti assustada diante daquele mundo de possibilidades e diferenças, menina criada no interior, na zona rural, situada entre duas cidades, Montanhas e Pedro Velho, no interior do Rio Grande Norte, a primeira mulher da minha família materna a realizar esse feito de estudar numa universidade pública, de ingressar em um curso superior, era grande a minha responsabilidade, não era só a Raquel que estava ocupando aquele espaço, mas eram também a minha vó, a minha mãe, as minhas tias, toda menina da minha família que veio depois de mim e que ainda virá. Apesar de tantas coisas novas para lidar, aquele espaço me arrebatava, me fazia pulsar, sentir, era a realização de um sonho, uma transformação na minha vida. Uma conquista "individual", porém, também coletiva.

No ano seguinte ao meu ingresso na universidade, 2011, engravidei e escondi minha gestação por 5 meses. Parir para mim foi um ato de resistência. A sensação de estar decepcionando a minha família, a minha mãe, era algo constante, tomada pela culpa, fiquei

presa a um ciclo de violências psicológicas, do qual eu era lembrada todos os dias do quanto eu iria entristecer a minha família, de que a minha vida iria acabar depois que eu me tornasse mãe, de todas as dificuldades financeiras que eu iria enfrentar com uma criança. Junto a isso ainda tinha de lidar com o sentimento terrível que me assolava e consumia por dentro: de não me sentir amando aquela criança, mas como poderia? Não conseguia enxergar nada de positivo com a chegada daquele ser que eu gestava. O que fazia eu me sentir uma mulher terrível: que mãe não ama seu filho? O que eu tinha ouvido até então, era que o amor materno surge assim que a mulher se descobre grávida, é automático, como um botão de liga e desliga, mas eu odiava estar grávida. O que eu não sabia, era que esse sentimento em relação à maternidade foi amplamente romantizado, pois de romântica a maternidade só tem essa ideia errônea e irreal para manter as mulheres presas ao sentimento de culpa e de nunca ser uma boa mãe o suficiente.

Enquanto gestava minha filha, eu gestava também a mulher que nasceria com ela. Quando minha filha nasceu, eu renasci e não estou aqui querendo romantizar a maternidade, de forma alguma é minha pretensão fazer isso. Mas, quero dizer que "tudo" começou com o parto – minha filha partindo do meu ventre, para o mundo, eu partindo e parindo um novo começo. A transformação, a renovação, uma morte seguida de vida, minha *corpa* depois de 8 meses expulsou aquela criatura indefesa, se dilatou, contorceu, sangrou, chorou, fui cortada, costurada (episiotomia) pari também a força matricial – matriarcal que há tempos eu gerava.

Pari coragem, me fiz bicho, me vi potente ao mesmo tempo louca também, comecei a entender o devaneio que é ser mãe, a dor, o dissabor, a completude, a força, o poder que tenho dentro de mim, a inteligência que minha *corpa* criadora carrega. Quanto ao amor, inclusive o materno, ele é construído, não acontece em um passe de mágica, aprendi e aprendo todos os dias a amar minha filha Ágata, pari uma mulher, isso foi e é uma das coisas mais bonitas que eu já fui capaz de realizar. Me fecundei de mim, minhas ancestrais também me fecundaram, gestei em meio a dor e ao caos, pari uma revolução.

Retornei à universidade três meses depois do nascimento da minha filha, minha *corpa* jorrava leite e lágrimas. E em meio a tanta água deixei-me mais uma vez ser fecundada pelo poder feminino que me rege e me guarda. Por meio das disciplinas cursadas no Departamento de Artes, da UFRN, me encontrei com as poéticas da *corpa* e as possibilidades que isso me trazia, dentro e fora da cena, aprendi na pele, no sentir, no pulsar, que a *corpa* fala e fala aquilo que já não cabe dentro de nós e que a nossa história, quem somos, é refletida na cena teatral, nas nossas construções artísticas. O fazer artístico mergulhado nas pulsões pessoais das artistas.

Foi nas disciplinas de Atuação III (ART0171) e Expressão corporal IV (ART0152) que vivenciei esse mergulho em mim mesma e deixei derramar na cena, então assim, fui parindo

figuras femininas: Medéia, Joana, uma Virgem, uma Santa, uma Militante, uma Mãe, Geni, Lilith. E me empoderando do poder de todas elas, me encontrei com todas e dancei, sorri, chorei, enfeiticei, queimei, desaguei, gozei e fui deixando que elas escorressem o seu gozo sem fim, deixando-o manifestar por meio, muitas vezes, de raiva, afronta, amor, dor, medo, desejo; vivendo em um processo de retroalimentação, no qual me encontrava dentro e fora de cena.

Como já mencionado anteriormente, foi na disciplina de Atuação III (ART0171), ministrada pelo Parteiro/Professor Dr. Robson Carlos Haderchpek, no Departamento de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015, que o grande encontro com aquela que faria parte em um projeto de vida aconteceu: Lilith. Dentre a metodologia trabalhada, estava o estudo dos quatros elementos; água, fogo, terra e ar.

De acordo com Haderchpek (2016, p. 5):

> Quando adentramos num processo de criação, elegemos um elemento da natureza como guia (terra, água, fogo ou ar) e deixamos que o nosso inconsciente nos revele os arquétipos provenientes daquela temática. Os personagens arquetípicos são típicos deste tipo de processo em que o ator entra num "jogo ritual" e passa a criar uma dramaturgia corporal a partir de si, a partir da sua mitologia pessoal.

Fui atravessada pela energia do fogo, a partir da chama de uma vela, senti minha *corpa* queimar, a Kundaline dançar, os seios saltaram, emergiu do fogo a serpente com seu veneno entre as pernas e o antídoto na ponta da língua. Assim, o arquétipo de Lilith foi ativado.

A analista junguiana, Nancy Qualls-Corbett, escritora do livro, *"A Prostituta Sagrada – a face eterna do feminino"* (1990) – no qual ela questiona a si mesma, onde está a prostituta sagrada nela, e assim segue em sua escrita/reflexiva desvelando essa figura arquetípica que ela nos apresenta um conceito de arquétipo relevante:

> Arquétipo é uma força preexistente que integra a estrutura herdada da psique comum a todas as pessoas. Estas estruturas psíquicas são dotadas de forte densidade emocional. O arquétipo, como entidade psíquica, é envolvido por energia que possui capacidade de ativar e transformar conteúdos conscientes. Quando o arquétipo é constelado, isto é, ativado, a liberação dessa energia específica é reconhecida pela consciência e sentida no corpo (Qualls-Corbett, 1990, p. 17).

Não existia uma fala verbal, mas o serpentear do quadril, a exibição dos seios, o poder nas pernas, no meio delas, até sufocar, um ser que vivia nas profundezas do inferno. Até aquele momento não conhecia seu mito, fui arrebatada com a sua potência, sua força. Ela, uma Deusa, um demônio, uma serpente, me chamava, fui seduzida e me deixei envenenar.

Segundo Bárbara Koltuv, analista junguiana, e que palestrou em diversos cursos na Fundação C.G. Jung sobre psicologia feminina, Lilith e entre outros temas nos falam que "Lilith, o demônio feminino noturno de longos cabelos, esquivou-se, durantes anos, a esta antologia. Finalmente, comecei a entender. Ela é uma força, um poder, uma qualidade, uma renegada. Um espírito livre. Odeia ser contida (contada) pelo verbo" (Koltuv, 2021, p. 9).

A figura de Lilith aparece em várias mitologias. Algumas a descrevem como a primeira mulher e que assim como Adão teria sido criada do barro e por isso, não aceitava se submeter a ele. No momento da relação sexual, reivindicou seu direito de igualdade, não aceitava ficar embaixo. Tendo seu pedido negado, deixa o paraíso e Deus a castiga, tornando-a um demônio. Ela também é descrita como a serpente que induziu Eva a comer a maçã do conhecimento, sendo ambas, uma o oposto da outra. A mulher do Diabo, bruxa, estranguladora de bebês, demônio que assombra jovens que ainda não iniciaram sua vida sexual. São muitas as versões dadas a essa Mulher poderosa.

Conhecer o mito de Lilith foi como me embriagar da minha própria história. Quando ficamos face a face, me vi refletida naquela figura arquetípica. Não sei se eu pari Lilith ou se Lilith me pariu, é provável que estejamos em processo de retroalimentação.

Sou também a primeira mulher a me afirmar feminista da família e acredito que até o momento, a única. Sou aquela que aos 15 anos de idade disse no almoço em família que não queria se casar, mas que um dia queria ser mãe, e que teria uma filha sozinha, teria uma "produção independente" (eu dizia que seria mãe de uma menina e assim aconteceu). Fui a primeira mulher da família a ter uma gravidez não planejada e ser mãe solo. Um ato político, social e transgressor e por que não dizer: de sobrevivência? E assim como Lilith, primeira.

Primeira? Será que minhas ancestrais não tinham, assim como eu, pensamentos questionadores? Onde elas não compreendiam por que aos homens tudo é permitido? Será que minha avó queria se casar? Ou essa foi a alternativa que lhe foi dada? Será que ela não preferia ter tido a possibilidade de sair para dançar em vez de se casar? Ou ter tido a possibilidade de estudar? Assim como eu tive? E ainda tenho. Uma vida inteira apenas cumprindo regras impostas pelo sistema patriarcal. Obediência ao pai, depois ao marido, cuidados com os filhos, com a família e fim? Talvez eu tenha sido a primeira que tive a oportunidade de escolher a vida que ia viver, as questões, as lutas, o enfrentamento foram gestados, cuidados, por aquelas que vieram antes, que abriram os caminhos para que eu chegasse até aqui. E eu as digo:

Para as minhas ancestrais...

- Por aqui, as coisas ainda estão difíceis para nós mulheres, para algumas de nós é ainda mais difícil, mas temos conquistas importantes, como o direito à educação, ao voto, ao

trabalho, podemos escolher com quem vamos nos casar, ou se queremos nos casar, temos alguns direitos garantidos, às vezes eles não são cumpridos, os homens ainda se sentem donos das nossas corpas, ainda nos violentam de diversas formas, mas nós não mais silenciamos, gritamos, fazemos denúncia, existe até uma delegacia da mulher, acreditam? Tem um movimento chamado Feminismo, os direitos que temos garantidos hoje, aconteceram por causa dele e das mulheres que fazem parte desse movimento, as feministas. Elas são mulheres arretadas, fortes, aguerridas, de luta, eu também sou feminista e Ágata, a minha filha de 10 anos é chamada de feminista pelas amigas (risos). Muita coisa ainda precisa ser transformada, a luta é diária, e muitas vezes cansa, mas permanecemos no enfrentamento, no combate, para que aquelas que virão depois de nós, tenham uma sociedade menos machista e misógina. Seguimos na luta!

Fecundo a minha pesquisa na *Mitodologia em Artes*, um caminho de criação artística, cunhada pela professora, Luciana Lyra. Novamente ela esclarece: "Mitodologia em Arte, um complexo de procedimentos de cunhos ritualísticos e míticos, que estimulam a eclosão de pulsões pessoais dos artistas, aperfeiçoando o pluralismo das imagens colhidas nas experiências ditas artetnográficas" (Lyra, 2014a, p. 168).

Meu primeiro contato com a Mitodologia em Arte aconteceu em 2017, quando a professora Luciana Lyra ministrou um componente curricular no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFRN. Na época, eu me matriculei como aluna especial do mestrado, estimulada por um amigo, Sebastião de Sales Silva[13], brincante, ator, professor, que insistia em me dizer que eu tinha de vivenciar a prática proposta pela professora Luciana Lyra. Solicitei a matrícula e consegui a vaga. A disciplina era modular, aconteceria durante uma semana, o que para mim era ótimo, pois já trabalhava como professora de artes, na cidade de Montanhas-RN, dessa forma, um componente curricular que duraria apenas uma semana era perfeito para mim. Lembro da sensação de me sentir uma tanto não pertencente àquele espaço, rodeada de pessoas já com suas pesquisas, me senti uma serpente assustada. Mas lá estava eu, ocupando aquele lugar.

Lembro de que uma das coisas que mais me marcaram, durante o percurso da disciplina, foi quando a professora falou sobre sua pesquisa realizada junto às mulheres de Tejucupapo, na zona de Nazaré da Mata, em Pernambuco, onde realizou sua pesquisa de mestrado. A professora

[13] Sebastião de Sales Silva é brincador das culturas populares, professor e pesquisador das artes da cena. Brincador de Boi de Reis, formado em Pedagogia, Teatro e Dança (UFRN), Especialista em Literatura e Cultura (UFRN); Mestre em Artes Cênicas, Doutor em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) (Escavador, 2022c).

levou um vídeo documentário para aula, contando sobre a vida das mulheres de Tejucupapo, onde acontecia a representação teatral de um fato histórico ocorrido na comunidade. O espetáculo “A Batalha das Heroínas”, sobre um grupo de mulheres que em 1646, expulsaram os holandeses que tentaram invadir a comunidade. Assim, nos fala Lyra (2011a, p. 31):

> O período de ocupação do Nordeste do Brasil, em particular, de Pernambuco, pelos holandeses, entre 1630 e 1654, foi um dos mais documentados da história do país. Apesar de diversificadas bibliografias e documentações visuais, parece contraditório que importantes personagens e episódios dessa etapa da história – como a Batalha de Tejucupapo, quando ocorreu, pela primeira vez no Brasil, a participação de um coletivo de mulheres em um conflito armado – ainda estejam desconhecidos, sejam pouco investigados ou carentes de registros precisos.

As atrizes do espetáculo são as mulheres da própria comunidade: donas de casa, agricultoras, pescadoras, servidoras públicas. Ao representarem as guerreiras de Tejucupapo e serem também frutos daquele espaço atravessado da luta heróica daquelas mulheres que são suas antepassadas, as figuras apresentadas por elas na cena e no espetáculo é algo que se aproxima da vida, da realidade, em f(r)icção às mulheres que guerrearam em 1646 (Lyra, 2011a). Ao experienciar o estado do “entre”, emergindo figuras paridas a partir da mitologia pessoal, se torna uma construção artística afetada pelo espaço, pela história daquele lugar (Feinstein; Krippner, 1992).

Fiquei inspirada por aquela construção poética, que não era necessariamente de uma personagem, mas um desvelar das profundidades pessoais daquelas mulheres em cena, na qual estavam falando de si, das suas pulsões, afetadas pela história do lugar onde foram e são gestadas. Eclode na cena teatral, o entrecruzamento de suas lutas com a batalha vivenciada por suas antepassadas.

> Passados mais de 300 anos da Restauração Pernambucana, pouca coisa mudou na Zona da Mata, onde se situa o município de Goiana e onde se localiza, por sua vez, o vilarejo de Tejucupapo. De pequenos roçados de cana-de-açúcar e um manguezal, alguns séculos mais devastados do que o existente no Brasil Colônia, extrai-se a substância de algumas dezenas de famílias. A cata de mariscos e ostras corta as mãos, prejudica as colunas e corrói a beleza das mulheres que se contam como descendentes daquelas históricas guerreiras (Lyra, 2011a, p. 31).

O meu encontro com Lilith também é desvelado a partir das minhas pulsões pessoais, uma corpa que acabara de parir em travessia, buscando encontrar um lugar que lhe caiba em sua inteireza, sem a dor de ser apartada de quem se é. E quanto mais eu caminho e experiencio

essa jornada, compreendo que não tenho expelido só as minhas dores, os meus questionamentos, mas de um feminino marcado por repressão e por um ideal de como uma mulher deve agir e ser, que foi construído socialmente e permeia o imaginário social.

No decorrer do componente curricular, ministrado pela Profª. Luciana Lyra, vivenciamos o processo com os quatro elementos, cada um ia despertando uma pulsão pessoal "diferente" das atrizes e atores envolvidos com o trabalho. Dancei, e queimei com o fogo, que já vinha mantendo uma relação instigante e potente com esse elemento desde a graduação. Por sua vez, naquele momento, fui tomada pela sensação de não pertencimento daquele espaço, era como se aquilo fosse demais para a menina saída da zona rural. Me senti como uma serpente acuada, procurando o seu destino, e nesse momento, o caminho foi o de casa. O fogo baixou, deixou de ser fogueira e se tornou brasa. Virou brasa, continuou queimando, não apagou. A semente foi plantada e precisava de tempo para germinar.

Desde 2015, a sensação é que o mito de Lilith se fazia presente de forma muito próxima e íntima a minha jornada. Em 2017 mais uma vez, por meio do processo de criação de Mitodologia em Arte, ela se apresentou, me dizendo: "Estou com você, posso te guiar nesse caminho", gerando em mim, questões não só minhas, mas que atravessam o universo do que é "ser mulher", me revirava e ainda revira, tocando naquilo que me faz palpitar. Ainda em 2017, não consegui olhá-la com a profundidade devida, não mergulhei, fiquei no raso, mas ela permaneceu comigo.

Manter a prática artística neste ano (2017) tornou-se mais difícil pelo fato de não mais morar em Natal (RN), eu fazia parte do grupo teatral Pele de fulô, os ensaios com o grupo aconteciam duas vezes na semana, sempre à noite, tínhamos uma ideia de espetáculo que acabou não dando certo, devido às demandas individuais de cada integrante, é bem difícil manter a nossa arte ativa sem ter um retorno financeiro. Paralelo a esse espetáculo que por forças maiores acabou não progredindo, o grupo tinha um espetáculo de rua, o "Tombo da Rainha", dramaturgia de Carla Pires Martins, que também era a encenadora do espetáculo e fundadora do grupo. Tinha por protagonismo a mulher, contava a história de Dona Santa, primeira mulher a comandar um maracatu na história dessa manifestação, levantando a discussão do lugar da mulher em nossa sociedade. Imbricado da cultura popular, onde a concepção cênica do espetáculo baseava-se na articulação das matrizes do Maracatu Nação, característico da cultura afro-brasileira, associadas à figura de Dona Santa.

Eu interpretava duas personagens, a "Virgem" que mantinha uma relação amorosa com o "Coroado" o vilão da história, e é abusada sexualmente por ele. E a "Santa Engolidora de Espelhos" que era uma santa protetora das mulheres e que por meio dela o dito "Coroado" é

derrotado. A Personagem da “Santa Engolidora de Espelhos” tem um lugar cativo em meu peito, sua característica do enfrentamento, sua sede de justiça em prol das mulheres, encontra muito daquilo que acredito, defendo e luto.

Alguns anos se passaram, e em 2020 - o ano em que o mundo foi acometido pela COVID-19 - em conversa com uma amiga minha, Maria Flor[14], atriz, professora de artes, mestre em artes cênicas, pedi para ela tirar uma carta do oráculo da Deusa para mim. Ela estava em Natal – RN e eu em Montanhas - RN, cerca de 98 Km de distância uma da outra, nos concentramos e mentalizamos juntas aquele momento, e para minha surpresa, a carta que saiu foi a de Lilith (Figura 3).

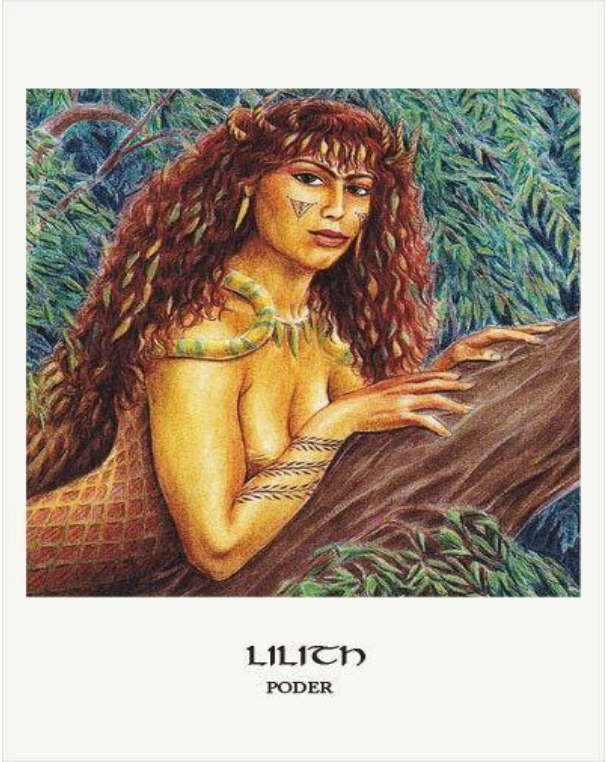


Figura 3 - Lilith

Fonte: http://martatarologa.blogspot.com/2011/02/livro-oraculo-da-deusa.html. Acesso em: 20 ago. 2022.

> Lilith aparece para dizer que você precisa reassumir o seu poder. Em que pontos você o perdeu ou desperdiçou? Que crenças você mantém que o negam? Acaso lhe disseram que uma mulher poderosa nunca encontra companheiros? Ou que mulheres não podem ter poder porque isso anularia a sua feminilidade? Você foi escarnecida, afastada ou banida pelos outros quando esbarraram no seu poder? Está com medo de fazer mau uso dele, dominando ou manipulando ou outros? Lilith diz que, agora, para você, o

[14] Maria é atriz, pesquisadora e professora. Graduada no Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2017), com experiências nas artes da cena, especificamente no Teatro, Performance e Música. Mestre em Artes Cênicas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, (Escavador, 2022d).

> caminho da totalidade está em reconhecer que não está ligada ao seu poder e, então, em segundo lugar, submeter-se e aceitar o seu poder (Marashinsky, 2021).

Foi de um significado imensurável, Lilith mais uma vez se apresentou para mim, me relembrando e resgatando o meu poder. De novo me convidando para dançar, me dizendo para não me acomodar, não ter medo de ocupar os espaços, me lembrando que sou caminho para aquelas que virão depois de mim, que sou orgulho para as minhas ancestrais que abriram caminho para que eu pudesse passar.

Lilith me lembra que é difícil compreender que o lugar de poder também é meu, pois o que está enraizado na sociedade é que esse lugar não pertence ao feminino e mesmo entendendo que isso é uma construção machista do sistema patriarcal, acabo de alguma forma sendo engolida por esse pensamento. Ao retornar ao meu ninho, pude mergulhar mais fundo no meu processo de maternidade, a escolha de voltar para casa da minha mãe e do meu pai, no Sítio Cajueiro, teve muito a ver com me sentir (mais) mãe de Ágata, necessitava estar no mesmo ninho que a minha filha, me sentir mãe por inteira (não que eu já não fosse), pois parecia que estava faltando um pedaço, e eu estava desejosa para me sentir completa nesse lugar de mãe. "As longas separações de outrora parecem-lhe insuportáveis" (Badinter, 1985, p. 211).

Olho para esta relação uterina, entre eu e o lugar/espaço onde fui gestada, maternada, acolhida e é sempre um colo onde posso repousar. Um lugar situado no "entre" duas cidades, e ao longo da minha vida geralmente esse foi o lugar que habitei. Minha avó materna, Dona Maria, já me contou que neste lugar havia muitos ninhos de cobras, que ela quando mais nova era acostumada a quase todos os dias encontrar uma serpenteando no seu terreiro, ela muito corajosa, não chamava meu avô, ela mesma travava sua batalha com a pobre cobra, que provavelmente estava mais assustada que ela. Acho simbólico, me sinto contaminada por esse espaço de ninhos de cobras, que ousam serpentear, colocando sua cabeça como alvo. Assim como a serpente (Lilith) que deu a maçã do conhecimento para Eva comer – as mulheres do meu ninho, me ensinaram a comer maçãs. E aqui me encontro com a *Artetnografia, que* é pressuposto da mitodologia em arte:

> A *Artetnografia* é pressuposto fundamental à *Mitodologia* e se desvela justamente no trânsito entre o eu e a *alteridade*, do artista ao meio. Fundada sob o mito de Hermes, e afetada da perspectiva etnográfica instável exercitada pela *Antropologia da Performance*, a *Artetnografia* busca uma orientação, um sentido, um caminho a ser percorrido através da poética, do politeísmo e das questões que estão nas profundezas de nossa alma individual e coletiva, os fragmentos mais estranhos e refratários ao entendimento (Lyra, 2014a, p. 178).

A *Artetnografia* constitui-se pela via indireta, não está interessada em representar as questões sociais encontradas em um determinado espaço por exemplo, mas sim na contaminação das/dos artistas em relação àquele espaço. Este precisa ser delimitado e cada artista se contaminará de uma forma, a partir das suas vivências e experiências pessoais.

O espaço pelo qual sou contaminada, é o lugar que hoje chamo de ninho. Onde brinquei com o pé no chão, caí e aprendi a levantar, comi fruta tirada direto da árvore. O Sítio Cajueiro - zona rural, localizado entre os municípios de Pedro Velho e Montanhas. Terra comprada com muito esforço pelo meu Bisavô materno "Vovô Bibá" e alguns irmãos. Um lugar afastado da cidade, onde durante muito tempo só morou membros da minha família, onde cresci ouvindo histórias de como era difícil para a minha mãe e as minhas tias se deslocarem a pé até a cidade para estudar, e do preconceito vivido por elas por serem desse lugar. E que anos depois, eu também experienciaria.

Lembro que durante muito tempo a expressão "só podia ser do sítio", ou "parece que é do sítio" era usada para se referir a alguém menos inteligente, ou que passava por algum tipo de necessidade financeira. Eu ouvi algumas vezes: "Você nem parece que mora no sítio", quem dizia achava que estava me fazendo um elogio, mas como elogiar alguém e desconsiderar o lugar de onde ela vem? As pessoas para além dela que também habitam aquele lugar? Fui aprendendo que meu veneno estava na ponta da minha língua e quando ouvia esse tipo de comentário, preparava a mordedura para a inoculação do veneno: "É mesmo? Pois eu adoro me parecer com as pessoas do sítio, se estou me parecendo com vocês da cidade, tem algo de errado". Aprendi que eu tinha que lançar meu veneno sempre que precisasse defender o meu lugar, que me faz ser quem sou, um lugar de mulheres fortes, que lutam pelo o que querem, que me ensinaram que eu podia ir além daquele espaço, e que me dizem que posso sempre voltar, pois este sempre será meu lugar, um colo para descansar.

Como já foi falado anteriormente, um lugar fértil em criar serpentes. Onde as mais velhas oferecem maçãs para as novas, que alimentadas de afeto, saem serpenteando, deixando seus rastros de transformação.

A partir da a*rtetnografia*, relação artista - comunidade, constitui-se o que Lyra vai chamar de "ator de f(r)icção que se encontra no lugar do "entre", ficção e realidade friccionados.

Segundo Lyra (2011a, p. 287):

> Em consonância com as ideias Turner no âmbito da Antropologia da Experiência, este ator f(r)iccional, que atua sob a máscara ritual de si mesmo, é aquele que inventa uma realidade que, é, concomitantemente, espontânea e refletida, condensa o condicionamento sociocultural, fixado culturalmente e o

> eu, a ação sobre si mesmo, a autoconsciência. Pela perspectiva da Antropologia do Imaginário, o ator f(r)iccional vivencia suas próprias imagens, seu trajeto antropológico, que estão inevitavelmente atreladas ao trajeto antropológico de sua cultura original.

Podemos compreender que a *artetnografia* pode ser um ponto de ação anterior à *Mitodologia* em *Artes Cênicas*, na relação eu - alteridade, artista - comunidade, por sua vez não de uma forma segmentada, mas, em um processo de retroalimentação.

> Da Artetnografia vislumbrou-se um modus operandi de criação, a Mitodologia em Artes Cênicas, por meio do qual o artista participa do processo cênico vincula-se intimamente à produção de sentido da criação. Este modus operandi não se constitui uma pre-fixação incondicional de práticas, mas procedimentos de cunhos ritualísticos e míticos, que possam fazer eclodir pulsões pessoais e, concomitantemente, universais dos artistas. Este complexo é um caminho em que o artista aperfeiçoa o pluralismo das imagens colhidas no seu trajeto antropológico, a partir de suas experiências artetnográficas (Lyra, 2011b, p. 2).

Inicialmente, a Profª. Luciana Lyra defendia em sua tese de doutorado a ideia de *"Mitodologia em Artes Cênicas",* que ao longo de sua jornada, em função dos processos com artistas de outras linguagens, sofreu uma mudança na denominação, passando a ser "*Mitodologia em Arte"*, e assim contemplasse diferentes linguagens que estavam em contato com o processo de criação.

No primeiro laboratório vivenciado para esta pesquisa em gestação, experienciei alguns dos procedimentos do processo de criação de Mitodologia em Arte: Construção da Mandala, Alquimia dos Elementos, Vestes Rituais, Objetos Sagrados e o Totem animal. Um dos objetos sagrados que levei foi um pedaço do cordão umbilical da minha filha (Figura 5). Em jogo com este objeto, um pedaço de vida pulsante, que em outro momento ligara duas corpas, a "presença" da minha filha me atravessava como um engravidar-se, e de novo tendo que parir, abro um portal. Estava em contato com a terra, quando senti a água escorrer, virou lama, o que nasce da lama? Me pergunto.

Sinto o peito queimar, encher, exibo meus seios fartos, estou pronta para amamentar. Neste momento, me sinto tomada de poder e vejo minha filha como a minha maior criação. A nossa jornada é um misto de dor e amor. A despedida, que durante cinco longos anos se fez presente entre nós, de novo se apresenta, sinto doer, lembro do sentimento de culpa e falha sendo arrastado. Encolho, choro, a respiração fica ofegante, abro os olhos, vejo o cordão umbilical, sorrio e o pego em meu colo, seguro a minha maior criação, minha filha. A levo para o meu altar sagrado, ela está segura. Nesta jornada, precisarei me despedir dela várias vezes

ainda, e geralmente é doloroso, mas sempre voltarei para o seu colo, dançaremos juntas às vezes em meio a dor e o amor. Ágata é a minha maior revolução.

Figura 4 - Primeiro laboratório vivenciando as práticas, do processo de criação da Mitodologia em Arte. Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figura 5 - Pedaço do cordão umbilical da minha filha.

Fonte: Acervo pessoal (2022).

A *Mitodologia em Arte* faz gerar descobertas sobre si mesma e nossa relação com o mundo a partir das próprias experiências. É como um quebra-cabeça que aos poucos vai se encaixando, ganhando forma, ou se transformando. É um desvelar de experiências, de acontecimentos que durante o processo vamos dando significado ou ressignificando. Para que assim se possa entender questões do presente a partir do que foi vivenciado no passado e vislumbrar um caminho futuro. E não só apenas no ato cênico, no fazer artístico, mas um encontro poético, potente e profundo do ser humano com ele mesmo. E não de forma paralela, mas imbricado ao processo criativo, tendo o mito como força motriz e matriz.

Assim diz Lyra (2015, p. 72):

> No processo mitodológico, o mito-guia norteia a junção das personas/figuras e seus mitemas, conduzindo a elaboração performática ao grau avançado da criação. Este mito geral acaba por ser o ponto que congrega a performance, resultante do processo criativo.

Essa gestação é constantemente fecundada e vai revelando possibilidades, caminhos, e estes me levam ao encontro das minhas vivências e experiências, nele vai sendo revelado que durante toda a minha vida estive situada no lugar do "entre". O lugar onde cresci: um sítio, no interior do Rio Grande do norte que fica entre duas cidades, Pedro Velho e Montanhas.

Em 2010, quando me mudei para Natal-RN, permaneci no "entre", não apenas pelo fato de transitar entre duas cidades, dessa vez, Natal – Montanhas, Montanhas – Natal, mas o desejo que pulsava na Raquel de 17 anos era de muita felicidade por ver o sonho de ingressar na universidade pública sendo realizado, mas imensa a saudade de casa, da minha família, a dificuldade de morar numa cidade grande, me faziam sentir vontade de voltar para o colo da minha mãe, mas eu também queria permanecer naquele novo lugar desafiador. Quando me tornei mãe, há exatos dez anos, o "entre" tornou-se ainda mais presente, eu não podia mais ser a Raquel que eu conhecia, com sonhos, desejos, a minha vida "deixou" de ser minha, eu não podia mais viver para mim, mas a minha existência tinha de ser em função de outra pessoa, da minha filha.

Assim diz, Vasquéz (2014, p. 170):

> Portanto, o campo religioso católico construiu práticas discursivas a respeito da maternidade idealizada, de uma maternidade artificial e até inatingível, visto que a mácula do pecado original e do ato sexual, estão presentes nas demais mães do mundo, à exceção de Maria. Desta forma, para diminuir a "culpa" da luxúria do ato sexual caberia a mulher ser uma boa mãe, ou seja, colocar a criança em primeiro lugar na sua vida, ser recatada, ser generosa, ser

> compreensiva e sofrer calada. Eis o ideal cristão de maternidade que deveria ser o norte das mulheres em geral.

Travei profundas batalhas comigo mesma, ou eu era a Raquel mulher, sedutora, sensual e sexual, tomada por desejos, com a corpa dançante e o quadril serpenteando, ou era a Raquel mãe, com a corpa devota de uma criança.

A Raquel mãe geralmente estava sozinha, na presença apenas da criança. Os espaços não são pensados para mães. Era sempre uma divisão brusca de mim, e sempre uma cobrança que recaía sobre meu útero. Assim, vou percebendo minha existência no lugar do "entre", e no decorrer da jornada entendendo que nesse lugar é onde acontece a vida.

A vida e as pulsões pessoais da atriz ganham espaço no processo da Mitodologia em Arte, que é um caminho de criação, flexível, em movimento, e neste caminho, foi sendo desvelado que o Mito da Grande Mãe também se fazia presente nesta gestação, tocando e despertando pontos de afetos, memórias, pulsões pessoais desta atriz atravessada por mulheres, corpas criadoras, e excepcionalmente transformada, transmutada pela minha filha Ágata.

Não pretendo representar a figura de Lilith ou da Grande Mãe, mas relacionar os mitos à minha mitologia pessoal, f(r)iccionar o mito com a realidade, eu, as lutas e poéticas dos feminismos na sociedade contemporânea, e os atravessamentos causados pela maternidade em mim, experienciando essa f(r)icção, gestando uma construção que fala muito do eu (pessoal), mas que tem uma relação direta com o coletivo (Lyra, 2014a).

> Nas proposições f(r)ccionais procura-se formular imagens que, numa dupla via, conectam-se e invadem as memórias individuais das artistas ao mesmo tempo em que desconstroem a estabilidade de tais experiências, numa crítica política coletiva, a partir da experiência em campo, artetnográfica. Desta maneira, acredito que na operação da f(r)icção, as subjetividades mostram-se por uma multiplicidade, trazendo à tona além do gênero, marcas da colonização, das condições econômicas e materiais da vida. Formula-se, através de imagens artísticas nessas performances construídas, uma crítica, onde elementos autobiográficos são revertidos e ressignificados, em nome da pluralidade e da intensificação das experiências vividas em campo (Lyra, 2019, p. 151).

Importante enfatizar que a princípio não tinha esse discernimento direto de que ao falar do EU, experiências e vivências particulares estariam falando também do outro, de outras, trazendo foco também para a coletividade, pois ao falar sobre as questões que me atravessam enquanto mulher, especificamente no eu feminino: mulher, mãe solo, artista, feminista, torna-se impossível falar apenas do EU, sem afetar e me deixar ser afetada pelas outras, essa compreensão existia, mais ainda em um lugar não tão em evidência. A Mitodologia em Artes

me fez compreender que relacionar minhas experiências à coletividade é não cair na psicologização dos fatos, mas sim politizar o discurso.

> Por fim, penso que os coletivos de artistas agregados na artesania dos processos de criação ao longo deste tempo irremediavelmente espiralar e entrelaçado, parecem se vincular em uma certa medida aos grupos de 'formação de consciência' das feministas nos anos de 1960, que não tinham como meta a terapia, mas a política, porque visavam a soluções coletivas para a transmutação de condições sociais, e não o ajuste pessoal às situações problemáticas vividas pelas mulheres participantes. Com o lema *O pessoal é político*, esses grupos assim como estes coletivos artísticos de mulheres que trabalhei ao longo destes processos cênicos-performáticos seriam, portanto, estratégias para descortinar o fato de que cartografias/jornadas de mulheres podem se manifestar de maneira *f(r)iccional* e não são absolutamente individuais, mas estão enredadas numa trama inevitavelmente coletiva (Lyra, 2019, p. 152).

O fator social de gênero feminino/feminismo está na front, relacionado com o mito de Lilith e o mito da Grande Mãe, que postos em relação à minha mitologia pessoal, geram o meu mito guia, A Mãe Selvagem. O mito-guia é outro ponto que merece destaque, pois é no desvelar deste, no "assentar" do mito que a dramaturgia acontece, abrindo espaço também para outros mitemas que o permeiam.

Sobre *assentar* mito, diz Lyra (no prelo):

> É exatamente nos *mitos-guias* de cada ação criativa onde se encontra o ato de *assentar-se* no mundo social e suas narrativas. Faz-se mister lembrar que *assentar* é, na maioria das conjugações, um verbo transitivo. Assim como podemos *assentar* a terra, ocupar seus espaços, materializando lugares, fustigamos o que venho, neste texto, chamar de *assentar o mito*, tornando-o vivo neste tempo, comunicando sua atualidade a produção da fala, das imagens, do desejo, ao provocar a movência e as diligências sociais. O *mito-guia*, no processo metodológico, agencia movimentos de protesto do inconsciente pessoal a frágil subjetividade capitalista.

Este "assentamento" do mito acontece nas relações que vão sendo tecidas ao longo do processo. Neste caso, por ser um solo, na relação com minhas memórias, vivências, experiências, dores, meus amores, com as mulheres que continuam me tecendo ao longo da vida, outras que o universo em sua gira, girou e trouxe para perto de mim, no devaneio de gozo e dor que é a maternidade. Joseph Campbell, famoso mitólogo, escritor e professor americano, além de estudioso da literatura comparada, nos apresenta o conceito de mito.

Campbell nos diz (2014, p. 122):

> Reviver mitos e realizar rituais é uma questão inerente ao ser humano. Por

> mais que a sociedade levante-se contra tais referências de nossos ancestrais, em algum momento, o mito se manifestará, e cabe a nós manter vivo o que o mito nos diz. Devemos tentar alcançar a transcendência, pois "o segredo do mito é ensiná-lo a penetrar no labirinto da vida de modo que os seus valores espirituais se manifestem.

O mito de Lilith, como já citei anteriormente, em uma das suas versões conta que ela foi a primeira mulher a existir, que não teria sido feita da costela de Adão, mas do barro assim como ele. No momento da relação sexual ela pede para mudar a posição e ficar por cima de Adão, que não permite a mudança, Lilith por sua vez não aceita permanecer por baixo aguentando o peso do corpo de seu companheiro sobre seu corpo e não satisfeita sexualmente, tomada pela revolta deixa o paraíso, sendo assim por Deus castigada que a transforma em um demônio.

Eu sou a primeira filha e neta da minha família materna, primeira mulher da minha família a sair de casa, no interior (Montanhas – RN), do Rio grande do Norte para estudar em uma cidade grande (Natal - RN), primeira mulher da minha família a ser mãe solo, feminista, professora de artes, a me afirmar como artista e agora a primeira a ingressar em um curso de pós graduação. Nordestina, neta de agricultores, filha de artesã, venho e sou do proletariado, e quem é desse lugar entende a importância de ocupar esses passos. Assim como Lilith, me percebo e me encontro no lugar de subverter a ordem do lugar onde estou, e é aqui que "assento" o mito, a relação mito de Lilith à minha mitologia pessoal. É na jornada da maternidade, nesse caminho de cria(r)ação e re-criação, transformação, choro, gozo, vida, (re)descobrindo o poder maternal, que danço e choro com a Grande Mãe. Assento o mito.

Minha primeira dança com a Grande Mãe foi em 2012, no dia 20 de maio, quando minha corpa se dilatou, esticou, contorceu, sangrei, chorei, apertei, arranhei, jorrei água sagrada e salgada, o leite, alimento produzido por mim, alimentei minha cria faminta, quanto mais leite ela bebia, mais eu produzia. Em meio ao desespero que me apertava a garganta, por toda a transformação que aquela criaturinha, pesando 2,275 Kg e medindo 42cm, recém-nascida de 36 semanas, geminiana, acabara de promover na minha vida, esse foi um dos momentos mais bonitos, mais intensos, de pura transformação e poder. Com os seios fartos de leite, ao alimentar minha filha, me vi e me senti poderosa, a Grande Mãe se fazia presente (Figura 6).

Figura 6 - Júciê Borges – Eu e Ágata, recém nascida na casa da minha mãe e do pai

Fonte: Acervo pessoal (2012).

Deixei-me ser fecundada pelo processo de criação, da Mitodologia em Arte, seus caminhos processuais, procedimentos, seu interesse no que está “dentro”, nos campos “profundos” das atrizes e atores, se conecta com o que proponho em minha pesquisa: relacionar o mito de Lilith, que acende em mim o desejo, a sexualidade, a luta, a reivindicação, ao Mito da Grande Mãe, que está ligada de forma umbilical a Raquel mãe solo, cuidadora, protetora, forte, guerreira, em prontidão para defender a sua cria, ambas sendo forças propulsoras da atriz (eu), e assim do presente trabalho. Com foco em minhas experiências e vivências, enquanto mulher na sociedade patriarcal, e os atravessamentos causados pela maternidade.

A Mitodologia em Arte é influenciada pela “Mitodologia” criada inicialmente por Gilbert Durand – antropologia do imaginário – antropologia das profundidades – em que segundo a perspectiva durandiana, o ser humano tem uma vocação para o mito, para o ritual performático. Desse modo, também como fala Victor Turner, a partir da Antropologia da Experiência, que também é influência para a construção da Mitodologia em Artes, está interessada na construção de um teatro das profundidades, imarginal, que tem como intuito gerar pulsões pessoais nas/nos artistas, levando para a cena aquilo que faz sentido, faz sentir, é força propulsora criativa para as atrizes/atores em questão, pois está ligada a uma zona íntima. Gera, não uma representação de uma obra, mas um trabalho que faz revelar o que está “dentro”,

subjetividades, afetos, lutas, crenças que serão gestadas pelas/pelos artistas, guiadas pelo mito-guia, parindo fazeres artísticos potentes, prenúncios, partindo do indivíduo, afetando o coletivo.

> A Mitodologia em Artes Cênicas foi elaborada pela via da contaminação com as ideias desses novos campos antropológicos. Assim como Durand defendia uma Antropologia das profundidades, uma antropologia da imagem reabilitada, ou, mesmo como Turner reforçava em Antropologia das margens, que atribui valor ao 'entre', a 'passagem representada pela performance. A artetnografia e seu desdobramento, a Mitodologia em Artes Cênicas, afetadas por estas proposições procuram dar vazão a um teatro das profundidades, imarginal, no 'fundo e no entre', contrapondo-se a um teatro da superfície e atingindo camadas mais profundas da psique pessoal e coletiva, na percepção inequívoca das margens sociais (Lyra, 2011b, p. 3).

É preciso mergulhar em si mesma, olhar para dentro, mas não em um processo de fechar-se, pelo contrário, começo a entender que olhar para si é se abrir para novas possibilidades e apesar da *Mitodologia em Artes* não ter uma pré-fixação incondicional de práticas, os procedimentos e ritos dão a luz para a jornada e abrem os caminhos para o processo que denominei de "fecundação de si".

Ao iniciar a pesquisa da abordagem *Mitodologia em Artes*, uma primeira pulsação foi em mim gerada, a **experimentação**, a vontade de olhar para si, de mergulhar no espelho d'água – Princípio Narcísico – o primeiro rito de partida do qual batizei de **Evocação**. Surge a partir de imagens da minha mitologia pessoal.

> Os princípios mitodológicos são causas primárias, preceitos para o surgimento dos procedimentos mitodológicos. Dividem-se em: Princípio Narcísico; Alquímico e Místico. Os procedimentos seguem estas primícias, que são regras-base para configuração das práticas da Mitodologia em Artes Cênicas. O Princípio Narcísico é o legítimo lago, onde o atuante pode vislumbrar suas potências e fraquezas, desde as margens ao fundo de si. Pelo Princípio Narcísico da Mitodologia em Artes Cênicas, entendemos que enquanto o atuante olha para si no processo de criação também é olhado por este espelho d'água que se aprofunda. O artista escolhe o que olhar, e para escolher é preciso que haja qualquer coisa que o olhe no meio social, paralelamente (Lyra, 2011b, p. 4).

O Princípio Narcísico – que consiste em olhar para si, como em um espelho d'água – compreendendo que podemos escolher para o que olhar, e que quando olhamos em um espelho algo nos olha de volta.

O Rito Iniciático – **Evocação**, surge a partir das inquietações geradas pelo estudo do processo de criação "*Mitodologia em Artes*", do desejo de ver corporificado as questões, as poéticas, as lutas que residem em mim, que fazem parte da minha (trans)formação. A partir

desse desejo, reuni elementos que fazem parte da minha jornada, assim como também imagens de mulheres que estão presentes na minha vida e me atravessam, deixando seus rastros de força, potência, luta e amor.

Utilizei o princípio Narcísico: “Pelo princípio Narcísico da Mitodologia em Artes, entendemos que enquanto o atuante olha para si também é olhado por este espelho d’água que se aprofunda. O artista escolhe o que olhar e para escolher é preciso que haja qualquer coisa que o olhe concomitantemente” (Lyra, 2015, p. 348).

Olhei para mim, para a Raquel sedutora, feiticeira, de língua afiada, guerreira, da luta, pedi permissão por meio de oração a Lilith, dizendo:

> ORAÇÃO DA MULHER INTEIRA
> Não me desculparei pelo meu prazer.
> Não terei vergonha de reivindicá-lo.
> Não pedirei perdão pelo o que não tenho culpa.
> Não me justificarei pelos meus motivos.
> Não odiarei meu corpo.
> Não calarei o meu gozo.
> Não temerei a força da repressão.
> Não serei obrigada.
> Não cessarei de buscar a plenitude.
> Não duvidarei da minha capacidade de ser feliz.
> Não abandonarei a missão de me tornar uma mulher
> Cada vez mais inteira.
> Amém (Menezes, 2020).

Assim iniciei o experimento, do qual dei o nome: Fecundação.

A seguir, algumas imagens do experimento, na primeira imagem teremos alguns “Objetos Sagrados” (Figura 7), na segunda imagem o “Altar Sagrado” (Figura 8), na terceira imagem “Objetos Sagrados e de Transgressão” (Figura 9), na quarta imagem o “Espelho de Narciso” (Figura 10) e na quinta imagem “O Encontro com Lilith” (Figura 11):

Figura 7- Objetos Sagrados

Fonte: Acervo pessoal (2021). Foto: Alex Santos

Figura 8 - Altar Sagrado

Fonte: Acervo pessoal (2021). Foto: Alex Santos

Figura 9 - Objetos Sagrados e de transgressão

Fonte: Acervo pessoal (2021). Foto: Alex Santos

Figura 10 - Espelho de Narcíso

Fonte: Acervo pessoal (2021). Foto: Alex Santos

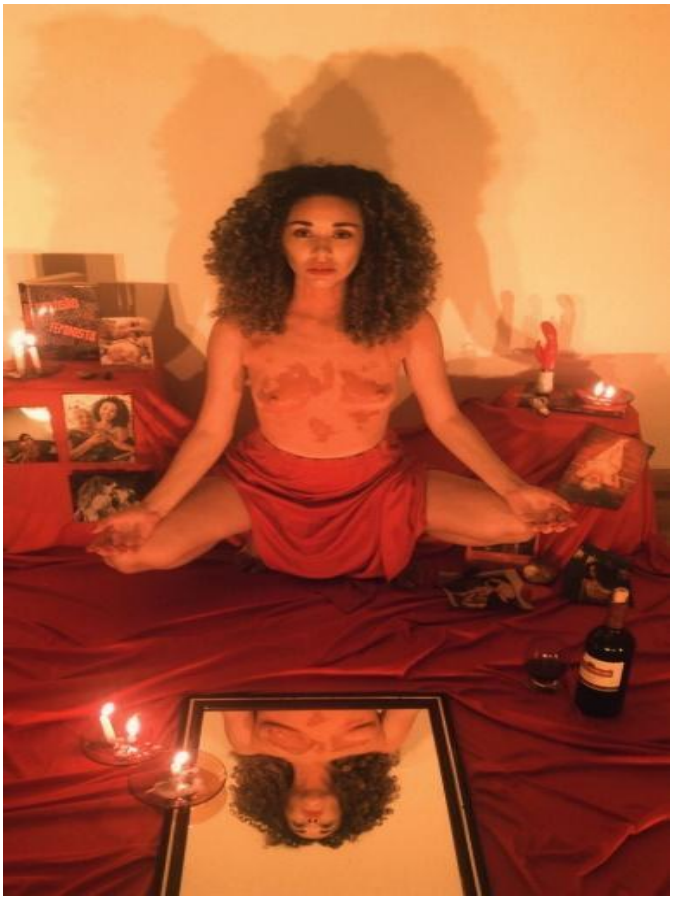


Figura 11 - Reencontro com a Deusa Lilith

Fonte: Acervo pessoal (2021). Foto: Alex Santos

Reencontrei-me com aquela figura nascida a partir de Lilith, ainda em 2015, percebendo como era de novo acessar essa energia, o que mudou, abri espaço e descobri novas possibilidades e inquietações. Me senti atravessada e provocada por me perceber no lugar do "entre". Que é físico a partir do lugar onde morei e voltei a morar, um interior da zona rural chamada Sítio Cajueiro, que geograficamente faz parte da cidade de Pedro Velho – RN, mas, por sua vez, fica mais próximo da cidade de Montanhas – RN. Um sítio que fica "entre" dois lugares. Esse "entre" se reflete também na vida profissional, vivo "entre" a artista e a professora, na vida pessoal "entre" a Raquel Mãe (Eva) e a Raquel sexual, desejante (Lilith). Lilith que tende a ser oposta a figura da mulher maternal e cuidadora – A Mãe – assim como muito se fala que feministas são "assassinas de crianças", que não querem ser mães ou se casar (destruidoras da família).

A nossa sociedade foi/é alimentada pelo dualismo fortemente influenciado pela igreja cristã e assim foi construído o pensamento de bem e mal, céu e inferno. As mulheres não escapariam disso, diz-se que uma mulher que é mãe "não pode ser" sexual ou uma mulher

feminista não pode ser mãe. Inverdades construídas pelo patriarcado na intenção de enfraquecer nossas potências. Essas inquietações e provocações sobre a experiência do estar no "entre" ganhou força a partir da disciplina de *Metodologia da Pesquisa em Artes Cênicas*[15] e no estudo da *Mitodologia em Artes,* para o seminário que deveria ser apresentado para turma, que consistia em apresentar a metodologia/processo de criação que cada discente utilizava em seus respectivos trabalhos.

A pesquisa se faz no processo, no acontecimento, na ação – na *Mitodologia em Arte* – nesse mergulho em si, onde cada corpa irá reverberar de uma forma. Apesar desta possibilidade de criação beber em águas da antropologia, psicologia, do teatro, ela não se utiliza de técnicas previamente combinadas, mas sim em um conjunto de procedimentos que fazem revelar pulsões, motivações da/do artista, a partir de si, da sua relação com meio que está inserido e é afetado, construindo uma relação de contaminação com o *artetnográfico*, onde o lugar que a artista estará mergulhada irá despertar um caminho de possibilidades artísticas, uma relação íntima com que está "dentro" da pesquisadora, tecendo relações e contingências do mito e do rito de "explicar" a realidade experienciada.

Estrutura da Gestação

O presente trabalho que afetuosamente chamo de gestação, será apresentado em quatro capítulos, estes chamo de "partos", pensando o parto como: portal, partida, passagem, fim e recomeço. O parto é o momento em que a corpa grávida, preenchida de vida, não suporta mais o feto, pois este não cabe mais naquele espaço, está grande demais e precisa partir. A corpa dilata, expulsa o bebê para fora. Dá- se a partida tanto para o fim de um ciclo, mas também para o início de outro.

O primeiro parto, é um reencontro com a Raquel menina, adolescente, a primeira filha e neta da minha família materna, reencontro também minha vó, minha mãe, minhas tias, as mulheres que me guiam. Encontro os meus primeiros contatos com a arte, percebo que a relação entre arte e feminino já se fizeram presente em mim no inicio da minha caminhada na arte no teatro, é bonito e potente vivenciar o desvelar dessa relação, tendo as minhas experiências como mote artístico e político.

No segundo parto, será parida Lilith: feiticeira, bruxa, deusa, demônio, primeira mulher,

[15] Disciplina obrigatória da grade curricular, do curso de Pós Graduação em Artes Cênicas. Ministrada pelas professoras Larissa Kelly de Oliveira Marques e Karenine de Oliveira Porpino, junto a turma de mestrado de 2021.1.

subversão, luta, questionamento, bicho, poder, gozo. Minha corpa dará passagem para essa mulher poderosa, que foi banida, castigada, incompreendida por lutar pelo seu prazer. Irei traçar relações entre essa mulher, com as lutas dos movimentos feministas, com o imaginário que foi construído sobre o que é ser mulher, as violências que atravessam as corpas com útero, a minha experiência pessoal e politica, criada na zona rural do interior do Rio Grande Norte, mãe solo, feminista, artista, professora de artes, primeira mulher da família (materna) a subverter a ordem. Apresento Lilith, como um dos mitos-guias deste trabalho em gestação, fazendo emergir na minha corpa criadora, potências e possibilidades para cena artística, que por sua vez estão diretamente ligadas às minhas experiências e vivências pessoais, no ser mulher nesta sociedade machista, patriarcal, misógina. Lilith é possibilidade de construção artística.

No terceiro parto, será revelado a Grande Mãe: potência criadora, guardiã da vida, compreendo a "Mãe" como ser unificado de suas várias versões, pois assim era a grande mãe, criatura repleta de vida, poder e mistério pelo sistema patriarcal que temia/teme seu grande poder de carregar a vida, de morrer e se refazer todos os meses com a menstruação, a ligação com a natureza, com as fases da lua, fragmenta a Grande Mãe, dividindo suas potências, construindo várias Deusas, cada uma detentora de um poder, de uma potência específica para dessa maneira, enfraquecer e despotencializar o feminino, transformando o que era entendido como poder em suposta fraqueza, como é o caso da menstruação, relacionando-a a um castigo que nos foi dado, colocando foco nas dores que sentimos nesse momento, na instabilidade emocional e dizendo que não somo seres confiáveis, ou que não somos capazes de tomar decisões, pois a nossa emoção, o nosso sentir é algo ruim que nos enfraquece, o que levanta a ideia de força relacionada à racionalidade, e que somos incapazes de agir assim, a partir disso, nossas escolhas, nossos projetos, nossas opiniões são sempre questionados e os homens sempre nos dizendo o que temos de fazer, escolhendo por nós, falando por nós. Enquanto a Grande Mãe era fragmentada, ergueu-se "Deus", o todo poderoso, onipresente, onipotente, onisciente, tanto a separação da Grande Mãe, quanto a exaltação do Deus (homem) não acontecem por acaso, são articulações do patriarcado.

Tendo como referencial teórico: O Mito da Grande Mãe – um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente, de Erich Neumann (2021); A maternidade e o encontro com a própria sombra, de Laura Gutman (2016); Um amor conquistado – o mito do amor materno, de Elisabeth Banditer (1985); Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural, de Georgiane Vázquez (2014).

A Grande Mãe, é uma potência viva que pulsa dentro de mim, atravessa minha existência, circula minha corpa, reside em meu útero, se apresenta todo mês quando o sangue

desce, quando o gozo escorre, segurou a minha mão na hora do parto, me deu força e coragem, assim como quando me vi sozinha com uma filha pra criar, inundada de medos e incertezas, ela me acalentou e soprou aos meus ouvidos “Vai ficar tudo bem, você vai conseguir”, se mostrou na cena teatral, quando escorreu de mim em (trans)forma(ação) de tanta mulheres, versões dela e minha, se fazendo de novo uma só. Ela se faz presente, dança e luta comigo. É chegada a hora da retomada de poder.

Quarto parto: Nasce uma Mãe Selvagem, após uma longa gestação de constante fecundação, atravessamentos, dores, risos, choros, incertezas, danças, atos, gozos, ela surge. Parida de muitos úteros, sendo bicho, emoção, dilatação, carne e verbo, sagrada e profana. Parida da f(r)icção de dois mitos, da minha mitologia pessoal, do processo de criação em Mitologia em arte, dos feminismos, de arte. Em escritas e em ato artístico performático, nascerá: Mãe Selvagem, o meu mito-guia que foi sendo revelado ao longo da pesquisa, dessa gestação que cresce, ao me voltar para mim, para o que faz sentido, para a minha constante busca por me fazer ser compreendida enquanto tantas que sou. É neste capítulo onde irei discorrer sobre o processo de f(r)icção, após as vivências na sala de parto (ensaio), orientações junto à professora Luciana Lyra, parteira desta prenhez, entendendo que **Mãe Selvagem** é o mito que me guia, é minha inteireza sendo partilhada em forma de arte. Me apoio no referencial teórico: Guerreiras e Heroínas em Performance – Da Artetnografia à Mitodologia em Artes Cênicas, Luciana Lyra (2011ab, 2014, 2015, 2017, 2019, 2021); Artetnografia e Mitodologia em Arte: prática ao fomento do Ator de F(r)icção, Luciana Lyra (2014); O Livro do MOTIM, Organização Luciana Lyra (2021); A Prostituta Sagrada – a face eterna do feminino; Nancy Qualls – Corbett (1999); Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade, Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias dos arquétipos da mulher selvagem, Clarisse Pinkola Estés (2018).

2º CAPÍTULO

Segundo Parto – Parindo Lilith e Nela me Reconhecendo

> Uma vez que a identidade da personalidade feminina com o corpo – vaso abrangente – em que a criança está protegida – pertence aos alicerces da existência da mulher, o Feminino não é apenas o vaso que, como qualquer corpo, contém algo dentro de si. É, ainda, tanto para si quanto para o Masculino, a "vida – vaso como tal". É o recipiente onde se forma a vida, continente de todas as coisas vivas, as quais depois descarrega no mundo (Neumann, 2021, p. 56).

> Disse também à mulher: "Multiplicarei os sofrimentos do teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio" (Bíblia Sagrada, Gênesis 3,16).

Castigadas, banidas, subjugadas, tementes, amedrontadas...

E se a história não tivesse sido contada pelo viés de um feminino marcado pela inferioridade? E se as mulheres não tivessem sido demonizadas por reivindicarem seu direito à igualdade e pelo seu prazer? E se não recaísse sobre nós a culpa do pecado ter entrado no mundo? E se não tivessem nos ensinado que temos de ser gratas aos homens pela nossa existência? E se...? Que história as mulheres teriam hoje?

Ao considerarmos o apagamento histórico sofrido por nós mulheres, na mais diversas áreas da sociedade, inclusive na cena dramatúrgica, a Professora Dra. Maria Brígida Miranda[16] pesquisadora das artes da cena, gênero, teatro feminista, aborda:

> A primeira impressão é que não existem mulheres escrevendo para o teatro, e se escrevem, parecem não publicar, e se publicam, parecem não ser consideradas relevantes o suficiente para serem lidas. Mas à medida que nos aproximamos dos estudos literários, especialmente daqueles com aporte nas teorias de gênero, temos acesso a uma pletora de textos dramáticos escritos por mulheres em diferentes contextos culturais (Miranda, 2018, p. 236).

Inferimos deste excerto que as possibilidades na sociedade e no campo artístico/dramatúrgico de projetos e trabalhos das mulheres são ceifadas constantemente, o que reforça o poderio da sociedade patriarcal sobre nossa existência.

[16] Professora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina, atuante no Departamento de Artes Cénicas nas áreas de Interpretação e Direção Teatral. Docente do Programa de Pós-graduação em Teatro (PPGT-UDESC) desde 2008, pesquisa e orienta dissertações e teses nas áreas de prática teatral, arte e gênero, teatro feminista, sistemas de treinamento de atores e atrizes, práticas marciais e meditativas. Co-fundandora e cocoordenadora do G.T. Mulheres da Cena na ABRACE (Escavador, 2022e).

A partir do "mito de Lilith" questiono, repenso, me sinto provocada e provoco pensares acerca de concepções do feminino em diversos trajetos históricos, que marcam construções das relações patriarcais ainda dominantes na contemporaneidade.

> É interessante observar que a maioria dos relatos a respeito de Lilith aparece no Zohar, o Livro do Esplendor, uma obra cabalística do século XIII, escrita por homens preocupados em cautelar outros homens contra seus poderes. A gravidade de suas palavras, as pesadas correntes de ferro que aprisionando-a nos amuletos do século VI, pretendiam bani-la e o peso de Adão a subjugá-la durante o enlace conjugal, constituem o anátema de Lilith. Obrigam-na a fugir (Koltuv, 2017, p. 9-10).

Século XXI, continuam obrigando as mulheres a fugir. Às vezes essa é nossa única alternativa.

Proponho repensarmos a história que nos contaram: a mulher que foi feita da costela de um homem, pecadora por ter comido do fruto proibido e assim se fez o pecado original. Nesse entendimento, as dores sentidas na hora do parto são decorrentes da desobediência ao pai todo poderoso, ou o quanto somos sujas por sangrarmos todo mês, o quanto nosso sangue menstrual é impuro e não devemos ser tocadas nesses dias, pois a menstruação é uma maldição divina. São inúmeras as afirmações recontadas historicamente, nas quais o feminino aparece nesse lugar de inferioridade, desobediência, sujeira, pecado.

> Eva é considerada a primeira mulher, a primeira esposa, a mãe de todos os que vivem. Nasceu da costela de Adão e por isso é inferior a ele. Porém, foi ela quem levou Adão a cometer o pecado original, carregando a culpa pela expulsão do paraíso. Também foi culpada pelos padecimentos humanos, pois a partir daí a mulher passou a parir com dor [...] (Pires, 2008, p. 51).

Quanta responsabilidade ao feminino marcado por constantes violências, violação das nossas subjetividades. Sigo no texto discorrendo e questionando esse sistema patriarcal e os consequentes enfrentamentos que nós mulheres vivenciamos e que muitas vezes nos causam violações severas, neste *I Parto*, me apoio no diálogo com a potência pulsante e reivindicadora da figura de Lilith, como afirmativa de um feminino liberto de uma dominação hierárquica que o inferioriza e o deprecia.

> Lilith é a mulher em estado natural, antes de sofrer as transformações impostas pela cultura. Neste estado a mulher recusa-se a submeter-se ao homem seja no ato sexual, seja nas relações entre os sexos na vida cotidiana, Lilith, portanto, se reconhece, como igual ao homem, não admitindo nenhuma hierarquia, nem biológica, nem social. É sua igual e espera ser tratada assim pelo varão (Gomes; Almeida, 2007, p. 13).

Lilith, é contada em suas diversas versões, sumérica, babilônica, assíria, cananeia, persa, hebraica, árabe e teutônica como uma mulher poderosa, falada e contada por gerações, por mais que tentem calá-la, se faz ser ouvida, ela tem poder e é poder. Percebo que as histórias criadas a respeito de Lilith têm ligação direta com o fato dela ser uma mulher poderosa, e quando falo em poder, um dos pontos é o ato de se posicionar, reivindicar o que é seu por direito, atos que estão fortemente ligados ao masculino cis, hétero e branco. O que é visto como "natural" desse masculino, quando praticado por uma mulher, gera estranheza, raiva, medo de perder o que eles tinham e tem de mais precioso "o poder", este inclusive conquistado, firmado em cima das corpas das mulheres, dos direitos, das potências do feminino. Negligenciadas, abastadas, enganadas, despontencializadas, essa é a meta do patriarcado para as mulheres.

Lilith não se cala e nem permite ficar por baixo, reivindica o seu prazer, o seu gozo, que vem em uma mudança de posição que aparentemente está apenas ligada ao ato sexual e que se fosse apenas por isso, seria tão válido quanto, mas vai além, "o ficar por cima" tem relação com uma mudança social também, do lugar em que nós mulheres fomos submetidas, mesmo quando, sendo feita da mesma matéria que o homem, não é compreendida como sua igual.

Aqui estreito a relação entre Lilith e os feminismos

Na segunda metade do século XX, tal personagem será a primeira mulher feminista, a partir do segundo momento vivenciado no feminismo. "Um dos maiores projetos teóricos, da segunda onda do feminismo é a investigação do gênero e da sexualidade como construtos sociais" (Lefanu, 1988 *apud* Silva, 2012, p. 8).

A bandeira de sua causa, maldição, desobediência, simbologia, é tomada como ponto de partida para desconstruir falas e medos, quebrar barreiras de preconceitos e discutir sobre assuntos até então tidos como tabus, "como parte do discurso feminino pós-moderno contra o patriarcado [...] para debater a identidade pós-moderna e as artificialidades por trás de normas sociais" (Silva, 2012, p. 07-08).

Percebemos em Lilith o enfrentamento contra o patriarcado vigente, trazendo foco para as potências do feminino, nas quais os homens não estão preparados para lidar com uma mulher que fala de igual para igual, que entende que o lugar de submissão não nos pertence, Adão não esperava que Lilith quisesse ficar por cima, para também experienciar o prazer, sente-se ofendido, desrepeitado, e isso me gera a seguinte questão: por que apenas os homens cis, com seus falos eretos e objetivos é que foram escolhidos para sentir prazer?

> [...] é a buceta a origem do mundo [...]. A buceta me desconcerta, me fascina, é tão mais intrigante que o pau, pau é uma coisa objetiva, pode ser mais para um lado, mais pro outro, menor, maior, mas continua sendo uma coisa que segue uma direção clara, enquanto a buceta é um mistério que se desdobra pra dentro e pra fora, cheia de cheiros e pétalas (Menezes, 2021, p. 34).

A Vagina, é um portal repleto de mistérios e possibilidades, um caminho ao encontro da vida, que pulsa, corre, queima, transborda, respira, se aterra, germina. O misterioso dom da vida que carregamos, o sangue fértil que escorre todo mês tornou-se então uma suposta ameaça aos homens.

> Esses mistérios de transformação da mulher são ligados ao mistério do sangue, que surge em primeiro lugar com a menstruação (mens-lua: mudança de lua), transformando a menina em mulher. Depois a gravidez, e o parto. E, por último, a transformação do próprio corpo – o relacionamento com o outro sofre influências, diferenciando a mulher por meio de um movimento criativo para o fortalecimento de sua identidade (Pires, 2008, p. 47).

Nós, caminhos de curvas, eles, uma linha reta. Foi preciso então, transformar o que era em nós força, em defeito, erro, fracasso. A *corpa* que era repleta de força tornou-se fraca, o sangue fértil, tornou-se indesejável, assim como as mudanças de humor ocasionadas pelo nosso ciclo menstrual, o dom da vida, a capacidade de gestar um ser, tornaram-se um defeito, pois essa *corpa* em algum momento irá precisar parar para cuidar da cria, da nova vida, passou a ser entendida como menos útil para o sistema. Tornou-se também uma obrigação, uma mulher sem filhos é incompleta, não é totalmente mulher, porém o mesmo sistema não acolhe mulheres mães, não acolhe nossas filhas, nossas crianças, pelo contrário, nos afasta dos espaços de convivência, nos isola, ao mesmo tempo em que cobra também aparições com nossas filhas, e aí devemos estar bem: bem vestidas, bem humoradas, de bem com a vida, esta que por sua vez se tornou cansada, exaustiva, solitária.

Criou-se uma série de obrigações e comportamentos de como uma mulher deve ser, agir, se comportar, todos pensados em retirar de nossas corpas o nosso vigor. Nos tornamos bichos acuados, amedrontados, dependentes deles, dos homens. Pregando a ideia de que: a eles devemos nossa existência, pois viemos de sua costela, nós pecadoras, "maldita Eva" que induziu o pobre Adão a comer o fruto proibido, maldita serpente (Lilith). É isso que vem sendo ensinado ao longo dos séculos.

> Até hoje, a história de Eva é interpretada pela maioria das igrejas como prova natural da fraqueza e credulidade da mulher, definindo seu papel de se

> submeter calada ao marido e adaptar-se à função doméstica tradicional. Esse castigo está ligado ao pecado de Eva. Sua primeira e derradeira transgressão está na desobediência ao que Deus ordenara, mas aos olhos de outros estudiosos está no desejo sexual, pois Adão e Eva consumaram o ato sexual sem ter recebido a bênção do Pai. Daí terem coberto os órgãos genitais com as folhas ásperas da figueira, como autopunição por estarem cientes de que o desejo sexual incitou ao pecado (Pires, 2008, p. 56).

Podemos pensar então que o fruto proibido não era literalmente uma maçã, mas, a poderosa vulva, que Eva, induzida pela serpente, Lilith - como alguns dizem ser - por sua vez, já conhecia o prazer e as possibilidades que a vulva podia proporcionar, tenta fazer com que Eva consiga sentir o prazer que ela (Lilith) não sentiu, pois, ao buscar seu prazer foi reprimida pelo seu parceiro e em seguida obrigada a fugir, por não se conformar com o mínimo de satisfação sexual ofertada por Adão. A partir desse ponto de vista aqui levantado, cai por terra a ideia que Lilith/serpente tentara levar Eva ao pecado, e a rivalidade que foi sendo construída entre elas ao longo das histórias. Penso que Lilith tentara levar Eva a descobrir os caminhos do prazer que sua *corpa* é capaz de proporcionar, pois somos potencialmente orgásticas. Para que nossas potências não fossem reveladas, construiu-se a ideia de pecado original, onde a mulher aparece como grande pecadora, responsável pelo pecado ter entrado no mundo. Segue-se assim, um longo percurso das mulheres em busca da redenção dos pecados, por todo mal causado por nós à humanidade.

Foi-se tirado qualquer possibilidade de potencial feminino e construído um ideal a ser seguido, atribuindo características do que se espera em uma mulher: doce, amável, dócil, recatada, silenciosa, submissa, para que assim se consiga a redenção de todo mal já causado por nós à humanidade e, cumprindo tais características exigidas, sejamos escolhidas pelo varão para que tenhamos nossa existência validada. Foi ensinado que uma mulher só tem valor se pertencer a algum homem, seja ao pai ou ao marido e assim fomos construindo e povoando o imaginário social do que é ser uma mulher – Intelecto diminuído, força corporal inferior, submissa, branca, magra. Isso é ser mulher?

Chamo para a luta que aqui gesto, fecundada por experiências, vivências dessa corpa com útero, mulher cis e branca, nordestina, tantas outras que já gestaram e gestam essa luta pela sobrevivência de nossas corpas; convido Simone de Beauvoir – quando ela diz: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (1980) – Convido bell hooks quando questiona:” E eu não sou uma mulher”? (2019), para que assim possamos gestar juntas uma fortaleza de afeto, de luta, cuidado, reivindicação de nossas potências, ficar dessa vez por cima, guiando o ato, fazendo acontecer a partir dos nossos desejos, das nossas vontades e necessidades, experienciando o

gozo. Uma mulher que goza, é um ato revolucionário.

> As mulheres também vivenciam sua sexualidade, Lilith como vivificante, estimulante e natural. Esse é o tipo de sexualidade que elas sentem alguns dias antes da menstruação, quando os hormônios femininos cessaram seu fluxo e os hormônios masculinos encontram-se no auge de sua intensidade. É um estado de ser pulsante, vibrante, primitivo e indescritível (Koltuv, 2017, p. 26).

É possível identificar em Lilith características como: assertividade, posicionamento firme, segurança em relação ao que quer e em como ela se percebe diante do seu parceiro, igual, que visivelmente não a percebe do mesmo jeito. Compreende-se que as características encontradas na figura de Lilith em nossa sociedade, são aquelas estimuladas, evidenciadas nos homens, como: posicionamento firme, autoridade, decisiva, segurança, sexual. Já nas mulheres associam-se características como: indecisão, insegurança, resistentes ao sexo. Existe uma tentativa falha de querer justificar tais características associadas ao feminino pelo fator biológico. Afirma-se que: "Mulheres são biologicamente instáveis, frágeis e não são capazes de tomar decisões sozinhas". Reforça-se o pensamento de que "uma mulher precisa de um homem", pois ele sim é capaz de tomar decisões. Uma mulher assertiva e bem posicionada, automaticamente será associada à má educação, soberba. Uma mulher que reivindica o seu prazer sexual é considerada, promíscua, profana, "o homem é que gosta de sexo", eles disseram. A mulher deve ser bela, recatada e do lar[17].

A figura de Lilith nos é apresentada notavelmente munida dessas qualidades, citadas acima, relacionadas ao masculino, porém quando as exerce, se posiciona e reivindica seu lugar, que entende que é de igualdade para com Adão, e também na busca pelo seu prazer, é compreendida como errada e desobediente. Incompreendida e subjugada tanto por Adão quanto por Deus. Lilith aparece nos mitos como subversão, força contrária, rio que corre ao contrário – aparece contraposta a bondade de Deus. Que bondade? Que Deus? O que a expulsou do paraíso, que em uma das mitologias mandou matar seus filhos, por serem demônios?

> Jeová-Deus tentou salvar a situação, primeiro ordenando a Lilith que retornasse; depois enviando ao seu encalço uma guarnição de três anjos para tentar convencê-la. Com grande fúria, ela se recusou a voltar. Lilith desafiou as criaturas das trevas: 'Como posso retornar a Adão e viver como uma honesta esposa após a minha permanência no mar vermelho?' Os três anjos por esse motivo, condenaram-na a vagar pela Terra para sempre, e Jeová-

[17] É uma expressão que ganhou muito destaque nas redes sociais, com fotos e frases ironizadas, após a ex primeira – dama Marcela Temer, em uma entrevista dada à revista VEJA, usar estas palavras para dizer como ela se comportava e como as mulheres deveriam se comportar em relação ao seu marido.

> Deus, por seu lado, iniciou uma incontrolável matança das criaturas geradas por ela. Lilith declarou então guerra ao pai (Pires, 2008, p. 40).

Quem são esses demônios que deus mandou matar? Será que são realmente demônios? Para quem os filhos de Lilith são considerados demônios? Em uma apresentação feita deste trabalho no grupo de pesquisa MOTIM[18]- Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes, coordenado pela professora Luciana Lyra, do qual faço parte, no dia 19 de abril de 2022, uma das integrantes, após me ouvir apresentar, lançou essa questão: *os filhos de Lilith são demônios para quem?* Esse questionamento me atravessou e me levou a pensar: seria a minha filha (Ágata) considerada um "demônio" para o sistema patriarcal?

Uma menina, filha de uma mulher feminista, artista, mãe solo, criada a partir dos questionamentos e reflexões dos movimentos feministas, crescendo em contato com discussões de gênero, classe e raça, sem ouvir: "fecha as pernas", "você tem que agir como uma mocinha", "isso não é coisa de menina", mas ouvindo: "não existe roupa, ou brinquedo de menina ou de menino", "você não precisa de um príncipe para te salvar, você pode se salvar", "sabia que a princesa pode não querer beijar o príncipe, mas sim outra princesa", "você é muito inteligente", "o clitóris é uma parte do corpo das pessoas com vagina que dá muito prazer".

É provável que a minha filha encontre alguns "deuses" na sua jornada, que vão chamá-la de "demônio", assim como Lilith até hoje é associada a um ser demoníaco, como eu sou para alguns também um "demônio", aqueles que vivem no conservadorismo cristão e arcaico tentam nos "matar", assim como deus fez com os filhos de Lilith, mas nós somos muitas, somos revolução, e começamos a multiplicar, assim como Deus disse: "multiplicai-vos e enchei a terra" (Bíblia Sagrada, Gênesis 1,28). Estamos nos multiplicando, florescendo, somos muitas, estamos tomando posse da nossa força, "estamos nos organizando para desorganizar", como disse o poeta.

Tendo em vista que a história foi escrita e contada por homens, fragmentou-se a "Deusa" e constrói-se a figura de "Deus", que a princípio deveria não ter um gênero, acaba sendo "masculinizada", o pai, o criador. Um jogo ardiloso se pensarmos que manter Deus como figura

[18]O MOTIM – MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMINISTAS NAS ARTES é um grupo de pesquisa certificado pelo CNPq desde 2015 e fundado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), possui também vínculo com a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Com seu destacado caráter interinstitucional, o MOTIM dilui fronteiras acadêmicas que separam o Sudeste, do Sul e Nordeste do Brasil, construindo pontes entre artistas pesquisadoras na articulação de discussões acerca da mulher, dos arquétipos femininos, das questões de gênero, dos diferentes feminismos e das interseccionalidades que norteiam as lutas das mulheres em solo nacional. Reunindo investigações no âmbito da graduação e da pós-graduação, o grupo trafega pelos topos do mito como suporte, na salvaguarda da narrativa mítica enquanto espaço de reconto da gênese do que é pessoal em trama retroalimentativa com as demandas, intrinsecamente políticas (MOTIM, 2021).

masculina no imaginário das pessoas tende a favorecer os homens, pois mais uma vez o poder será voltado para eles, por via de comparação ao Deus/homem. Assim, torna-se possível entender que Lilith é inferior a duas figuras masculinas, uma que foi feita da mesma matéria que ela, e a outra, o seu criador.

Discorre Marques (2018, p. 10):

> Lilith é criada, assim como Adão a partir da poeira, porém é inferior tanto a Adão quanto a Deus. Já que deve obedecer e subjugar os seus desejos aos deles. Se Adão não quer fazer sexo com ela por cima (notem aqui o simbolismo das relações de poder), ela deve obedecer ao desejo dele, se não obedecer é banida do Éden e vira um ser demoníaco, do mal, a serpente que seduz Eva.

O pacto de masculinidade entre os homens também é secular. Assim como a despotencialização, inferiorização feminina, não é uma questão biológica, mas sim social e cultural. Espera-se de nós mulheres amabilidade, obediência. Lilith é "naturalmente" oposta a essas características, não servia para compor a história da humanidade, ela não tinha o perfil esperado, como podia assim reivindicar prazer sexual? Lilith não é mulher para casar. É tanto que após deixar o paraíso ela é rapidamente substituída por outra mulher, esta por sua vez com características opostas: "bela, recatada e do lar". Isto quer dizer: amável, insegura, submissa. A partir das características de que mulher a história é contada? E em qual devemos nos espelhar? Sabemos bem que se espera não ser em Lilith.

> Os mitos dentro do contexto arcaico e religioso, possuem um valor de exemplo, são como conselhos de como devemos nos comportar em diferentes situações, acredito que ao lermos essa versão do mito hoje, é fácil perceber qual era o conselho dado às mulheres que não obedeciam seus maridos ou mesmo ao deus patriarcal e bíblico, entretanto, como na grande maioria dos mitos, existe aí uma ambiguidade, onde a própria existência de uma figura feminina que se opõe às vontades patriarcais, de seu marido e do próprio deus, seguindo seus próprios desejos e exercendo seu poder, mesmo que demonizada, é uma existência significativa. Que como observamos, se perpetua enquanto influência em nosso imaginário coletivo (Marques, 2018, p. 4).

E mesmo Eva tendo sido feita da costela de Adão, e a partir do que se espera que uma mulher seja, ela ainda não atende às expectativas esperadas pelo masculino. Induzida pela serpente (Lilith), seduz Adão, levando-o a pecar com ela, comendo do fruto proibido que não era necessariamente uma maçã, essa fruta é usada nas histórias, no sentido figurado, condenando toda a humanidade ao pecado.

> A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e muito apropriado para abrir a inteligência, tomou dele e comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram tangas para si. O Senhor Deus disse: "Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido comer?". O homem respondeu: "A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi". O Senhor Deus disse à mulher: "Por que fizeste isso?". "A serpente enganou-me – respondeu ela – e eu comi". Então o Senhor Deus disse à serpente: "Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e feras do campo; andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias da tua vida. Porei ódio entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar". Disse também à mulher: "Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio (Bíblia Sagrada, Gênesis 3, 6-16).

Percebam que em nenhum momento Adão é citado como responsável por nada. As figuras tidas como femininas no texto são as responsáveis pelo suposto pecado cometido. Que a meu ver foi a descoberta do prazer sexual, da potência sexual de Eva que foi ceifada. Será que aqui temos alguma relação com a contemporaneidade e a dificuldade masculina de assumir responsabilidades? Enquanto meninas de 13/14 anos são colocadas como maduras e responsáveis pelos seus atos, homens já por volta de seus 30 anos, são considerados "meninos", por vezes são colocados numa posição de que não sabem o que estão fazendo. E aí vem a justificativa "as meninas amadurecem mais rápido que os meninos". Será mesmo? Ou isso é apenas uma maneira de abrandar os erros masculinos? Transfere-se a responsabilidade para o outro, no caso a outra. Uma rede de proteção, costurada de violências ao feminino.

Enfatizo que não quero aqui alimentar o pensamento de rivalidade feminina, Lilith x Eva, até porque isso também é uma questão social e cultural criada e alimentada pelo patriarcado. Mas, quero trazer a reflexão sobre as qualidades encontradas em Lilith que não são interessantes para o sistema patriarcal, que é de dominação em relação ao feminino. Que por sua vez, é atribuído características ruins, e ao masculino características boas. Com base nessa ideia de bom e mau, a sociedade foi sendo construída de forma danosa para o feminino, pois associadas ao mal, ao erro, foi plantada a ideia de que precisamos ser mantidas sob controle. Ao primeiro sinal de desobediência, a mulher é castigada. Qualquer tentativa de fazer valer sua opinião, é silenciada. Reivindicar o seu prazer? Humilhada.

Afinal, mulheres não foram feitas para sentir prazer. Somos apenas receptáculos reprodutores e objetos para o prazer masculino (contém ironia). Não é estranho que o prazer sexual seja destinado apenas aos homens? Não é no mínimo curioso quando Lilith pede para mudar a posição no ato sexual, Adão se sinta incomodado? É válido pensar nos motivos que

levam Lilith a pedir para ficar em cima. Primeiro, o fato dela ficar por cima a colocaria em um lugar de controle, haveria uma inversão nos papéis de poder. Uma mulher no poder? Já parou para pensar o quanto mulheres que estão em posições superiores aos homens são questionadas por estarem ocupando esse lugar? Sua capacidade e inteligência são contestadas. E é justamente essa inversão de poder que os feminismos buscam e lutam há tanto tempo, o poder que nos foi negado, os lugares que nos disseram que não podíamos, que não éramos capazes de ocupar. A política inclusive é um bom exemplo deste lugar, não à toa quando tivemos nossa primeira presidentA eleita no Brasil, ela foi fortemente GOLPEada em um ataque machista e misógino, endossado pelo patriarcado.

> Nesse sentido, podemos dizer que o feminismo é um operador teórico-prático, mas no sentido de um contradispositivo. Ele é acionado para desativar o dispositivo do poder da dominação masculina patriarcal. Estou chamando de "contradispositivo" o método – necessariamente construído na base de uma teoria e de uma ação capazes de fazer desmontar o dispositivo que o patriarcado é. O que é o dispositivo? O filósofo francês Michel Foucault definiu o poder como um dispositivo, ou seja, um arranjo. O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade. O feminismo é o contradispositivo, uma espécie de agulha que fura essa bolha (Tiburi, 2018, p. 18).

Lilith em cima de Adão daria a ela a possibilidade de guiar o ato sexual, ela estaria se satisfazendo sexualmente, saindo do lugar de objeto de prazer e sendo o ser que goza. Mas como assim, uma mulher que goza? Com potência orgástica? Ser desejante? Que reivindica seu prazer? Puta! Foi isso o que nos disseram. Uma mulher não deve sentir prazer no ato sexual, ela está apenas para servir ao do homem. A igreja cristã teve e tem um papel fundamental para a disseminação dessa ideia esdrúxula. Maria, a imaculada, é capaz de gerar um filho sem o ato sexual, fecundada pelo divino espírito santo e se mantém virgem ao longo da sua vida. O ser divino não poderia ser fruto do pecado.

> O mito de Adão e Eva foi concebido pelo judaísmo e deu origem à ideia de que Eva era pecadora, e seu pecado era o sexo. Criou-se, então, a separação entre espírito (alma) e corpo, o que foi consagrado e levado adiante pelo cristianismo, com preconceito e rigidez de atitudes e valores em relação à mulher e ao sexo. No intuito de reforçar esses valores a assegurar sua perpetuação, Maria, apresentada pelo cristianismo como uma virgem, concebeu um filho sem pecado (Pires, 2008, p. 51).

O sexo associado ao pecado e às mulheres, obrigadas a ceder aos desejos do marido: SEMPRE. Sua vontade pouco importa, sua realização sexual também não, o seu lugar é apenas o de servir, abrir as pernas e só. Já parou para pensar o quanto isso abriu espaço para a maldita cultura do estupro enraizada na nossa sociedade até hoje? Quantas mulheres casadas já foram estupradas? Por que eram (são) obrigadas a transar sem vontade apenas para satisfazer o desejo do seu marido? E o quanto esse pensamento afirmou aos homens que eles são donos das nossas corpas?

> Sabemos por dados históricos, que a submissão ao pai (Deus) e ao marido (Adão) foi realidade de muitas mulheres no mundo todo, e não seria diferente com as primeiras mulheres brasileiras, a submissão das mulheres brancas ao pai e posteriormente ao marido vem importada da Europa, por meio dos colonizadores. Quanto à inferioridade das mulheres indígenas e negras, segundo Lugones (2014), além da relação não ser dada entre parentesco ou casamento e sim a submissão à opressão daqueles que as escravizaram, elas nem mulheres eram consideradas, mas sim animais. Seguindo o pensamento de Beauvoir, poderíamos dizer que, se para o homem branco europeu a mulher é o outro, para esse mesmo homem as mulheres negras e indígenas seriam o outro do outro, ou ainda pior, ninguém (Marques, 2018, p. 11).

A cultura do estupro existe e não é sem fundamento, ela foi criada e ainda é fomentada por essa ideia de que mulheres não devem sentir prazer, associado ao pecado, ao não merecimento. E a isto vincula-se o fato da mulher enquanto vítima de abuso não ser compreendida como vítima, e ser colocada no lugar de culpada, responsável pela violência sofrida, pois: “Olha a roupa que ela estava usando?”, “Mulher andando sozinha tarde da noite, queria o que?”, “Se tivesse em casa isso não teria acontecido”. E quando o abuso acontece dentro de casa? A raiz desse mal é antiga e bem difícil de ser arrancada.

Quando proponho aqui pensarmos sobre a história que não nos contaram e relaciono fatos ao mito que conta a história de uma mulher que se posicionou, reivindicou seu direito de igualdade e foi expulsa, demonizada, falo das constantes violências sofridas pelas mulheres historicamente inferiorizadas por sermos mulheres, para o sistema patriarcal se manter no controle, em cima das nossas corpas, foi preciso condenar uma mulher que não atendia às expectativas do masculino e criar uma nova mulher dependente do homem desde a sua existência, pois a história que nos contaram e que prevaleceu (prevalece) foi a de que viemos da costela de Adão. Porém, mesmo demonizada, Lilith não conseguiu ser silenciada, ela é um grito, ela é subversão.

É assim que Lilith aparece e me afeta, subversiva, subvertendo a ordem. Fazendo emergir questionamentos sobre como o feminino foi socialmente construído. “No entanto, independente da leitura que se faça, Lilith se mantém como um exemplo da subversão feminina

contra o patriarcado representado não apenas por seu companheiro Adão, mas pelo próprio Deus judaico – cristão" (Silva, 2012, p. 7).

Torna-se fácil compreender por que o mito de Lilith ganha destaque, força e voz dentro do movimento feminista. As várias camadas sociais foram de alguma forma atravessadas por este movimento, inclusive o teatro, a arte. "O feminismo no teatro é um corpo político" (Holanda, 2018), durante muito tempo a mulher foi vista no teatro como uma espécie de alegoria, compondo a cena, mas não como um ser com voz, pensante, com suas questões sendo representadas na cena teatral.

Porém, com o levante feminista que atravessou as várias camadas da sociedade, inclusive a cena teatral, tem sido possível ver mulheres parindo na cena suas dores, desejos, poéticas, o que de fato faz sentido para nós. Não apenas como alegoria, mas como protagonista da cena e de si. E não só no lugar de atriz, mas também de encenadora, iluminadora, cenógrafa, ocupando os diferentes espaços do fazer artístico teatral.

Importante pensar, por que durante tanto anos no teatro ficou referenciou-se no teatro, apenas figuras masculinas? Por que durantes tantos anos dentro da academia estudou-se apenas homens? Grotowski, Stanislavski, Brecht, entre tantas outras figuras masculinas. E az vozes das mulheres? Estavam aonde ? O teatro ocidental colocou durante muitos anos o homem no pedestal, apagando assim a figura da mulher no teatro, ou colocando-a apenas como uma alegoria, como dito anteriormente. Não é que não haja, mulheres dramaturgas, encenadoras, iluminadoras, cenógrafas, o que existe é o apagamento das mulheres, tanto na cena artística teatral, como em varias outras areas da sociedade.

A subversão encontrada em Lilith é destilada em potência, coragem, poder, tanto nas mulheres que ganham as ruas dando seu grito de luta, quanto pelas mulheres artistas, no teatro também é possível ouvir e ver o grito, o levante de artistas, deixando escorrer pelos seus poros aquilo que durante séculos foi aprisionado, velado. Violências, prazeres, gozo conquistaram espaço e visibilidade na cena teatral. Chegou o momento de subverter a ordem. É chegado o momento de mudar de posição, rasgar o véu e o verbo e dizer onde dói, o que queremos e como queremos. Utilizando a cena teatral para discutir as questões emergentes na sociedade, as relações de poder, do fogo que Lilith arde e queima como potência transformadora da cena e da realidade atual, ressignificando também o fogo onde tantas mulheres foram queimadas sendo chamadas de bruxas. É chegado o momento de deixar escorrer a água sagrada que existe em nós, nos banharmos nela e compartilhá-la com as nossas irmãs. Água que é rio, mas que também sabe ser mar. A mãe terra está esperando para ser fecundada. Que possamos fecundá-la de nós mesmas, oferecendo nossa água e sangue sagrado, dançando com o ar, sendo brisa e acalanto,

mas também sendo ventania, furacão. Movimentar a realidade criada por aqueles que não compreendem que Lilith não pode ser silenciada, nem apagada. Ela está voltando.

É possível identificar que as várias problemáticas enfrentadas pelo feminino na contemporaneidade têm raízes profundas em como e por quem a história foi contada. O apagamento histórico de Lilith na bíblia, sua transformação em um ser demoníaco e sexual, seu poder argumentativo relacionado à desobediência, sua busca inicialmente por igualdade vista como ingratidão. Colocada sempre como inferior e incapaz ao raciocínio lógico, o poder da vida dentro de si e sua potência menstrual não compreendida e transformada em ameaça. Falar "Lilith" é como falar "feminino" a partir das constantes violências enfrentadas pelas mulheres na sociedade desde muito tempo. Não se pode simplificar tais questões com argumentos que não se sustentam como "isso é coisa de homem ou isso é coisa de mulher", ou justificativas vazias "os homens são assim mesmo, as mulheres são mais compreensivas e pacientes", esse tipo de pensamento é cultural, social e foi construído em cima das corpas (literalmente) das mulheres, da inferiorização do feminino.

O "mito de Lilith" é uma possibilidade de entendimento das inúmeras problemáticas enfrentadas pelo feminino, quando Lilith é castigada isso é um conselho para as mulheres: "não sejam iguais a ela". E assim nos é oferecido um outro modelo de mulher a ser seguido não por ser "melhor", mas, por ser o mais conveniente ao masculino. Porém, Lilith é movimento, pensamento, ação, ela provoca o despertar de uma energia caótica e subversiva, colocada pelo patriarcado como algo ruim, pois foge ao que a sociedade patriarcal espera de uma mulher: amabilidade, bondade, empatia. Ela é um rio que corre ao contrário. E neste lugar de subversão e caos encontro potência transformadora, criadora, força matriz e motriz de novas possibilidades de existência do ser mulher, um caminho para construções poéticas no âmbito da cena teatral/performática/artística.

O lugar de inferioridade ofertado a Lilith, seu castigo, sua demonização, fazem gerar a energia subversiva e caótica como potência que acende o fogo sagrado da transformação, no qual o feminino será queimado, não ~~p~~ara a morte, mas sim para novas possibilidades de existência.

3º CAPÍTULO

Terceiro Parto – Fecundada Pela Grande Mãe – Os Atravessamentos da Maternidade na Corpa Criadora

> *Tornar-se mãe é uma experiência tão diversa quanto singular. A única semelhança que podemos arriscar é: cada uma foi, está sendo e será a mãe possível em seu arranjo de vida.*
> *(Mandala Lunar, 2022).*

Minha primeira referência de feminismo foi a minha mãe, ainda que ela não se afirmasse como tal, ou sequer soubesse da existência desse movimento, nela também encontrei a referência de força, poder, bravura e amor. Os questionamentos propostos por mim nessa gestação/pesquisa foram plantados por ela, há muito tempo, na minha infância quando ela me apresentava a educação (formal) como a grande possibilidade de transformação e caminho rumo a minha independência, uma mulher dona de si, que não dependeria de homem nenhum.

Hoje aos 30 anos de idade, agora também mãe, compreendo por que a minha mãe tanto me falou sobre a importância da educação, e quis tanto que eu tivesse minha independência financeira: a jornada para nós mulheres é muito árdua, sempre subjugadas, reféns de uma história escrita para nos impor ao segundo lugar, contada como pecadora, frágil, desprovida de inteligência, a nós restou apenas a função de procriar, consequentemente o ato de cuidar, de servir.

Sobre a importância da educação para as mulheres, Márcia Tiburi (2018, p. 10) diz:

> Tive a sorte de viver em uma casa em que a violência contra as mulheres inexistia. Minha Mãe não era espancada, o que digo com certo alívio, pensando nas mulheres que sofrem com esse tipo específico de violência física pelo mundo afora. No entanto, uma violência mais básica, aquela que sedimenta e impede transformações e a mais íntima emancipação, estava lá. Por isso, nossa mãe nos mandava à escola. Mesmo sem dizer-se feminista, ela sabia – do mesmo modo que as feministas de todos os tempos sabem – que as mulheres precisam estudar. Que o direito ao estudo é fundamental para qualquer pessoa e também para as mulheres. E que só esse direito pode nos livrar do sistema de violência física e simbólica que pesa quem é marcado como mulher.

Minha mãe entendeu que a educação era o caminho que mudaria a minha vida, que me daria autonomia e independência financeira, pois ela entendia que ser dependente de um homem

era ser subordinada a ele, receber ordens dele, ser possivelmente humilhada por ele, aquela história: “quem banca manda”. E para que ninguém mandasse em mim, eu tinha que me bancar.

Minha mãe compreendia bem, que o dinheiro era uma forma de manter a mulher no lugar de submissão, de “aceitar” constantes violências físicas, psicológicas, emocionais. É o que vemos até os dias de hoje, mulheres presas a uma relação violenta pois dependem financeiramente do homem, em muitos casos têm filhos, os quais não podem sustentá-los sozinhas, não têm rede de apoio, só as restam permanecer no lugar de violência para garantirem a sobrevivência delas e dos filhos.

A dependência financeira da mulher em relação ao marido foi algo muito arquitetado, ainda no Caça às Bruxas, fato histórico ocorrido na Europa, e matou centenas de mulheres, acusando-as de bruxaria. Foram confiscados também os seus bens, fazendo com que muitas mulheres os perdessem para o estado. Larissa Agostini, especialista em Saúde Menstrual e gine-ecologia, em seu artigo “Caça às bruxas: Uma história mal contada da saúde e direitos das mulheres”, explica como em decorrência do caça às bruxas, a mulher foi levada a depender financeiramente do homem. Sendo uma de suas referências, o livro *“Patriarcado e acumulação de capital em escala mundial: mulheres na divisão social do trabalho”,* de Maria Mies, socióloga alemã, reconhecida internacionalmente por publicar livros sobre feminismos.

Agostini explica:

> Os julgamentos eram prolongados para que os custos aumentassem, advogados cobravam uma taxa de compensação por lidarem com o diabo, a família da bruxa era obrigada a pagar os custos do processo, com a condenação a propriedade da bruxa era confiscada pelo estado (Agostini, 2022[19]).

Com isso as mulheres foram perdendo seus bens, foram marginalizadas, afastadas para as florestas. As que restaram temiam a acusação de bruxaria e foram recrutadas para o casamento, para procriar, consequentemente aprisionadas naquele espaço, onde nos fizeram acreditar que aquele era para nós o único lugar possível. Apesar da caça às bruxas ter acontecido na Europa, sua repercussão foi tamanha, por isso se espalhou mundo afora, tendo em vista que a Europa colonizou diversos países, e impôs suas regras e cultura por onde passou, inclusive no Brasil. Sabemos bem da imposição religiosa-cristã que Portugal inseriu ao Brasil, aos povos originários e aos povos da África.

A Igreja foi aliada da burguesia na caça às bruxas, conivente com as violências praticadas contra as mulheres acusadas de bruxaria, isso porque se viu “perdendo” seu poder

[19] Documento eletrônico não paginado.

para as mulheres, pois estas detinham conhecimentos curativos por meio do uso de plantas, que ajudava inclusive as pessoas acometidas pela pandemia da peste negra, aliviando as dores, algo que a igreja não conseguia apenas pela fé, com isso se viu perdendo força para as mulheres que detinham esse conhecimento, havendo um enfraquecimento da fé, então era preciso pará-las. Já a burguesia da época estava sem a classe trabalhadora, devido às milhares de mortes decorrentes da peste negra, e as mulheres não queriam engravidar, se recusaram a ter filhos para viver em condições de miséria e doenças, por essa razão foi preciso parar essas mulheres que detinham o conhecimento sobre sua corpa, ciclo menstrual e reprodução.

A burguesia e a igreja aliadas transformaram nossas potências em algo ruim, foi preciso demonizar as potencialidades das mulheres, criar uma crença coletiva que o conhecimento curativo medicinal por meio das plantas, a percepção e controle da fertilidade assim como do parto tinham ligação com o demônio, este por sua vez criado pela igreja, e a população por completo mais uma vez sendo usada como massa de manobra para que aqueles que já detêm o poder permaneçam no poder, pois foi preciso espalhar o medo, causar histeria na população para que a demonização das mulheres fosse instaurada e assim se iniciasse a caça às bruxas. Como disse Larissa Agostini (2022): “provavelmente a caça às bruxas foi uma das maiores Fake News que já existiu.”

Precisei fazer esse recorte da dependência financeira, pois era umas das coisas que minha mãe mais temia que acontecesse comigo, porém são diversas as formas de opressão, abusos sofridos pelas mulheres e validados historicamente pela nossa sociedade. A filosofia aristotélica, a igreja judaico-cristã, a política, contribuíram de forma muito danosa para a construção social da mulher e que perduraria durante séculos, como por exemplo: a mulher é a culpada de o pecado ter entrado no mundo, decorrente disto nos resta a posição secundária, o flagelo, a dor. Elisabeth Banditer, em seu livro “Um Amor Conquistado: o mito do amor materno, 1980, que discute o lugar que a mulher ocupa no imaginário social, foram/são submetidas, também emerge reflexões ao que diz respeito à sacralidade materna, a partir dos contextos históricos da França e também de como a história foi sendo moldada. Nos fazendo refletir sobre a ideia do amor materno como algo instintivo e que está presente em todas as mulheres. A autora situa historicamente os leitores de forma muito lúcida, apresenta a reflexão aristotélica, na qual é defendida a ideia de superioridade natural, onde o homem é superior em relação à mulher. Assim, Banditer (1980, p. 32) nos fala:

> Quanto à cidadã, é essencialmente inferior ao homem, seja qual for a sua idade. Desvalorizada do ponto de vista metafísico, pois encarna o princípio

> negativo, a matéria (contrariamente ao homem, que personifica ao homem, que personifica a forma, princípio divino sinônimo de pensamento e inteligência), a mulher é igualmente considerada personagem secundária na concepção. Semelhante à terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre. Como é dotada uma frágil capacidade de deliberação, o filósofo deduz logicamente que sua opinião não é digna de consideração. A única virtude moral que lhe conhecia era a de 'vencer a dificuldade de obedecer". Sua honra residia num "modesto silêncio'.

A partir da reflexão aristotélica apresentada por Banditer em seu livro, percebe-se que para o filósofo Aristóteles, este que foi o primeiro a justificar a autoridade do marido e do pai, utilizando a perspectiva filosófica, somos personagens secundárias na trama da vida, e que nossa única função é ter "um bom ventre", conseguir procriar. Se as mulheres com boa função reprodutora são vistas por Aristóteles como figura secundária, que lugar ocuparia as mulheres que porventura não podem procriar? Limitadas a função reprodutora, indignas de ter sua opinião validada, a obediência como a única possível virtude moral, silenciadas.

Em pleno século XXI, ainda não conseguimos nos livrar deste lugar tenebroso onde fomos historicamente colocadas, pelos homens que contaram a nossa história a partir da visão deles, dos achismos deles, da crueldade e inúmeras violências praticadas com nossas corpas, nossa saúde mental, nossas particularidades, nossa existência. Continuamos sendo constantemente violentadas pela instituição cruel chamada patriarcado, que ainda se favorece das dores causadas às mulheres e que marcam nossa história com uma forte onda de constantes violências. Todos os dias, temos casos de mulheres estupradas, espancadas, assediadas (moral, sexualmente), mortas. Corpas de mulheres recém paridas, vítimas da triste realidade que ser mulher nos coloca, como o caso da criança recém nascida, 27 dias de vida morta, após ser estuprada pelo pai. Ser mulher pressupõem uma corpa com aval para ser violentada? Até quando essa cultura de morte às mulheres permanecerá?

A preocupação da minha mãe em me alertar sobre a importância de estudar e ser uma mulher independente, não me isentou das dores causadas pelos homens às mulheres, mas provavelmente salvou a minha história. Ouvir a voz da minha mãe ecoando, me dizendo para não depender de homem nenhum, construiu em mim a força e o conhecimento necessário para sair de situações onde eu poderia ter sido afogada, a minha mãe guiada pela sua experiência no ato de ser mulher, compreendeu a partir da sua vivência e provavelmente das dores sentidas por ela que eu deveria aprender desde o início da minha jornada, que eu sou a pessoa responsável por guiar a minha vida, ela sabia que enquanto mulher eu também sentiria as dores causadas pelo patriarcado.

A dor de estar grávida

Não lembro ao certo a data, mas foi no mês de outubro, o mês do meu aniversário, e da minha mãe também, esperei que o sangue escorresse pela minha vagina e não aconteceu. Esperei uma semana e nada, duas semanas e parecia que eu havia secado, seca não só de sangue, mas de alegria também. Por sua vez, preenchida de angústia e medo.

"Você já menstruou"? ele me perguntou, respondi que não, e disse que estava atrasada há 15 dias. "Quando você ia me contar? Você tem que fazer um teste", ele disse em tom agressivo. Eu, silenciei. Por dentro era consumida por um terrível medo que me paralisava, estava deitada em minha cama, na residência universitária da UFRN, visualizei minha mãe, a voz dela ecoava em minha cabeça "Estude para nunca depender de homem nenhum", chorei sozinha, um choro silencioso não queria que nenhuma das 25 meninas com quem morava me escutassem.

Depois de algum tempo, recebi uma mensagem: "comprei um teste de gravidez, vem pra cá". Senti minha corpa dormente, ainda não acreditava no que estava acontecendo. Com muito esforço me levantei, tomei um banho e meio desnorteada fui à parada, o ônibus não demorou, estava indo no sentido a praia de Ponta Negra – RN, vi a imensidão do mar, a angústia que invadia meu peito era tão imensa quanto o mar que via. Quando desci do ônibus e comecei a caminhar rumo ao lugar onde ele morava, senti meu coração acelerado, vontade de chorar, sou inundada por um profundo medo, me sentia absolutamente sozinha no mundo.

Ainda não sabia, mas me sentiria sozinha por um longo tempo. Cheguei à casa dele, que estava deitado no chão, ele me olhou e entregou o teste, um silêncio ensurdecedor está instaurado, quebrei o silêncio dizendo que não estava com vontade de urinar, ele me disse para tomar vários copos de água e assim o fiz. Torci para que a minha bexiga demorasse a encher, quis adiar o quanto eu podia aquele momento, ele em tom irritado me diz para forçar a vontade, obedeci. Vou ao banheiro e depois de um tempo consegui urinar e assim fazer o teste, voltei para a sala, e olhei fixamente a espera do resultado, surgiu o primeiro "traço", comemorei e disse que deu negativo, ele me pediu para olhar de novo, surgiu o segundo "traço". Estava grávida.

Senti um buraco se abrir diante de mim, ao mesmo tempo que não conseguia formular um pensamento sequer, a minha cabeça não parava de mostrar imagens da minha mãe, da minha família, da universidade que tanto desejei cursar, passaram repetidas vezes em minha mente, olhei para a minha barriga e não conseguia acreditar que dentro de mim tinha uma vida. Por um momento, diante de toda a angústia que sentia, pensei: tem uma vida dentro de mim, uma vida!

Quase consegui gostar dessa ideia, quando escutei ele me dizer, que dentro de mim não tinha nada, era só uma bolinha.

Não compreendia o que ele quis dizer com isso, até que ele disse: “Você não vai deixar que isso (aponta para minha barriga) acabe com a sua vida, não é? Você é inteligente, tem um futuro lindo pela frente, que será destruído por causa disso”, o interrompi e disse que não iria abortar, ele me perguntou se eu iria mesmo decepcionar tanto a minha família, me lembrou de tudo o que a minha mãe e o meu pai tinham feito para que eu pudesse estudar, “Você vai mesmo decepcioná-los? Eu não consigo ver nada de bom com a chegada dessa criança”. Essas foram as primeiras palavras que ouvi quando descobri minha gravidez, não teve comemoração, não me senti amada, nem muito menos a mulher mais feliz e realizada, ou a mais especial como dizem que a mulher se sente quando se descobre grávida. Eu só conseguia sentir medo, angústia e muita vergonha. Como contar para a minha família, que estava grávida? Aos 18 anos, no segundo ano da graduação, morando numa residência universitária, ganhando 400,00 reais ao mês como bolsista de apoio técnico? Não consegui.

Me afundei no medo e na vergonha, o que fez com que ele (genitor) fosse cada vez mais tomando o controle da situação, insistia para que eu não seguisse com a gestação. Quero enfatizar que não pretendo discutir o aborto neste trabalho, trago o relato da experiência vivenciada por mim durante o meu período de gravidez, dado que julgo importante para compor a pesquisa. Por sua vez, aproveito para dizer que quando o tema do aborto vem à tona é sempre a mulher a ser exposta, culpabilizada e muito pouco se fala da participação, responsabilização do homem cis nesse processo. O homem sai ileso da responsabilidade, assim como Adão não foi responsabilizado pelo seu ato de comer o fruto do conhecimento, Eva carrega sozinha uma responsabilidade que não é só dela.

Stone (2022, p. 32) nos diz:

> À medida que eu refletia acerca do poder do mito, ficava mais difícil evitar o questionamento sobre os efeitos que a influência dos mitos relacionados às religiões com deidades masculinas tiveram sobre minha própria concepção do significado de ter nascido mulher, outra Eva, a progenitora da minha fé na infância. Quando criança, me foi contado que Eva tinha sido feita da costela de Adão para ser sua companheira e ajudante, para que ele não ficasse sozinho. Como se essa designação permanente como figura secundária não fosse opressiva o bastante para meus futuros planos como membro iniciante da sociedade, soube depois que Eva era considerada uma tola ingênua. Os mais velhos me explicaram que ela fora enganada com facilidade pelas promessas da pérfida serpente. Eva desafiou Deus e provocou Adão a fazer o mesmo, arruinando assim uma coisa boa – a bem-aventurada vida no jardim do Éden. Ao que parece nunca valeu a pena discutir porque não consideraram Adão igualmente tolo.

Assim como não houve necessidade de investigar a participação de Adão no ato de comer o fruto proibido, apenas a verdade absoluta do homem que dissera que foi influenciado pela mulher, foi o bastante para convencer a todos do quanto esta é pecadora, desobediente e influenciável. Esse mito que atravessa gerações teve/tem profunda influência até hoje na nossa sociedade. Não distante da culpa atribuída a Eva, eu me sentia profundamente culpada por estar grávida, pela desobediência de ter comido do fruto proibido para nós mulheres, enquanto isso, ele (genitor) alheio a qualquer sentimento de culpa ou responsabilidade, me falava todos os dias o quanto eu iria decepcionar e entristecer minha mãe e que minha vida acabaria depois da maternidade. Me levou para conhecer um casal de "amigos" dele que haviam passado por duas gravidezes não planejadas, e que passavam por dificuldades financeiras, a casa era bem simples, enquanto me mostravam o lugar e me contavam o quanto era difícil criar seus filhos, ele (genitor) me perguntava em sussurros "É essa a vida que você quer pra você"? Com o choro preso na garganta silenciava. E depois sozinha, chorava.

Desde o dia que descobri estar grávida, o choro passou a fazer parte da minha rotina sem acolhimento, sem ninguém para conversar para me aconselhar, para dividir a minha dor, apenas meu algoz, desumano, me violentava psicologicamente, enquanto os dias se passavam e uma vida crescia dentro de mim. Eu, que um dia não tão distante, imaginava como seria quando eu engravidasse, pois já admirava a corpa criadora. Lembro de admirar as mulheres com suas barrigas imensas que serviam de morada para outro ser e de achar aquele movimento da vida algo fantástico, uma corpa que gerava vida. Imaginei a felicidade que seria compartilhada por tantos e que celebrariam comigo a chegada de uma criança, desejei uma barriga enorme, a qual eu orgulhosamente a exibiria, pensei que aconteceria depois dos 30 anos, já formada, trabalhando e com minha independência. Nada disso aconteceu. Minha gravidez foi marcada por uma tristeza profunda! Eu que sempre estive rodeada de tantas pessoas, a primeira filha e neta tão desejada, amada e cuidada, era consumida pela solidão e pela vergonha.

Atualmente, questiono o desejo de me tornar mãe, desde tão nova. Será que de fato era um desejo meu? Ou eu estava reproduzindo a ideia de que "toda mulher nasce para ser mãe" de forma inconsciente? Será que eu tinha maturidade suficiente para desejar ser mãe? A maternidade é inserida na vida das mulheres desde muito cedo, a boneca que deve ser cuidada pela pequena menina, as referências que a grande maioria de nós temos em relação aos cuidados primários são de mulheres, e assim vai sendo perpetuado a ideia de que é DEVER da mãe/mulher cuidar, assim como a ideia de que toda mulher deve parir, inclusive pelo fator biológico das mulheres cis terem um útero. É supostamente a nossa obrigação, já que Deus nos deu o dom e a força necessária para procriar, e a igreja pregou e ainda prega essa ideia.

Elisabeth Banditer, em seu livro “Um amor conquistado o mito do amor materno”, nos fala de alguns famosos pensadores que contribuíram com essa ideia de que a mulher tem por obrigação ser mãe, utilizando do argumento “natureza feminina” para fazer implantar essa ideia nas mulheres e na sociedade. Banditer (1980, p. 237) nos diz:

> A razão é simples: tomara-se o cuidado de definir a ‘natureza feminina’ de tal modo que ela implicasse todas as características da boa mãe. Assim fazem Rousseau e Freud, que elaboraram ambos uma imagem da mulher singularmente semelhante, com 150 anos de diferença a separá-los: sublinham o senso de dedicação e do sacrifício que caracteriza, segundo eles, a mulher “normal”. Fechadas nesse esquema por vozes tão autorizadas, como podiam as mulheres escapar ao que se convencionou chamar de sua “natureza”?

Como escapar dessa armadilha que foi tão estrategicamente incorporada em nós mulheres? e a sociedade? Hoje eu questiono o fato de quando tão nova desejar ser mãe, não sei se realmente era um desejo meu, e essa questão só aumenta quando minha filha, por volta dos seus 4/5 anos dizia que quando crescesse queria ter uma filha, sendo que eu nunca estimulei isso nela, por sua vez, ela acaba sendo atravessada pelo meio, pela influência do que aparece nos desenhos, e de uma forma inconsciente, vamos internalizando essa ideia que nos faz acreditar ser um desejo nosso, pode até ser que seja, mas em algum grau acredito que tenha sim uma influência desse pensamento tão bem construído acerca da relação entre maternidade e mulheres. Hoje minha filha com 10 anos me diz que não sabe se quer ser mãe, que ser mãe dá muito trabalho. Vejam bem, minha filha com apenas 10 anos já tem essa questão instaurada, sobre ser ou não ser mãe. Nesta época, nossas meninas podem pensar sobre esse tema que nos exige tanto, e junto a elas estão outras meninas questionando, refletindo, fazendo arte, segurando suas mãos e abrindo os caminhos.

Para além do fato de que relacionaram a maternidade com a suposta “natureza feminina”, foi preciso também Deslegitimar a mulher que não é mãe, colocando-a em um lugar de menos mulher, “por que uma mulher só é mulher de verdade quando ela se torna mãe” dizem, relaciona-se a mulheridade com a maternidade e ainda atribui-se a mãe a condição de amor inexplicável, espetacular, inalcançável, que tudo suporta. Todos esses pensamentos estão tão arraigados na nossa sociedade que muitas vezes não se faz distinção do que de fato é o desejo da mulher ser mãe, ou se ela está reproduzindo o que está posto para nós.

Nos impõem a maternidade goela abaixo, “vendem” como a coisa mais fantástica, porém, ninguém nos fala da solidão materna, que acontece muitas vezes desde a gravidez, das mudanças corporais que são bem mais avassaladoras do que apenas a barriga crescendo, pois

toda corpa passa a funcionar também em prol dessa outra vida que agora se faz presente, o aumento da produção de progesterona, hormônio responsável pela modificação do útero para acomodar o bebê e faz com que a mulher se sinta mais cansada, com falta de energia, o que pode ocasionar em mudanças de humor, para além disso, na grande maioria das vezes, não tem o direito de ter suas emoções validadas, inúmeras transformações acontecendo em nossa corpa, mas temos que agir como se nada de diferente acontecesse em nós. Janaína Gomes, bailarina, atriz, arte-educadora, mestra em artes cênicas pelo curso de Pós-graduação em Artes Cênicas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, realizou sua pesquisa de mestrado fecundada também pela Mitodologia em Arte (Lyra, 2014a) com o título: "Cara da Mãe: Uma Jornada de Criação Pela Via da Mitologia em Arte". Em sua dissertação, a pesquisadora criou um trabalho primoroso a partir das vivências e experiências proporcionadas pela maternidade.

Ao compreender a maternidade para além do processo biológico, Janaína Gomes da Silva, explica:

> Nos sinais, a escuta e também o silêncio. Gravidez é um estado além do biológico. Existe algo a mais quando se percebe os pensamentos grávidos, eles requerem ouvidos voltados para um outro tipo de escuta. Assim como a gravidez, o parto também é um momento relevante para a mulher, mesmo que esta não aprecie o estado de gravidez (Silva, 2017, p. 37).

Tive diversas vezes minhas emoções enquanto estava grávida invalidadas, chamada de dramática e louca. Uma serpente acuada, assustada, presa ao seu algoz durante 5 meses de gestação, presa por correntes invisíveis que foram construídas de forma violenta. O medo, a vergonha e a culpa me sufocavam de tal maneira que não tinha forças para pedir ajuda. Algumas vezes tentava me convencer que o melhor a se fazer era contar para a minha família e para os meus amigos que estava grávida, repetia para mim que eles jamais me abandonariam, mas quando falava para ele (genitor) que iria contar, ele me dizia: "você tem certeza? Você sabe o quanto vai entristecê-los, sua vida vai ser só cuidar dessa criança, não vai conseguir estudar, não vai realizar seus sonhos". E assim ele me manteve refém da sua própria covardia.

Os meses foram passando, a barriga crescendo, os seios inchando de leite, eu sem me cuidar, sem fazer um único exame, entregue a solidão e a sorte. Ao terceiro mês de gestação, algo estranho aconteceu, era domingo pela manhã, tinha acabado de acordar: o bebê mexeu pela primeira vez. Olhava para a minha barriga sem acreditar no que estava acontecendo, foi uma das coisas mais estranhas ter um ser mexendo dentro de mim, ao mesmo tempo que era desesperador, também era mágico, essa foi a primeira vez que acolhi aquele ser que estava ignorando. Comecei a chorar e conversei pela primeira vez com aquela criatura dentro de mim,

pedi perdão e disse que tudo ficaria bem. Envio uma mensagem para o genitor dizendo que o bebê mexeu pela primeira vez, fui ignorada.

Abracei minha barriga, entre lágrimas, repeti: “vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem”. Enquanto os meses passavam, e uma vida crescendo dentro de mim, me sentindo cada vez mais sem vida, constantes crises de choro, desânimo, abatida por uma tristeza que parecia não ter fim, me alimentando muito mal, sentindo muito sono, muito cansaço, fortes dores de câimbra, seguindo com a omissão de estar grávida.

O que vivi nesse momento, é o oposto do que nos contavam sobre estar grávida, onde está beleza? A felicidade? A emoção? A vontade de segurar a criatura que carregava em meu ventre no colo? Não sinto nada disso. Em seus escritos sobre a relação da mulher com a gravidez, Elisabeth Banditer (1980, p. 250) diz:

> Grávida, confessa que nada sente antes do primeiro movimento do seu filho, apesar da pressão dos que a cercam ‘todos falam da felicidade de ser mãe. Infelizmente só eu não sinto nada e não ouso dizer-te o estado de perfeita insensibilidade em que estou. Maternidade começa apenas na imaginação’.

O que sentia era um profundo vazio, continuei ouvindo do genitor que não tem nada de bom com a chegada dessa criança, isso me violentava de uma maneira tão profunda, e mais uma vez me via no lugar do “entre”. Comecei a gostar desse ser que se formava dentro de mim, ao mesmo tempo que questionava o porquê dele estar aqui, brigava com ele ao mesmo tempo que me afundava na culpa por não querer que ele estivesse aqui, tinha medo de mim, do que sentia, do que podia fazer se esse sentimento persistisse, me sentiria terrível, uma mãe terrível, assim como nos fala Neumann (2021, p. 152):

> A realidade simbólica da Mãe Terrível extrai suas imagens preponderantemente “de dentro”, isto é, o caráter elementar negativo do Feminino se expressa através de imagens fantásticas e quiméricas que não são oriundas do mundo exterior. A razão disso é que esse Feminino Terrível é um símbolo para o inconsciente.

Não me reconhecia, tive picos de raiva, só desejava que a criatura fosse embora, tive vontade de arrancá-la de mim, senti um desespero que nunca experienciei , via minha vida desmoronando, duvidava da minha sanidade, me sentia capaz de fazer qualquer coisa para retomar a minha vida. Me vi como uma gata, que para garantir sua sobrevivência era capaz de comer seu filhote recém-nascido.

Sentia-me distante de mim, e capaz de fazer qualquer coisa para não mais sentir a angústia que me consumia por dentro, tinha medo de mim e de toda raiva que sentia, movida pela raiva e pela pouca lucidez que parecia me restar, decidi contar para a minha família que estava grávida.

Era uma terça feira à noite, estava na residência universitária em Natal-RN, minha mãe em Montanhas-RN, estávamos a 98 km de distância, minha mãe me ligou, disse que estava estranha, queria saber o que estava acontecendo, e eu, com a voz presa na garganta, respirei e vomitei a tão temida notícia de uma só vez: estava grávida. Minha mãe iniciou um choro desesperador ao telefone, disse repetidas vezes que não acreditava no que estava acontecendo, eu só conseguia chorar. Entre tantas coisas ditas pela minha mãe, a que mais me marcou foi: "Você não vai criar essa criança, você vai dar pra ele (genitor) criar". Eu, rapidamente respondi: "Jamais vou fazer isso! Esse filho é meu". Não me sentia mais uma gata prestes a comer seu filhote, mas uma leoa pronta para defendê-lo.

A minha gestação foi um campo de batalha, me mantive por oito meses em guerra. Guerreei contra o machismo, contra a obediência à instituição família, com a falsa ideia da maternidade romantizada, guerreei com a minha própria filha Ágata. Compreendo minha gestação como o ato mais transgressor realizado por mim, gestei em meio a uma guerra, onde a escolha de parir minha filha tornou-se um ato revolucionário, pois não era isso que esperavam de mim, rompi com a expectativa posta sobre a primeira filha, neta. Assim como Lilith rompeu com a expectativa de Adão e de Deus, e seguiu seu caminho, mesmo que isso tenha lhe custado abandonar a vida que ela conhecia, ter sido castigada, ter sua história demonizada por aqueles que queriam mantê-la presa no lugar que julgavam ser o certo para ela, que por sua vez segue um caminho contrário, mas que para ela é o percurso que faz sentido, que a potencializa, mesmo que tenha de seguir sozinha, ela segue (eu sigo), enfrenta aqueles que supostamente esperam sua obediência.

A minha escolha de ser mãe, dentro de um contexto entendido como não correto, não foi e não é socialmente aceito. Não estou aqui tentando defender a gravidez não planejada, de forma alguma pretendo fazer isso, pelo contrário, defendo que gravidez deve ser algo muito bem pensado e analisado, pois uma filha muda completamente a vida de uma mulher de diversas maneiras, o que pretendo é pontuar que espera-se da mulher, que ela se torne mãe, mas dentro do comportamento, momento, contexto social exigido e imposto pelo patriarcado, como também pelo capitalismo.

Quem escolhe o momento em que uma mulher vai se tornar mãe, não é ela mesma, mas são as várias convenções impostas a nós e as nossas corpas: só pode ser mãe depois de formada,

empregada e casada, ou só pode ser mãe depois de ter aproveitado muito a vida, ou a mulher nasceu para ser mãe e cuidar do lar e tem de parir cedo, ou a mulher sofreu um estupro e engravidou tem de ser mãe, Deus permitiu que isso acontecesse. Me parece que independente do momento em que a mulher se torne mãe, nunca vai ser o momento certo, ou ela está nova demais, ou ela está velha demais. Ou será que é mesmo uma escolha da mulher? Ao fazer um recorte de raça, quem são as mulheres que têm de fato a oportunidade de escolher quando serão mães? Muito tem se falado sobre a maternidade compulsória, que prega a ideia de que toda mulher deve ser mãe, mas quando pensamos na mulher negra, será que essa ideia se aplica a ela? Lembre-se que durante muito tempo as mulheres negras pariam apenas para gerar mão de obra, muitas tinham seus filhos arrancados ainda recém-nascidos, compreendidas como máquinas de produzir pessoas. Chamadas de "barriga suja" por carregarem em seus ventres crianças negras.

A quem destina-se o direito e dever de ser mãe? Quem nos dá o aval para quando e como devemos parir? Se a vida acontece dentro de nossas corpas, por que não somos nós mulheres quem decidimos? Ao decidir manter minha gestação, tive minha decisão invalidada, ignorada, e assim passei por um período de violências que me faziam todos os dias odiar estar grávida, carregar o peso da culpa todas vezes que minha filha mexia e eu não queria senti-la mexer.

Nasce uma filha, uma mãe e uma culpa

Após 8 meses de gestação, provavelmente os mais doloridos e demorados que vivenciei, minha corpa se expande dando passagem para minha filha, eu pensava: "minha corpa sabe o que o que está fazendo", confiei de forma totalmente instintiva e visceral, em meio a dor que parecia me rasgar por dentro, a Grande Mãe se fazia presente, me soprava ao ouvido dizendo: "confia, a gente sabe o que está fazendo".

Em meio a dor da partida, de dar adeus ao que se conhece partindo para um novo lugar, tinha uma personagem durante aquele espetáculo que dizia a seguinte fala: "faça força na barriga, não no pescoço, a força é na barriga, respira e faz força na barriga". Rompi o transe e lembrei das palavras ditas pelo professor Robson Haderchpek nos trabalhos de preparação corporal: "a força é no abdômen, controla a respiração e coloca força no abdômen", o teatro também se fez presente nesse momento que eu fui um portal sagrado da vida, parindo minha filha Ágata e também a Raquel Mãe, que nasce da decepção de uma mãe para com a sua filha,

do pessimismo e abandono de um genitor, a Raquel Mãe nasce se sentindo culpada, envergonhada, como medo do futuro.

Quando enfim, minha filha atravessou o portal que se abriu pela minha vagina, após sete horas em trabalho de parto, depois de me contorcer, chorar, ser cortada, costurada, quero lambê-la, olhar para ela, cheirar, sou tomada por um sentimento quase que primário, um bicho que mesmo cansada das horas de trabalho de parto ainda tenho força para segurar minha filha, admirá-la, parece que o tempo parou, que o barulho deu espaço ao silêncio, sou só eu e ela, nesse nosso primeiro encontro, onde conheço minha filha e tento me reconhecer enquanto mãe.

O processo de me reconhecer como mãe não foi simples, assim como Ágata que estava aprendendo a viver fora da minha barriga, a Raquel Mãe também estava se descobrindo, aprendendo o que é ser uma mãe, essa personagem tão glorificada, santificada, mas também tão responsabilizada, cobrada, cansada, invisibilizada, anulada. Tudo em prol da felicidade, bem estar da sua filha/filho: "toda dor vale a pena, para ver a felicidade de um filho", diz a mulher mãe cansada: "eu amo meu filho mais do que a mim", diz a mulher mãe sobrecarregada, que educa, cuida emocionalmente e financeiramente do seu filho, que o ama mais do que a si mesma, de fato porque nos ensinam que tem de ser assim, a mãe tem que amar seu filho acima de qualquer coisa, por sua vez, esse pensamento me gerou e gera ainda um estranhamento, não consigo não questioná-lo, pois como posso amar o outro, mesmo que seja minha filha mais do que a mim? Sendo que só consigo amar alguém, inclusive a minha filha se eu me amar primeiro. Porém uma mãe que diz que não ama seu filho/filha mais do que a si é taxada de egoísta e insensível, onde já se viu, uma mulher se colocando em primeiro lugar? Coloca-se em questão o amor dessa mulher/mãe para com a sua cria, assim como o meu amor já foi questionado, quando disse que não amava minha filha, mais do que a mim, pois Ágata precisa de uma mãe que se ame, para só depois de me amar, conseguir amar minha filha de forma plena como ela merece. Aprender a ser mãe foi inicialmente, um processo doloroso para mim, de me sentir anulada, tendo minhas potências enfraquecidas, experienciando a solidão trazida com a maternidade.

A ideia de romantização materna, de que a mãe tudo suporta, que toda mulher deve ser mãe e viver exclusivamente para seu filho, a anulação da mãe compreendida como algo normal e coerente, pois por um filho tudo é necessário ser feito, inclusive se anular, perder um pouco de quem se é. Banditer nos fala de como Rousseau, construiu a mulher:

> Feita para sofrer e gostando disso, a mulher não pode encontrar melhor ocasião de exercer seus dons do que na maternidade. O papel de esposa, muito

> necessário, não bastará a plena realização de sua feminilidade. Para que a mulher cumpra sua vocação, é preciso que seja mãe, não como outrora, de maneira esporádica e irregular, mas constantemente, vinte quatro horas por dia (Banditer, 1980, p. 248).

Este pensamento está incutido, enraizado e é reproduzido pelas mulheres que acreditam que é assim que tem de ser, ou melhor, tiveram/tivemos esse pensamento construído ao longo do tempo, perpetuado de geração em geração, porque não é permitido questionar a exaustão materna, na verdade a mulher mãe sequer tem o discernimento de que o que ela vive é uma exaustão, pois nos é ensinado que é o dever da mulher mãe assumir esse lugar cruel e violento de se doar completamente para o outro, se sentir cansada por cuidar quase que de forma onipresente de alguém é uma falha gigante, falta de amor pelo seu filho, visto que uma mulher mãe não pode jamais se sentir cansada pelo serviço prestado a sua filha/ seu filho, que amor é esse que não suporta a dor? Ou que tem a ousadia de admitir que tem algo doendo, que se está cansada, física e emocionalmente? Que mãe fraca e desalmada é essa que não quer viver em prol da sua filha/do seu filho? Assim, se perpetua a linhagem de mulheres mães emocionalmente esgotadas, adoecidas.

A mãe é símbolo de força, doação, dedicação, capaz de suportar todas as dores possíveis e impossíveis. É isso o que nos ensinam desde cedo e qualquer sentimento ou ação que fuja a essa regra do ideal e romantismo que foi construído em relação a maternidade, potencializa a culpa materna que carregamos como um segundo filho, montada em nossas costas que se apresenta todos os dias de diversas formas, descredibilizando nossas ações diárias, colocando a dúvida no nosso amor, nos levando a acreditar que não importa o quanto façamos, o quanto nos doamos não seremos suficientemente boas mães.

A referência de boa mãe que nós temos é da Virgem Maria, mãe do filho de Deus, imaculada, cheia do Espírito Santo, capaz de engravidar sem o ato do sexo (sexo colocado como algo ruim, pecaminoso). O ideal de “boa mãe”, da maternidade romantizada, dos pensamentos relatados anteriormente, povoa nosso imaginário por forte influência do mito da Virgem da Maria. Assim nos diz, Robles (2019, p. 301):

> Humilde, obediente ao ditame supremo, a jovem não perguntou mais. Não exigiu explicações e, antes que o anjo a deixasse, com docilidade que durante séculos serviu como exemplo de submissão religiosa, respondeu o que, em nossa cultura cristã, representa o acatamento por excelência a um destino consagrado ao bem e ao serviço divino:
> - Eis aqui a serva do senhor. Cumpra-se em mim segundo a tua palavra.

Como eu, que acabara de desobedecer a instituição família, o patriarcado, que desde adolescente busquei explicações para as desigualdades que já se apresentavam para mim enquanto mulher, iria aceitar as dores da maternidade de forma mansa e humilde? Me colocando como serva e deixando que as imposições e expectativas de uma sociedade que foi moldada para controlar as mulheres das mais diversas formas possíveis, inclusive utilizando a maternidade como uma forma de controle de nossas corpas, dos nossos pensamentos, das nossas vontades, impondo uma forma violenta de maternar, que presa pela anulação da mulher mãe, que diz que se deve abandonar quem se é e se tornar apenas a mãe de alguém, viver em função do outro, nos dando uma responsabilidade imensa de cuidados e reafirma que cabe a MÃE cuidar e educar, impondo uma sobrecarga de trabalho imensa é invisibilizada no que lhe concerne, pois apesar da suposta importância dada ao ato de procriar e da grande responsabilidade que é educar alguém, não é um serviço que gera lucro direto para o capitalismo, consequentemente é um trabalho não remunerado, mas que por sua vez exige muito esforço físico e mental das mulheres, e deve ser cumprido dentro da exigências impostas pelo sistema, a mulher após se tornar mãe deve ser: mansa, amorosa, calma, controlada, dedicada, capaz de suportar diversas dores, deve dedicar-se exclusivamente para sua filha/ seu filho, jamais questionar ou reclamar do serviço prestado, pois tudo é um ato de amor.

Eu, que já havia experienciado uma gravidez de inúmeras violências, que apesar de não ter feito minha filha sozinha ou esculpida do barro, estava sozinha para cuidar dela, vivendo uma realidade da qual não havia planejado em contato com diversas transformações corporais, hormonais, da vida que eu conhecia, não conseguia me ver ou me encaixar nesse ideal de maternidade que me era/é imposta. Eu naquele momento de recém mãe, sentia diversos sentimentos: vergonha, tristeza, raiva amor, revolta, medo, culpa, sentia tudo isso de uma vez, o que me gerava mais um sentimento, o descontrole, beirando a insanidade.

Por um momento achei que estivesse ficando louca, Ágata chorando de madrugada, dei de mamar e ela não dormia de jeito nenhum, tentei de todas as formas acalmá-la, não tinha forças, nem ânimo ou sequer vontade de interagir com ela naquele momento, ela me olhava como quem pedia atenção, mexia seus braços e pernas, observava os objetos ao seu redor, olhava para ela e me sentia exausta. E por um instante, queria que ela não estivesse aqui, queria apenas a minha cama de volta, a minha vida de volta, subitamente retomei a consciência dos meus pensamentos e me afundei em remorso, ela é minha filha, como posso sequer pensar na possibilidade de não tê-la aqui? Eu a amava, ela era só um bebê, mais uma vez, pedi perdão a Ágata, que nada sabia de meus sentimentos, queria apenas minha atenção, fiz carinho, beijei sua barriga e ela sorriu, enquanto isso, eu buscava forças em mim para não enlouquecer.

Senti nesse momento uma profunda raiva, enquanto sofria o martírio do puerpério. Sobre essa fase tão complexa, Janaína Gomes da Silva em sua dissertação, compartilha um relato vivenciado durante o processo criativo do espetáculo "Cara da Mãe":

> Na travessia do primeiro limiar nos deparamos principalmente com as questões envolvendo o período puerpério, o que éramos antes e depois da gestação vieram à tona. Nossos sonhos, vontades e desejos iriam continuar, mas não da mesma forma. Naquela roda de diálogos tivemos consciência sobre as demandas que nos eram exigidas nessa fase inicial. Para nós, mães que antes de exercermos esse papel fundante, reconhecemo-nos como mulheres, seres com desejos e impulsos reprimidos pela história, principalmente naquele momento, após aceitar a aventura do chamado. Discutimos estratégias de como não nos tornarmos vítimas e reféns de nossa própria maternidade e de como poderíamos criar uma rede de apoio entre nós mulheres (Silva, 2017, p. 42).

O puerpério foi um dos momentos mais difíceis para mim, sozinha e em silêncio vivenciava as dores das inevitáveis transformações decorrentes da maternidade, me culpei e me senti terrível, questionei o sistema com uma raiva primal, "por que tudo é tão mais fácil para os homens? Por que a responsabilidade dessa criança é só minha? Por que só a minha vida mudou? Onde está a felicidade tão falada que existe na maternidade? A completude?". Não me sentia mãe, pelo menos não a figura da mãe que me contaram, sabia que era mãe, pois pari uma criatura, sentia todas as dores do parto/partida de alguém, inclusive de mim, parti e naquele momento tentava me reencontrar, me sentia um ser estranho numa corpa conhecida, mas não identificava quem eu era. Lembrei da figura do ouroboros, apresentada por Neumann (2021), serpente circular que morde a própria a cauda, o início, onde não se tem distinção de positivo e negativo, bem e mal. Explica:

> O ouroboros, a imagem da serpente circular que morde a própria cauda – como foi minuciosamente apresentado em outra ocasião – é o símbolo do estado psíquico inicial e da situação primordial, em que a consciência e o ego do ser humano ainda são infantis e não desenvolvidos. O Símbolo da origem e dos opostos nela contidos é o "Grande Círculo", no qual se fundem e interpenetram o positivo e o negativo, masculino e feminino, os elementos pertinentes, a consciência – e os hostis a ela – e os elementos inconscientes. Nesse sentido, o ouroboros também é um símbolo da ausência de diferenciação entre o caos, o inconsciente e a totalidade da psique, a qual será vivenciada pelo ego como estado limítrofe (Neumann, 2021, p. 33).

Estava/era o início onde tudo é caos, sentia uma mistura de sentimentos o tempo todo, me sentia confusa, raivosa, dramática, chorosa, ainda não sentia a felicidade, o amor que disseram que eu sentiria, que surgiria de imediato, meus seios doíam, só cheirava a leite, meu

cabelo caía, muito magra, era uma corpa estranha, cuidando de um ser estranho, vivendo uma vida estranha, tudo era novo, era o começo de uma nova vida, não só da minha filha, mas minha também, da Raquel Mãe. Eu e Ágata aprendendo a viver. A diferença entre nós é que ninguém se importava com a mãe recém-nascida, agiam como se a Raquel que acabou de nascer fosse a mesma antes de parir. Todas as perguntas naquela época eram a respeito da filha: "E a bebê?", "como está?", "ela dorme bem?", "ela mama muito?". Quem pergunta pela mãe? Quem se preocupa em saber se a mãe está bem? Se conseguiu dormir? Se conseguiu comer? A mãe cuida da criança recém - nascida, mas quem cuida da mãe?

Silva diz (2017, p. 81):

> Percebi que, de alguma maneira, culpamos nossas mães por traumas, por feridas que se encontram abertas. Mas, e quanto a elas? Como anda a psique dessas mulheres? Como anda a psique das senhoras mães?
> Este foi considerado um momento crucial, pois é nele que caímos no paraíso. Ser mãe não é só maravilhoso, ser mãe não é só sorrisos e amores. Para encararmos a jornada precisamos de fato fazer escolhas. A mãe abre mão do que verdadeiramente quer para proteger a prole na grande maioria das vezes.

E quem protege a mãe? Muitas vezes até dela mesma? De não se sentir boa o suficiente ou do sentimento de culpa? Em meio a tantos sentimentos que fui atravessada no puerpério, a raiva começou a se fazer cada vez mais presente, mas não raiva da minha filha, com ela começo a construir uma relação real do que era a maternidade para mim naquele momento, estava aprendendo a ser mãe e isso não é algo simples nem fácil. Sentia raiva da forma como as coisas estavam acontecendo, só a minha vida mudara, era eu que acordava à noite, era eu que ficava sem tomar banho, trocava a fralda, tinha que adivinhar o motivo do choro, que chorava sozinha quando Ágata não dormia porque estava exausta, que chorava amamentando Ágata, eu era a pessoa responsável por Ágata, mas essa responsabilidade não deveria ser só minha, quando me percebia sozinha, imersa na imensidade de cuidar de alguém, sentia uma profunda raiva e consequentemente, revolta. Esses sentimentos faziam com que eu me movimentasse na busca de me reencontrar e que me faziam não aceitar o lugar de mulher mãe mansa, bondosa e passiva, que eu não queria ser.

Sozinha, questionava: "por que só a minha vida mudou? Por que só eu vivo esse cansaço que parece não ter fim? Por que só eu me sinto culpada? Por que a responsabilidade de cuidar dessa criança é só minha?". Em 2012, quando me fazia essas perguntas, entendia que existia um lugar onde os homens se sentem muito confortáveis e acolhidos para não assumirem a responsabilidade paterna, enquanto existe todo um protocolo a ser seguido da mãe que eu

deveria ser, como deveria agir, o genitor da minha filha se sentia confortável para viver sua vida como se nada tivesse acontecido e de fato, para ele não aconteceu, as transformações aconteceram apenas em mim e na minha vida.

Após três meses e meio experienciando a maternidade, chegara a hora de retornar para a vida além das paredes da minha casa no interior de Montanhas – RN, tinha chegado o momento de voltar a Natal – RN, para o curso de Licenciatura em Teatro – UFRN, a minha volta significava muito de diversas formas, eu estava voltando para o curso e para o sonho da graduação, de me formar numa universidade, sabia que esse era o caminho que precisava seguir e agora não só por mim ou pela minha mãe que é parte fundamental desse sonho, mas também pela minha filha. Ela é responsabilidade minha afetivamente e financeiramente, retomar a graduação era o caminho para a minha vida profissional, e assim conseguir prover minha filha, inclusive se tornou uma preocupação diária, como iria prover minha filha? Isso fez com que eu retomasse as atividades da graduação antes do meu período de licença maternidade terminar, pois surgira a oportunidade de bolsa no departamento de artes – o PIBID – Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e eu, com a responsabilidade de uma filha, precisava urgentemente dos 400,00 reais que seriam pagos.

Porém, também preciso dizer que essa volta para a graduação aconteceu porque era o meu objetivo, essas outras questões fizeram com que o meu desejo ganhasse uma outra proporção e um senso de responsabilidade imenso. Reafirmo aqui que foi o meu desejo concluir o curso, porque diversas vezes tive de justificar para as pessoas por que eu morava longe da minha filha, pois a minha volta a Natal – RN significava morar longe de Ágata, eu não tinha como me manter sozinha na capital, dependia dos programas sociais ofertados pela universidade, como a residência universitária que morei durante todo o período da minha graduação, inclusive no período da gravidez, algo que não deveria ter acontecido, pois a universidade até então alegava que se caso acontecesse alguma coisa comigo ou o bebê ela não se responsabilizaria, vivia também o medo que fosse descoberta e perdesse o direito de permanecer naquele lugar que era a forma que eu tinha de me manter estudando.

Enquanto residente da universidade, também tinha o direito de fazer minhas refeições no restaurante universitário “sem pagar”. Sobrevivi a universidade por meio dos programas sociais ofertados, sou cria da universidade pública e dos programas sociais, importante dizer que na maioria das vezes não basta só a filha da agricultora entrar na universidade, é preciso pensar e ofertar meios de mantê-la na universidade. Assim como também é preciso ofertar meios de manter as alunas mães no espaço acadêmico. Também fui contemplada alguns anos depois com o - auxílio creche- um programa social da universidade no qual as alunas mães

recebiam um valor para pagar uma creche ou uma pessoa para ficar com sua filha/seu filho enquanto elas estudavam. Viva a Universidade Pública, viva aos programas sociais governamentais de apoio às/aos estudantes. Como disse anteriormente eu não conseguia me prover sozinha na cidade, era impossível levar minha filha comigo.

Me despedir da minha filha, entregá-la para minha mãe e partir para Natal-RN, rumo à realização de me formar, foi uma das coisas mais difíceis de toda minha vida. Dos meus olhos jorravam água, dos meus seios leite, e um profundo medo tomava conta de mim, assim como inúmeras questões: será que estou fazendo a coisa certa? E se a minha filha me esquecer? Ou se ela não entender a minha partida? Se ela não me reconhecer como sua mãe? O medo e a culpa foram meus companheiros nessa jornada. Enquanto me despedia de Ágata, repetia baixinho para ela em meu colo: "vai ficar tudo bem, estou fazendo isso por nós duas, não me esqueça. Eu te amo!".

A dor do parto foi grande, mas confesso que partir sem Ágata foi uma dor que eu jamais conseguirei mensurar. Passava a semana inteira em Natal- RN, e na sexta-feira à tarde/noite voltava para Montanhas – RN, a minha rotina se tornou essa, de longe tentava me fazer presente na vida de Ágata, fazia vídeo-chamada, ligava para falar com ela, para que ela ouvisse minha voz, assumindo minha responsabilidade de mãe e tentando fazer com ela não me esquecesse. Mas, mesmo eu me fazendo presente na vida da minha filha, tiveram momentos em que não consegui estar presente, como a primeira que vez que minha filha andou, eu não estava com ela, ou a primeira vez que ela falou, a cada salto de desenvolvimento da minha filha, mais uma culpa era colocada sobre o meu ventre, a dor de não estar com a minha filha em momentos únicos e tão importantes invadiam meu peito, me restava apenas acreditar que minha escolha de voltar a estudar tinha sido a certa, acreditar que o mundo ia girar e ia colocar as coisas no seu devido lugar. E me dizer todos os dias que eu não era uma mãe ruim por fazer essa escolha.

As descobertas artísticas depois do Parto

Quando retornei para a graduação do curso de Licenciatura em Teatro, entre os componentes curriculares que eu iria cumprir estava Encenação II, sob a orientação do Professor Makários Maia[20], na ementa da disciplina estava o estudo/trabalho com o Teatro

[20] Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lotado no Departamento de Artes do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba (1988) e mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2005). Tem experiência na área de Artes, com ênfase nas práticas criativas e na ação cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, dança, artes cênicas, ensino de teatro e da dança, dramaturgia, encenação, atuação, poéticas coreológicas, cenografia,

Épico, onde as alunas/alunos teriam que montar uma encenação entre 20/30 minutos utilizando os princípios do Teatro Épico. O Componente curricular Encenação II, acontecia atrelado ao componente Atuação II, que estava sob orientação do Professor Robson Haderchpek, sendo que as alunas/alunos de Encenação, trabalhariam com as alunas/alunos que estavam cumprindo o componente Atuação II, que também estavam estudando o Teatro Épico, a partir do estudo da atuação, junto a outros métodos.

Comecei a trabalhar com três alunas/atrizes Luana Chagas[21], Milena Lenore[22] e Leila Bezerra[23], já no nosso primeiro encontro as questões relacionadas às mulheres apareceram, cada uma começou a falar sobre questões de si, mas que tocavam na outra mulher, que estava atenta ouvindo. De forma muito natural, comecei a contar da minha recém-experiência com a maternidade, de como isso transformou minha vida e tudo o que eu conhecia até então, inclusive eu mesma, do quanto a dor do parto é imensurável e que por mais que eu tentasse explicar, eu não conseguia colocar em palavras o quanto dói, hoje entendo que o que doía naquele momento, não era só a dor física do parto, mas uma dor emocional de ruptura de quem se é, do que é conhecido e seguro, é também uma passagem/partida para o novo, para uma experiência desconhecida, é uma corpa que se alarga para dar passagem para outra corpa, e também para si mesma, uma versão ainda desconhecida. E era assim que eu ainda me sentia naquela conversa, desconhecida de mim, confusa, tentando juntar as peças do quebra cabeça que minha vida tinha se transformado, tentando me reconhecer dentro de poucas vivências que até aquele momento eu tinha experienciado como mãe, tentando entender o lugar que agora eu ocupava: mulher mãe, pois essa é uma outra categoria dentro do ser mulher, que vem acompanhada de diversas regras, deveres, formas de se comportar e agir, que eu ainda estava aprendendo, por meio da vivência e da forma como as pessoas me olhavam, conversavam comigo, desde o momento que me tornei mãe.

---

educação, pedagogias do corpo, culturas e comunidades tradicionais, antropologia, estudos culturais, poéticas colaborativas e cultura, desenvolvimento humano e poéticas do cotidiano (Escavador, 2022f).

[21] Estudou Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal do Rio Grande Norte. Atualmente trabalha na empresa, Tarot da Lua e na Boxbraidsnegalua (Tarólogа Luana, 2021).

[22] Formada no curso de Licenciatura em Teatro, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

[23] Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Artes Cênicas, atriz, brincante e poeta. Participou do espetáculo "Aboiá", do Arkhétypos Grupo de Teatro (Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz, em 2012) e do espetáculo "Fogo de Monturo", também do Arkhétypos, em parceria com a Unaluna - Pesquisa e Criação em Arte.

Leila também é artista pesquisadora do grupo Arteiros na Dança, onde desenvolve seus projetos "Orixá Mar" e "Gira Coral". O projeto foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc Rio Grande do Norte, a partir da Fundação José Augusto, do Governo do Estado do RN, da Secretaria Especial da Cultura, do Ministério do Turismo e Governo Federal. Escritora do Livro "Teu Lunário" (Atriz [...], 2022).

Lembro de nesse dia, relatar uma experiência que há pouco tempo tinha vivenciado: minha filha tinha dois meses na época, eu fui para uma tradicional festa da cidade de Montanhas – RN, muito a contragosto da minha mãe, ela disse que não ficaria com a minha filha para eu ir, só ficava com Ágata para que pudesse trabalhar ou estudar, mas qualquer momento de diversão que eu me propusesse a ir, ela dizia logo que não ficaria com a minha filha. Continuei desobedecendo a instituição família, consegui uma pessoa para ficar com Ágata e fui, a cada passo dado as pessoas me olhavam com surpresa, e não hesitavam em disfarçar ou perguntar por Ágata, não por querer saber se minha filha estava bem, mas porque aquele lugar não era para mim, uma mulher mãe recém-parida, com uma bebê de dois meses não deveria estar naquele lugar. Algumas perguntas vinham acompanhadas de comentários: "Raquel, e Ágata? Ficou com quem?", "ela está com quanto tempo?", "nossa, é muito novinha, coragem você estar em uma festa com uma bebê em casa, eu no seu lugar jamais sairia de perto", "você não acha que sua filha está muito pequena, para você já estar numa festa?". Durante todo o tempo que fiquei na festa, ouvi comentários sobre a minha presença naquele lugar, sobre a minha filha, comecei a me sentir mal, irresponsável por ter ido, comecei a pensar na minha menina, se ela estava bem, se tinha acordado. Fiquei apenas de corpa presente na festa, minha cabeça estava em Ágata, e a culpa já começava a pesar, até que a pessoa que ficou cuidando dela me ligou, dizendo que ela tinha acordado, já tinha comido, mas não queria dormir, foi quando eu ouvi o choro de Ágata, sequer me despedi das pessoas, fui embora encontrá-la, quando cheguei e a coloquei em meu colo, ela parou de chorar e aí chegou a minha vez de chorar, culpada.

Janaína Gomes da Silva, nos fala da construção da sua "Mãe Ambivalente", uma das figuras pesquisadas por ela, para a construção do espetáculo.

> Para a construção da Mãe Ambivalente, baseei-me na angústia de minhas escolhas pessoais. Estava sendo difícil ser mãe. A vontade de ganhar o mundo era grande, mas existia algo, existia agora uma vida completamente atrelada à minha. A culpa me acompanhava por querer ganhar o mundo, por querer continuar produzindo, dançando, escrevendo, ativa no meu fazer artístico (Silva, 2017, p. 79).

Em algum momento fui/sou essa Mãe Ambivalente, no episódio relatado acima, quando fui para festa e deixei Ágata sendo cuidada por outra pessoa que não era minha mãe, ao encontrar minha filha, me senti péssima, irresponsável, insensível, egoísta. E se alguma coisa tivesse acontecido com ela? Pensava, enquanto amamentava, e chorava ao mesmo tempo, pedindo perdão a Ágata.

No dia que compartilhei aquele momento com as meninas eu já começava a questionar o porquê fiquei me sentindo péssima por ter ido a uma festa e me perguntando, se as pessoas teriam feito as mesmas perguntas e comentários para o genitor da minha filha, entendi o olhar de reprovação das pessoas que me dizia que eu não deveria estar ali, que aquele não era o meu lugar, que eu não deveria estar usando um vestido preto justo, que marcava meus seios fartos de leite, aquele ambiente não me pertencia mais. Me percebi afrontando mais uma vez a sociedade que insistia em querer me colocar na caixa da maternidade sagrada, pura, imaculada, só que essa caixa nunca me coube. Eu lembro de contar para as meninas sobre essa experiência com um sentimento de revolta e confusão, de não compreender por que eu tinha que me fazer caber em um lugar tão pequeno. Que impedia meus movimentos, que me impossibilitava de ser eu.

Comecei de forma até despretensiosa a compreender que estava travando uma batalha contra a ideia de maternidade e santidade, que foi muito bem construída pelo patriarcado, uma maternidade "santa" porém despotencializada, desvalorizada e irreal, que prega uma forma de ser, de agir, pensar, vestir, falar, se comportar, que super valoriza o cuidado com o outro, mas nunca consigo, se firmando na ideia de que mulheres mães são seres prontos para cuidar dos outros, mas nunca de si, e cuidar de mim, pensar em mim, me colocar como prioridade era uma afronta, era muito egoísmo de minha parte, era não me doar plenamente para minha filha, era não amá-la tanto assim.

Durante o meu relato de experiência, fui me indignando com o fato de que as cobranças entre homens e mulheres são extremamente desiguais, enquanto estava passando pela maior transformação por mim já imaginada e vivenciada, inundada de obrigações e formas de ser, sabia que só eu estava passando por esse processo. As mães são constantemente cobradas, responsabilizadas, enquanto os homens têm a possibilidade de escolher assumirem ou não a responsabilidade paterna, e me ver experienciando de forma tão profunda essa realidade tão injusta, me gerava muita raiva. Depois de muito diálogo, escuta e acolhimento, decidimos que nossa encenação falaria sobre a mulher, sobre as questões que nos atravessam, mas o que propriamente? Saímos da aula com essa questão. Ao chegar em casa fiquei repassando as falas de cada uma de nós, e fui entendendo os diversos temas pelo quais conversamos: a desigualdade entre homens e mulheres, o quanto as mulheres se doam quando estão numa relação com um homem, a violência doméstica sofrida por elas, o desejo sexual numa mulher que não é bem-visto. A partir desses temas tão sensíveis, que tocavam em cada uma de nós de maneiras distintas, porém comum a todas nós, que iniciamos nossa investigação para o processo de encenação.

A turma de Atuação II, inicialmente partiu de uma reportagem de interesse da aluna atriz/do aluno ator, que desenvolveria uma cena utilizando os fundamentos do teatro épico. Sugeri que cada uma das meninas pesquisassem reportagens de mulheres que tinham vivenciado o que elas tinham relatado na nossa conversa inicial. E assim reunimos três relatos de mulheres diferentes: Milena trouxe a história de uma mulher que estava presa por ajudar o seu companheiro no envolvimento com o tráfico de drogas, e que por sua vez era extremamente ciumenta.

Luana trouxe a história de uma mulher que sofria violência doméstica, muito religiosa e que acreditava que não devia se separar por causa da sua religião. Leila relatou a história de uma mulher que validava e explorava sua sexualidade e seu desejo, e que se envolveu com um homem casado. A partir das histórias levadas pelas alunas/atrizes, comecei a traçar uma relação entre elas, todas elas vivenciavam relacionamentos complexos, destrutivos. As histórias se encontravam em um lugar onde essas mulheres faziam de tudo para manter a relação da qual viviam, mostravam uma relação de dependência, cada uma à sua maneira e dentro da sua história. Eram mulheres capazes de se doar até o último suspiro pelos seus companheiros.

Em minhas pesquisas comecei a tentar entender o que levava essas mulheres a acreditar que precisavam estar ao lado de um homem para existirem, disponíveis para fazer qualquer coisa por eles. Descobri o MADA – grupo de Mulheres Que Amam Demais Anônimas. Um grupo que acolhe mulheres que vivem relações destrutivas, de total dependência pelos seus companheiros, capazes de se colocar em situações de extremo perigo por aquele a quem ama. Um amor onde se esquece de si, e se tenta se tornar o outro. Recordei-me de Medeia, que foi capaz de enganar seu pai, matar seu irmão, deixar para trás o seu reino, tudo pelo "seu homem", para depois ser abandonada, entregue a sua tristeza e a sua dor. A Professora Luciana Lyra, no ano de 2021, construiu a videoperformance "MEDEA", a partir do seu desejo de apresentar uma cena teatral possível para aquele ano, em que ainda estávamos reclusos devido a covid-19. Importante destacar que a relação da professora com o mito de Medea existe desde 2014. Decorrente deste trabalho videoperformático, a professora Luciana Lyra transforma sua experiência em um artigo, "MEDEA: EXPERIÊNCIA EM VÍDEO PERFORMANCE". No qual Lyra (2023, p. 3) explica:

> A saber, Medea é, etimologicamente, 'aquela que sabe' ou 'a do bom conselho'. Medea, a envenenadora, a bruxa, com a caldeira mágica, que induziu as filhas de Pélias a esquartejar e cozinhar o pai; Medea, a infanticida, é a antecessora dessas vítimas de uma paranoia coletiva, que se nutria do temor que os homens têm do poder obscuro das mulheres.

Entendo que a reflexão feita por Lyra (2023) dialoga com que disse anteriormente, ao que diz respeito a mulheres poderosas, essas mulheres precisam ser contidas, domesticadas, despontencializadas, é preciso dar apenas o mínimo e dizer que isso já é o bastante, criar uma história de que nós mulheres precisamos ser validadas pelos homens, pois eles são os detentores do conhecimento, do poder, precisamos buscar a atenção deles, o amor deles, o respeito deles. Lembro-me de uma frase que diz *"uma mulher precisa de homem assim como um peixe precisa de uma bicicleta"*.

Para o trabalho da disciplina de encenação, traçamos uma relação das três mulheres com o mito de Medeia, decidimos utilizar o texto "Gota d'água", de Chico Buarque, e construímos três Joanas. Utilizamos um poema encontrado por Leila, que muito se encaixava no nosso enredo dramatúrgico, o "Mulheres que amam demais".

Mulheres que amam demais
São perigosas, inseguras,
Desenham amarguras
Em noites sem dormir.
Mulheres que amam demais
São violentas tempestades,
Os mais furiosos furações,
São forças da natureza!
Essas mulheres são sofridas,
Vívidas e loucas.
São pássaros sem ninho,
Mendigas de carinho [...]
Mulheres que amam demais
São ciumentas, descontroladas,
Não confiam em ninguém!
São mulheres sem autoestima,
Não tem verso, nem rima,
Apenas prosa sem rumo.
Mulheres que amam demais
Vivem em eterna agonia,
Choram sozinhas no escuro,
Sempre com medo de perder.
São dependentes viscerais!
É, "mea culpa", eu confesso!
Num caminho sem regresso,

> De guerreira sem rivais [...]
> Eu também sou uma dessas
> Mulheres que amam demais.
> (Correia, 2009).

Esse poema tornava as três Joanas em uma só, em alguns momentos era falado individual e em outros coletivamente, a sensação era que ele havia sido escrito para o nosso trabalho. Após alguns ensaios, uma das atrizes contou que ela era uma dessas mulheres que amavam demais, que ao ler o poema se via nele e que desde criança tinha o sonho de se casar. Ao final da nossa encenação, era cantado parabéns para Joana e depois dos parabéns, entoava-se o "com quem será que Joana vai casar? Vai depender Jasão vai querer. Ele aceitou, tiveram dois filhinhos e depois se separou". As atrizes terminavam a cena oferecendo bolo ao público.

Esse foi o meu primeiro trabalho artístico depois de me tornar mãe, eu já conhecia o Mito de Medeia, a versão de Chico Buarque, "Gota d'água", mas nesse trabalho eu compreendi a personagem Joana. Acolhi. Entendi a sua dor, o desespero de estar sozinha, a sede de justiça pela ingratidão do outro a quem ela tanto fez, se doou, sua coragem e fome de vingança, a qual apenas a dor causada pelo outro que tanto a feriu, seria capaz de saciar. Retomo as palavras de Lyra (2023, p. 3): "Tocar neste mito é tocar nesse poder obscuro que acredito, tenho, como mulher".

Lyra (2023, p. 3, grifo da autora) diz, ainda:

> Entendo que a cena tem representado Medea e seu ato de infanticídio repetidamente, mas o ponto central dessa nossa investida vídeo performática é liberar uma voz de mulher densamente injustiçada e que é altamente crítica do comportamento masculino e da institucionalização de seu poder. Enfim, não se podemos remontar um "matriarcado" contemporâneo, mas talvez uma linha matrilinear, que este mito nos auxilia a visualizar; desenhos interpretativos eficazes aos feminismos que incorporam o mito em sua afirmação política e crítica ao comportamento *falocentrado.*

Assim como o ponto central da videoperfomance experienciada pela Professora Luciana Lyra não era o infanticídio, quando propus trabalhar com o texto Gota d'água, também não segui por esse caminho, embora quis discutir também a relação de poder que os homens exercem em cima das corpas das mulheres, traçando relações com as minhas vivências e com os relatos das atrizes.

Importante frisar, que quando conheci o mito de Medeia, eu ainda não havia me tornado mãe, e no período da montagem "Mulheres que amam demais", eu estava passando pela dor do abandono, de estar sozinha carregando a responsabilidade de uma filha comigo e doía carregar

tamanho peso sozinha, doía me sentir culpada pela escolha do outro de não ser pai e por achar que eu tinha "escolhido" um péssimo "pai" para minha filha, doía pensar nos traumas que minha filha teria por não ter essa figura que eu julgava importante na vida dela e eu era a responsável, doía imaginar que minha filha poderia não compreender a distância entre nós, às vezes também doía não me achar uma boa mãe e questionar se eu era mãe. Retornavam à minha mente frases que as pessoas insistiam em me dizer: "Ágata não vai chamar você de mãe", "sua filha será criada como sua irmã", "sua filha vai chamar sua mãe de mãe". Essas frases me machucavam tão violentamente, porque por mais que toda a minha corpa doesse devido à maternidade ou à ideia de maternidade que foi construída, a mãe de Ágata sou eu, não sabia bem como ocupar esse papel, mas eu sou a mãe, eu estava e ainda estou aprendendo a ser, cheia de questionamentos e incertezas, insegura, mas sendo a mãe que dou conta de ser.

Assim como no parto de Ágata, que eu confiei profundamente na minha corpa, eu tinha certeza de que ela sabia o que fazer, eu tinha medo dos profissionais que encontraria no hospital, não por acaso fui violentada psicologicamente por uma enfermeira que disse que eu não estava sentindo dor, apenas pelo fato da minha barriga de grávida ser pequena, sendo que eu já estava em trabalho de parto, e pelo médico que praticou a episiotomia como já citei anteriormente. Eu confiava na Raquel Mãe, na sabedoria materna, que para mim era como se fosse um conhecimento extra, para além de mim, não sei se era na Raquel Mãe que eu confiava, ou se era na figura, entidade, força materna que construí na minha cabeça. Mas de um lugar intuitivo, emocional, ou de alguém que tinha começado a experienciar a maternidade, mesmo diante de tantas crises e confusões, eu compreendia que existia uma força, uma sabedoria vinda da maternidade e eu confiava nela.

Não falo de um lugar romântico, porque ao mesmo tempo que sentia essa força, era desesperador ser mãe, pois era muito grande a responsabilidade de cuidar de uma outra vida, atravessada de questionamentos, raiva e revolta, que são sentimentos que a Raquel Mãe "não podia" sentir, eu deveria ser bondosa e silenciosa, apenas amar a minha filha sem questionar, lidar com a minha desobediência de ter transado, engravidado e parido, cabia a mim o ato de educar. Pois a desobediência leva ao pecado, à dor. Eu não conseguia não questionar a realidade injusta que se apresentava e cobrava tanto de mim. E colocava sobre o meu peito o peso da culpa materna que me sufocava e ainda sufoca.

Artisticamente falando, algo aconteceu depois da encenação "Mulheres que amam demais", comecei despretensiosamente a construir uma possível "marca artística", que se apresentava não só pela encenação, mas também por eu estar mudando, me tornando uma Raquel combativa, uma Raquel reagente que começava a se apresentar, muito influenciada pelo

o que estava vivendo, as minhas vivências pessoais estavam transbordando, talvez tenha sido nesse momento que comecei a compreender que o pessoal é político, não da forma lúcida que tenho hoje, mas guiada pela minha dor e pelo fazer artístico teatral. Dito isto, no segundo semestre de 2013, sou convidada pelo meu amigo Hyago Pinheiro para compor sua encenação do componente curricular Encenação II, que ele estava cumprindo naquele momento. Um trabalho que tinha como foco a mulher, pensando nas violências sofridas pelas mulheres durante o período da ditadura militar no Brasil, e traçando uma relação com as violências que nós mulheres sofremos em pleno século XXI.

A encenação era composta inicialmente por cinco mulheres, Eu, Dane, Lina, Claudiene e Lurian. Começamos o trabalho estudando, pesquisando o período da ditadura militar, depois fomos para os laboratórios na sala de ensaio, onde o encenador Hyago levou algumas frases de mulheres que haviam sido compartilhadas na comissão da verdade, as frases foram entregues a nós de forma aleatória, a minha era a frase de uma mulher que relatava a tortura psicológica sofrida por ela no AI5[24], onde os torturadores diziam o que iam fazer com a sua filha de 6 meses de idade: "nós vamos pegar uma banheira dessa de dar banho em bebê, vamos encher de gelo, e depois vamos colocar a sua filha dentro, do seu lado, vamos deixar um relógio para que você veja em quanto tempo sua filha vira um picolé". Eu nunca esqueci essa frase, e até hoje ela me dói. Ali eu entendi que a dor causada em mim a partir de agora não dizia respeito apenas ao que eu sentia, mas toda e qualquer dor que a minha filha pudesse sentir, eu sentiria junto, ao mesmo tempo que uma força crescia em mim, a de uma mãe pronta para defender sua cria.

Iniciamos também um estudo acerca da luta feminista: o que é feminismo? Quem são essas mulheres feministas? Apesar de muito já ter ouvido falar, eu ainda não conhecia a fundo essa luta e foi a partir dos estudos destinados ao teatro, a montagem de uma encenação, dos laboratórios de cena, que pouco a pouco fui me entendendo e me afirmando como feminista. Pois entendi que as lutas dos femininos eram as minhas lutas, as questões que estavam presentes na luta feminista, eram as minhas questões, essas que a minha mãe havia plantado em mim ainda na infância, e a cena teatral estava me revelando, me mostrando o lugar que eu já pertencia. Essas revelações começaram a gerar em mim uma força combativa não só para a cena, mas para a vida. Uma força que não começava em mim, mas naquelas que vieram antes, que passava pela minha corpa, se alimentando da raiva, da revolta, das injustiças, das dores e inúmeras questões que habitavam minha existência.

[24] Ato inconstitucional, emitido durante o período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1988), é entendido como o marco que iniciou o período mais sombrio da ditadura e concluiu a passagem que instaurou de fato a ditadura no Brasil (Silva, [2018]).

No decorrer dos laboratórios, a figura da mãe se fazia presente na montagem da encenação, se apresentava no jogo com as outras atrizes, me mostrava que o lugar que eu e Lina, que também tinha se tornado mãe há pouco mais de um ano, assim como eu, era outro. Era a experiência da mulher mãe, nossas dores, nossas transformações, as cobranças pelas quais estávamos em contato diariamente, precisavam aparecer. Lina, trouxe a questão da corpa da mulher que se tornou mãe, que não é a mesma de antes, da cobrança pela corpa magra, das inseguranças por não estar dentro padrão exigido e o quanto isso se torna para nós uma grande tortura. Inicialmente, falei sobre o não desejo de querer estar grávida e de como isso se torna uma obrigação para nós, da rejeição à transformação que minha corpa passaria, obrigam as mulheres a serem mães, mas não se admitem as transformações corporais que naturalmente acontecem decorrente da gravidez. Essas questões tornam-se torturas constantes para nós mulheres e nesse lugar traçávamos a relação entre as torturas realizadas com as mulheres nos anos de chumbo, pois eram torturas específicas que buscavam descobrir os "mistérios" das corpas das mulheres, vistas também como fontes de desejo, submissas.

No processo de pesquisa para o trabalho, uma das meninas encontrou uma reportagem de uma mulher que havia sofrido uma grave violência obstétrica, o médico chegou a rasgá-la com suas próprias mãos (o que seria a episiotomia). Incluímos esse relato na encenação, e a atriz que contaria essa reportagem não era mãe, foi então que o encenador Hyago me pediu para contar como tinha sido a minha experiência de gravidez, e também o parto de Ágata, na intenção de aproximar a atriz do relato que ela contaria em cena. O meu depoimento de experiência acabou se tornando parte do trabalho. Nele eu rompia a quarta parede, me apresentava como Raquel e relatava a minha experiência com a gravidez e com o parto, as falas eram intercaladas, entre mim e a atriz que contava o caso de violência obstétrica da reportagem.

Esse trabalho atravessou os muros da universidade, foi apresentado no ano de 2013, 2014, 2015, 2018 e 2019, sofrendo algumas mudanças de atrizes e de algumas cenas, pois o espetáculo era fortemente contaminado pelas questões que assolavam o Brasil, país inundado por uma forte onda de conservadorismo que pedia pela volta da Ditadura Militar, o que no ano de 2013 quando iniciamos os estudos sobre esse período tão tenebroso, não imaginávamos que nos anos seguintes viveríamos um momento de tanta ignorância, tanto autoritarismo, tanta violência, que teríamos um senhor em pleno Congresso Nacional exaltando o maior torturador da história de nossa Pátria e que em 2018, esse mesmo senhor se tornaria presidente da república, espalhando um rastro de destruição, desigualdade social, incompetência, sofrimento e morte ao povo brasileiro. Que venerava a ditadura, e insinuava que se "fosse preciso" daria

um golpe de estado, nos levando a viver a sombra do medo de a qualquer momento retornaríamos para um dos mais tristes e horrendos períodos do Brasil.

Como que em um prenúncio, assim como o que pode ser percebido e experienciado no processo criativo da Mitodologia em Arte (Lyra, 2014a), vivenciamos o espetáculo “Pérola”, e sentimos a necessidade da sua existência, a força que a arte desempenha na nossa sociedade, o rasgar da verdade e o anúncio do que estar por vir. Uma Arte Política e Crítica, que abre a possibilidade de nos revelar e revelar as questões tão emergentes na sociedade.

No ano de 2015, minha família foi a Natal – RN, assistir ao espetáculo, minha filha tinha acabado de fazer 3 anos, foi a primeira vez que eles me ouviram falar sobre a violência pela qual passei quando estava grávida, a minha filha estava presente e passou o espetáculo inteiro me chamando e dizendo para as pessoas: “ela é minha mãe” e perguntando ao meu pai: “por que minha mãe não fala comigo?”, foi sem dúvidas a apresentação mais importante da minha vida (Figuras 12, 13).

Figura 12 - Apresentação do Espetáculo Pérola – Primeira vez que minha filha me viu em cena, Natal-RN

Foto: Lorena Kallahan (2015).

Figura 13 - Após apresentação do Espetáculo Pérola – Natal – RN

Foto: Lorena Kallahan (2015).

A cena que eu rompia a quarta parede me apresentava assim: “Boa noite, eu me chamo Raquel Guedes, tenho tantos anos, sou atriz e me tornei mãe aos 19 anos. Minha filha se chama Ágata”. Fazer essa cena com a minha filha na plateia foi emocionante, reverberou não só em mim, mas em quem comungou daquele momento comigo. Foi por meio do teatro que escancarei minhas dores, me desnudei, consegui revelar para a minha família uma das maiores dores que já senti, transformei a violência em arte e em luta.

Ainda em 2015, voltei a me encontrar com Joana, de Gota d’água, na disciplina de Atuação III, dessa vez eu fiz a Joana dentro da proposta da cena guiada pela Professora Carla Martins, que me convidou para integrar o grupo teatral da qual ela dirigia, o “Pele de Fulô”, e no ano de 2016 viria assumir as personagens “A Virgem”, uma menina que era seduzida pelo antagonista do espetáculo e depois abusada sexualmente por ele, e também a personagem da “Santa Engolidora de Espelhos” que tinha como matriz para sua construção a figura de Oxum, conhecida como mãe das águas doces de acordo com as religiões de matriz africana, era uma personagem que cuidava, defendia e guerreava em favor das mulheres e que mata o personagem que violentou a virgem (Figuras 14, 15).

Figura 14 - Espetáculo “Tombo da Rainha” – Personagem “A Virgem”, Natal – RN

Foto: Taline Freitas (2016).

Figura 15 - Espetáculo “Tombo da Rainha” – Personagem “Santa Engolidora de Espelhos”, Natal – RN

Foto: Taline Freitas (2016).

Na luta para destronar o malvado “Rei Coroado” (personagem) a “Santa Engolidora de Espelhos diz”:

> Sou só mais uma das tantas que acreditou em suas palavras soltas ao vento, o rio a baixo do rio alimenta tudo o que criamos, as minhas águas transbordaram com as lágrimas daquelas que um dia você fez chorar, as minhas águas estão sujas e foi você que as sujou, por se reconhecer nesses olhos (Grupo Pele de Fulô, 2015).

E assim o tirano “Rei Coroado” foi morto, afogado nas águas, da “Santa Engolidora de Espelhos”. Naquele ano, eu e Lilith nos encontramos e ela vem me acompanhando, se fazendo presente como uma guia, assim como a figura da grande Deusa Mãe, que desde o ano 2012 vem guiando minha jornada, me soprando aos ouvidos palavras de sabedoria, me ensinando sobre maternidade na prática, me fazendo compreender a força de uma mãe, a potência, o discernimento, a lucidez. Atravessada a Lilith que apresentava a raiva, a revolta a desobediência, a sexualidade, reafirmando que somos frutos do sexo, a mãe antes de ser mãe é uma mulher, que transou para que assim pudesse engravidar e só assim se tornar mãe. A mãe é uma potência sexual.

Muito se fala sobre a maternidade, sobre o que é ser mãe, o quanto a mãe é uma figura importante, do amor incondicional que as mães sentem, colocam a mãe também em um pedestal, a santa, imaculada, protetora, a que cuida, que é capaz de fazer tudo pela sua cria. Foi construído ao longo dos séculos e da sociedade patriarcal o que a mulher mãe, pode ou não fazer, como tem que agir, se comportar. Uma série de requisitos que devem ser preenchidos pela mulher mãe e que se não forem cumpridos, ela não tem o espírito maternal.

Encarregada de educar sua filha/seu filho sozinha, porque ao homem essa função é optativa, pois a mulher já nasce com “instinto materno”, que nada mais é do que uma construção social para tornar a maternidade uma obrigação, e fortemente tornando o útero um instrumento mecanicista, dando a mulher um tempo de utilidade, enquanto pode procriar serve para o capitalismo, quando não, se torna dispensável. Numa sociedade onde se deve obediência ao pai, onde o marido tem poder sobre sua esposa, qual a função da mulher mãe para além de cuidar dos seus filhos e filhas, cuidar de uma casa, do esposo que muitas vezes se torna uma espécie de “filho”, conseguir trabalhar fora de casa, e mesmo aquelas que tem sua “independência” estabelecida ainda sim são quase/ou exclusivamente responsáveis por educar suas filhas e filhos.

Enchem a mulher mãe de funções, geralmente a mãe é a pessoa que sempre está exausta e mesmo exausta se culpando, tenta fazer “o certo”, muitas vezes sem nem saber que acerto é

esse que tanto busca. Numa intenção de nos transformar apenas em mãe e nada mais que isso. Ao me tornar mãe, iniciei uma feroz batalha contra essa ideia que atravessa nossas corpas, pois nunca quis ser só a mãe de Ágata, isso é só mais uma das tantas coisas que eu sou.

Recuso a me forçar caber em um pensamento tão reducionista do que é ser uma mulher e mãe, e ainda por cima que, a força, sabedoria, resiliência, potência criadora, artística e tantas outras potências de nós mulheres mães não são faladas, na verdade nos entopem de afazeres e formas de como devemos ser e agir, justamente para que não tenhamos espaço de explorar as nossas potências, de fazer revolução. Não é à toa que o sistema capitalista anda de mãos dadas com o patriarcado. E esse companheirismo não é de hoje, mas sim de um tempo em que foi preciso se destituir a "Grande Deusa Mãe", para a entrada do "Deus" homem, pai. Merlin Stone, é uma das maiores referências em teologia feminista, é escritora e artista acadêmica norte-americana, e em seu livro "Quando DEUS ERA MULHER", ela nos fala de períodos históricos em que a religião da Deusa foi real, de como aconteceu a passagem da Deusa para Deus, nos fazendo entender o quanto a religião tende a espelhar a cultura dominante. Stone (2022, p. 37) nos diz:

> Astarote, a desprezada deidade "pagã" do Velho Testamento, era (apesar dos esforços dos escribas bíblicos para disfarçar sua identidade usando repetidamente o gênero masculino) Astarte – a Grande Deusa, como Ela era conhecida em Canaã, a Rainha do Céu no Oriente Próximo. Aqueles adoradores de ídolos pagãos na Bíblia vinham orando a um Deus mulher – em outros lugares conhecida como Innin, Inanna, Nana, Nut, Anat, Anahita, Istar, Ísis, Auset, Ishara, Aserá. Ashatart, Attoret, Attar e Hathor – a Divina Ancestral de muitos nomes. Mas todos os nomes denotavam, nas diversas línguas e dialetos dos que a veneravam, a Grande Deusa.

Continua:

> Ainda mais espantosa foi a evidência arqueológica provando que sua religião existira e florescera no Oriente Próximo e Médio por milhares de anos antes da chegada do patriarca Abraão, o primeiro profeta da deidade masculina Iavé. Os arqueólogos rastrearam a adoração da Deusa até as comunidades do Neolítico, em torno de 7000 a.C. e algumas do Paleolítico, Superior, cerca 25000 a. C. Desde a origem no Neolítico, sua existência foi atestada repetidas vezes, até nos tempos de dominação romana. Contudo, os acadêmicos biólogos concordaram que Abraão vivera em Canaã (Palestina) mais tarde, entre 1800 e 1550 a.C.

Há alguns anos, venho refletindo, pesquisando essa questão da existência, anteriormente da Deusa, a partir da minha vivência e luta na maternidade: se a mulher é o ser que cria, geradora da vida, como pode vivermos numa sociedade onde reverencia, obedece e exalta o pai, e não a

mãe? Saber que o culto a religião da Deusa existiu, torna o que até então em minha reflexão era incoerente, coerente.

Ao mesmo tempo que mais uma vez me causa revolta pensar em como o patriarcado foi se tornando dominante e conseguindo se impor, ganhou visibilidade, uma legião seguidores, e não só isso, mas passamos de uma sociedade matrilinear, onde homens e mulheres tinha os mesmo direitos e deveres, apesar de que, a voz da mulher tinha um peso maior, além da sua potência reprodutora/criadora, pois antes não se sabia ao certo como o bebê ia parar na barriga da mulher, não se sabia da participação do homem nesse processo, e pelo fato das mulheres possuírem conhecimentos sobre alimentação, cura, fazia com que as mulheres tivessem um lugar de destaque nas comunidades, onde também os filhos não eram responsabilidade apenas da mulher, mas de toda a comunidade. Stone (2022, p. 38) nos fala:

> James Frazer, Margaret Mead e outros antropólogos, escreve Leonard Cottrell, afirmaram que, nos primeiros estágios de desenvolvimento do homem, antes de compreenderem o segredo da fecundidade humana, antes de associarem o coito ao parto, a mulher era reverenciada como doadora da vida. Só as mulheres conseguiam produzir sua própria espécie e a parte do homem nesse processo ainda não era reconhecida.

Stone (2022, p. 39) ainda nos fala:

> É provável que nas sociedades mais arcaicas as pessoas ainda não tinham o entendimento consciente da relação do sexo com a reprodução. O conceito de paternidade ainda não devia ser compreendido. Embora envolvidos por diversas explicações míticas, os bebês simplesmente nasciam das mulheres.
> Nesse caso, a mãe seria vista como a única progenitora da família, a única produtora da geração seguinte. Por essa razão, era natural que as crianças tomassem o nome da tribo ou clã da mãe. Os relatos de descendência seriam mantidos pela linhagem feminina, de mãe para filha e não de pai para filho, como é costume atual na sociedade ocidental.

Houve um tempo em que se valorizava o clã da mãe, e não do pai. Pois a mulher é que detinha o poder da criação, essa ideia foi extinguida para que o se prevalecesse o pai, o criador, que na nossa sociedade literalmente não é o ser cria, a criação em seu pensamento mais amplo, quer dizer tanto de criar, conceber alguém, quanto criar/educar é de total responsabilidade e poder da mãe. Mesmo a mãe tendo esse poder e ser uma grande potência e referência, a ela restou o segundo lugar, o silêncio, a exaustão, a anulação, enquanto o pai, que não cria, é detentor de atenção, exaltação, obediência, poder, violação das corpas tanto da mãe, quanto da filha. Não só “desapareceram” com a Deusa mãe, como inundaram a mulher com o sentimento

de culpa, de não ser uma boa mãe, minaram as nossas potências e sabedoria materna, para que isso nos tornassem frágeis, inseguras, dependentes, submissas, por meio também da construção de que só temos valor quando estamos ligadas ao homem, primeiro ao pai, depois ao marido.

Merlin Stone (2022), diz que "Apesar de a cultura matriarcal e matrilinear ter ruído, ela não só perdura como se impõe ao patriarcado e resiste a ele, mostrando-se mais atual do que nunca". Para que a sociedade patriarcal se mantenha de pé, é preciso que a mãe se faça presente dentro desta sociedade, cumprindo seus deveres que estão diretamente ligados aos cuidados básicos de sobrevivência, para que haja a ascensão do homem é preciso que a mulher seja explorada. E não só por isso a força matriarcal se mantém, mas o que diz a psicologia analítica é que A Grande Mãe está na categoria de Arquétipo Primordial.

Sobre o termo Arquétipo Primordial, Neuman (2021, p. 22-23), nos fala:

> O termo 'arquétipo primordial' merece explicação por parecer um pleonasmo. Utilizamos o conceito de arquétipo com o mesmo significado que o fez Jung, de forma clara, em seus últimos estudos, como um conceito estrutural significando 'presença eterna'. Porém, visto que para a prática psicoterapêutica, assim como para a compreensão da história da consciência, é significativa uma diferenciação do 'arquétipo' no seu 'desenvolvimento' no âmago da psique, atribuímos ao termo 'arquétipo primordial' uma conotação ontológica, definindo-o, assim como a forma que surge na fase inicial da consciência humana, antes de sua diferenciação em arquétipos particulares.

A Grande Mãe se manifesta e surge na fase inicial da pisque humana, se fazendo presente nosso imaginário social e cultural, como figura de grande importância para a sociedade, seja ela matriarcal, seja ela patriarcal, e não apenas em sua forma humana, mas como nos apresenta Neuman (2021, p. 26), pode ser identificada em outros símbolos:

> Antes de ocorrerem os abrangentes fenômenos ligados à figura humana da Grande Mãe, verificamos o surgimento espontâneo de vasta gama de símbolos, que se referem à sua imagem ainda não determinada e amorfa. Tais símbolos, especialmente os da natureza em todos os seus reinos, estão, de certa forma, marcados pela imagem do Grande Maternal, que vive neles e lhes é idêntica, sejam eles uma pedra, uma árvore, um lago, uma fruta ou um animal. Aos poucos eles se unem à figura da Grande Mãe como atributos e criam o círculo de aspectos simbólicos que cinge a figura arquetípica e se manifesta no rito e no mito.

A Grande Mãe, é uma força que habita a sociedade de várias formas, desde a psique humana à natureza, ela está inserida em nós, e não só nas mulheres, mas em todas, todes, todos, sendo um símbolo de grande importância, mas que por sua vez me parece que essa força,

importância e potência da Grande Mãe, se faz muito mais presente no imaginário social do que em sua forma humana e ativa em nosso meio. Interessante pensarmos que as mulheres mães, quase nunca tem sua potência materna validada, ou sequer tem consciência dela.

O Teatro e os feminismos foram de grande importância no meu processo para descobrir, enxergar, validar, a minha potência enquanto mulher mãe e não de forma apartada da Raquel Mulher, mas por conseguinte me fazendo compreender a força criadora dessa mulher que foi parida junto com sua filha, e a partir deste parto, começa a parir outras criações no mundo, seja no meio artístico teatral, seja no campo social, enquanto mulher mãe feminista/artista, que não aceita a suposta realidade que lhe é apresentada, e assim questiono, me rebelo, faço arte. Aproprio-me das dores que não são só minhas, da força e sabedoria que me/nos foi negada, da força de virar bicho e ser portal para a minha filha, da força de outras mulheres que me acompanham nessa jornada, e assim sigo me engravidando, gestando, parindo questões, lutas, diálogos, pontes no mundo.

A partir do que fui parindo na cena, as minhas criações artísticas/políticas que revelavam tanto de mim, a cada parto, fui entendendo minha potência e força como Mulher Mãe. Entendendo que eu estava parindo aquilo que eu precisava gritar no mundo, mas que eu precisava me ouvir, olhar para mim também. Tenho a sensação de que depois que me tornei mãe, minhas produções artísticas não eram mais escolhidas por mim, mas como se minhas vivências e experiências me guiassem no processo de me mostrar quais seriam minhas produções, que faziam sentido para mim, que acontecessem a partir de mim.

Não à toa encontrei na Mitodologia em Arte um colo para assentar, e pari segura, onde as minhas pulsões ganham lugar de destaque, torna-se arte e ação política e não só pelo verbo, mas pela corpa, pelos mitos, pela corpa-política, pelo pessoal-político, porque apesar de falar de mim, estou falando de e para outras mulheres que guerreiam junto comigo.

No primeiro parto (laboratório) de criação para esse trabalho, sendo guiada por João Vítor, e pelos procedimentos da Mitodologia em Arte, caminhei junto às mulheres que me pariram e com a mulher que eu pari, carreguei a cruz que o patriarcado me impôs, caí e fui levantada pelas irmãs que brotaram como flores no meu caminho, tornando a jornada um pouco mais leve, enfeitaram o meu altar, curaram minhas feridas me re-ensinaram a dançar e a gozar, me ensinando que o prazer de uma mulher é algo poderoso e que antes de guerrear é preciso preparar o feitiço da revolução, que é feito de canela, água, sorriso, dança e gozo.

No segundo parto (laboratório), o fogo trouxe a maternidade me queimando por dentro, em estado de ebulição, a mente virando cinzas, eu ficando louca., o choro do bebê que não parava, inúmeras tentativas falidas de encontrar o silêncio, não consegui. Corri, dancei,

balancei, rastejei, quase desisti, chorei e me culpei, e em meio a culpa abafei a minha dor, guardei para senti-la em outro momento, a minha filha precisava de mim. Porém, quanto mais eu acalentava, mais ela chorava, e mais eu me desesperava, achei que estivesse enlouquecendo. O puerpério para mim ficou marcado pela sensação de achar que estava enlouquecendo, uma mistura de dor e amor, tristeza e felicidade, revolta e raiva. O puerpério quando não é acolhido, cuidado, e quase nunca é, é um caminho para a loucura.

O Terceiro parto (laboratório), senti a calmaria de estar imersa no líquido amniótico, águas tortuosas repletas de medo, água fluidas com a qual dancei, me banhei, me entreguei ao gozo e dele surgiu a Mãe Selvagem, guerreando, dançando, chorando gargalhando, afrontando, (se) cuidando, (se) amando, serpenteando, questionando, educando, politizando, sendo tudo aquilo que nossos algozes disseram que uma mulher/mãe jamais poderia ser ou fazer. Eu/ela sou o contrário, o avesso do que nos disseram, o bicho que estava guardado e esperando para ser solto, somos a busca pela liberdade, estamos presentes em cada gota de leite sugada pelas nossas filhas, na descoberta de ser mulher e na dor que isso causa, sou aquela que eles e deus temem, que carrego a potência da parição, da criação, que inverto a posição, aquela que causa revolução.

O último parto se aproxima, não tem sido fácil manter essa gestação, assim como não foi fácil em 2012, já consigo sentir as contrações, elas estão cada vez mais compassadas e mais rápidas, a dor está cada vez mais intensa, o desejo de parir/partir pulsa cada vez mais forte. Tenho duas Doulas, uma delas tem me ajudando com os preparativos para o momento do parto/espetáculo, traz uma sabedoria ancestral, herdada de sua avó. Outra, está organizando comigo cada parto, carrega a sabedoria de guerreiras e a poesia do cuidado com muitas irmãs, criou um Motim - uma rede de luta e afeto.

Chegou a hora de parir e ser parida.

4º CAPÍTULO

Quarto Parto – nasce uma mãe selvagem – entrecruzamentos de Lilith e da Grande Mãe – vivências e experiências da sala de parto/ensaio

Mães também gozam.
Se masturbam.
Transam.
Mães, ficam bêbadas, sóbrias,
E loucas.
Mães, amam absurdamente sua cria,
Seja ela uma pessoa,
Flores, desejos, sonhos.
Mães, são bichos viscerais,
Faca de dois gumes.
Mães, carregam em seu ventre
Poder e destruição.
Mãe é Revolução!
(Raquel Guedes)

Tentaram me impor a santidade materna, logo a mim que desde cedo fui ensinada a seguir o fluxo contrário das regras impostas às mulheres. Rejeitei a maternidade santa e casta, recusei-me a deixar de ser eu, sigo todos os dias me lembrando quem sou, assim como Lilith, mudei de posição e segui o meu caminho, fui castigada (por ele), mas segui, um caminho solitário, incerto e doloroso, com o ventre cheio de amor e dor. A Grande Deusa Mãe, me ajudou a caminhar, me ajudou a parir, me ajudou a acalentar minha filha quando ela não parava de chorar, fecundou em mim sua sabedoria criadora. Lilith me olhou nos olhos e fez com que eu olhasse para mim, me reconectando comigo mesma, através dos seus olhos enxerguei a mim, a Grande Deusa Mãe, a própria Lilith, vi também minha avó, minha mãe, minha filha. Encontro do passado, presente e futuro guiado pela arte, na expansão da travessia teatral, na luta de mulheres por existir e reexistir.

A hora de parir esta gestação se anuncia, já consigo sentir as contrações, as dores do parto ficam cada vez mais intensas, tenho doído e tenho chorado, me sinto cansada, não vejo a hora de parir/defender minha cria. Nesta gestação não sigo sozinha, outras corpas têm me ajudado a gestar, seguram minha mão, me orientam, organizam, (trans)formam essa cria junto comigo. Uma cria/pesquisa artística, política, reflexiva, feminista, didática, crítica que será

apresentada a partir das articulações propostas pela perfopalestra, conceito que conheci por meio das Professoras Dra. Maria Brígida de Miranda e Luciana Lyra (orientadora/parteira dessa gestação/pesquisa), ambas as professoras são referências dentro do teatro feminista e tem criado uma rede artística, reflexiva, afetuosa e de luta para o campo das artes. A Professora Maria Brígida de Miranda (UDESC) em seu artigo "Colchas de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das Artes da Cena" nos traz a seguinte reflexão acerca do "teatro feminista":

> O termo "teatro feminista" já indica o imbricamento entre duas práticas específicas. O teatro feminista seria uma prática teatral informada pelos discursos e práticas feministas. Contudo, essa definição simples, complica-se à medida que se percebe as multiplicidades de práticas teatrais e de práticas feministas. Se são inúmeras as possibilidades de "fazer teatro", o feminismo não é um movimento único e homogêneo, mas um fenômeno com diferentes ideologias e demandas ao longo da história, moldadas por contextos políticos específicos (Miranda, 2008, p. 134).

Diz ainda:

> Pode se dizer que em várias práticas de teatros feministas a produção de textos levou a transformação das próprias formas de produção e a questionamentos sobre hierarquias e relações de poder. Seguindo a tendência do teatro alternativo, funções como a do dramaturgo foram reformuladas ou diluídas em processo de criação coletiva. Tornou-se comum a produção de texto a partir de improvisações e de temas ou experiências pessoais (Miranda, 2008, p. 136).

Esta gestação/pesquisa parida por mim, é a trasnformação das minhas experiências pessoais em cena artítica, teatral, performática assim como fala a professora Brígida, levo para a cena as minhas vivências de mulher, cis, nordestina, feminista, mãe, tornando as minhas experiências em ato artístico e político, não "descolo" de mim para a construção da cena, pelo contrário, mergulho em minhas profundidades e a partir daí vou parindo cenas, histórias, dramaturgias. Compreendo que a ação de construir cenas teatrais a partir das minhas experiências, não se deu de forma consciente, inicalmente, mas instigada pelo próprio fazer teatral, iniciando na disciplina de Atuação III, a partir do trabalho com o Teatro Ritual (2015) e encontrando um colo no processo de criação de *Mitodologia em Arte* (2017) Fui no decorrer da minha prática artística compreendendo que o que eu fazia em cena partia da minha história pessoal, e que isso era potente, artístico e político.

Esta gestação é uma obra feminista, faz parte do que a professora Brígida define de forma primorosa o que é o "teatro feminista", articulo a prática teatral ao feminismo no qual

sou fortemente fecundada e "curada" de processos dolorosos causados e intensificados pelo machismo, pela misoginia, pelo patriarcado, pai criador que violenta suas filhas e tem aval para isso, é normalizado, naturalizado, pois o pai tudo pode. A partir do que explica a professora Brígida, e assim como outras irMÃES têm feito, transformei as minhas experiências pessoais em mote criativo, pesquisa, luta, inclusive confesso que não sei se de fato fui eu quem levou a minha experiência para o teatro, ou se o teatro tomou para si a minha história e me fez enxergar nas minhas vivências potência criadora, artística, acadêmica, a partir de um processo que entendo como cura e resistência. E não só minha, mas de outras irMÃES, que se identificarão com as experiências relatadas aqui, se emocionarão, não se sentirão sozinhas, compreenderão que existe potência na ação de ser mulher, filha, mãe, artista, feminista, que podemos ocupar muitos outros lugares para além do que a história do pai nos contou.

Nesses dois anos de gestação, e em constante aprendizado com outras mulheres que me ajudam a gestar, tenho compreendido que esta pesquisa tem também a função de informar, possibilitar, tecer de forma didática, cuidadosa, forte, trajetos para além do lugar posto para as mulheres, para isso apresentar/defender esta pesquisa ancorando-a nas bases da perfopalestra faz todo sentido. Jussyane Rodrigues Emidio[25], Bacharela em Arte e Mídia (UFCG), Mestra em Teatro (UDESC), Doutora em Teatro (UDESC), atriz, bailarina e professora, em sua tese de doutorado entrevistou a professora Luciana Lyra, com o objetivo de investigar esse formato de apresentação em sua origem e historicidade. Ao observar também as articulações entre teoria e prática na academia, principalmente nas cenas feministas:

> Convidada a fazer uma palestra acerca de meu processo de criação dramatúrgica no CEART-UDESC, em fevereiro de 2016, acabei por elaborar a ideia e a ação da perfopalestra, que toma como fundamentos: as palestras performáticas do mexicano Guillermo Gomez-Peña (La Pocha Nostra) e as aproximações entre teatro e teoria evocadas pelo pensador John Dawsey (FFLCH/USP) em seus textos antropológicos. Segundo Gomez-Penã, O Artista da performance é um cronista do seu contexto imediato, trabalha com hipertextos e múltiplas metodologias, não só treinando o corpo, mas

[25] Bacharelado em Arte e Mídia pela Universidade Federal de Campina Grande (2008). Graduação incompleta no curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri (URCA), onde foi bolsista PIBID/CAPES Teatro (2012-2013). Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT/UDESC), onde foi bolsista CAPES (2014-2016) e Doutorado na mesma instituição, com pesquisa voltada aos teatros feministas, arte, política e performatividade, com produção de espetáculos que integram sua pesquisa prática. Bolsista CAPES (PPGT/UDESC, 2016-2020). Representante Discente da Pós-graduação (PPGT/UDESC) no ano de 2017 e Representante Discente da Pós-Graduação no CONCENTRO (CEART/UDESC) gestão 2017-2018. Atriz e bailarina, com experiência em canto, integrou o Coral da UDESC de 2014 a 2016. Foi integrante do Grupo Centauro de Teatro (2009-2013) e da Alysson Amancio Cia. de Dança (2009-2012), ambos no estado do Ceará. Como professora, atuou na Associação Dança Cariri (2010-2012), e no projeto social AABB Comunidade, onde ministrou aulas de ballet clássico e dança contemporânea. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, dança e canto.

> politizando o ser num processo de descolonização e na integração do corpo ao seu discurso. Dawsey, por sua vez, cria conexões entre a etimologia da palavra teoria à palavra teatro nos remetendo ao 'ato de ver' (do grego thea). O empreendimento teórico sugere algo que poderíamos chamar, tal como Roland Barthes chamou o teatro, de um 'cálculo do lugar olhado das coisas'. Daí o exercício que a perfopalestra se propõe a repensar o lugar olhado das coisas, a partir de uma audição dos ruídos, das redes múltiplas de textualidades. A ação da perfopalestra tem assim, a intenção de promover tensões entre os campos da atuação e da teoria, do corpo e seus discursos, utilizando linguagens sincréticas, simbólicas e interdisciplinares para expressar temáticas variadas da condição humana em expressão (Lyra, 2018, grifos da entrevistada) - (Emidio, 2021, p. 88).

Jussyane ainda apresenta uma reflexão inspirada, no conceito da Professora:

> O formato perfopalestra, resumidamente, se refere a uma composição cênica na qual a palestra e a performance se amalgamam, propondo uma exposição didática, científica e informativa, porém com ênfase na presença da performer em cena, que corporifica e dá passagem a camadas mais densas do que a exposição de um conteúdo. Atravessamentos, inflexões, movimentos e todo aparato cênico colaboram e significam junto. A primeira vez que tomei contato com o termo foi a partir da perfopalestra da professora Luciana Lyra (Emidio, 2021, p. 10).

Brisa Rodrigues, Atriz-pesquisadora, Doutoranda em Artes Cênicas na Unirio, Mestra em Artes pela UERJ, tem seu trabalho também assentado na Mitodologia em Arte (Lyra, 2011b), enraizado no feminismo, também disserta sobre o significado da perfopalestra:

Rodrigues (2018. p. 170) explica:

> A Perfopalestra como o nome já diz é uma palestra performada. Uma proposição que atua como uma estratégia feminista na academia. A ideia é estabelecer uma comunicação em performance, uma demonstração de trabalho sobre a pesquisa da atuante que é ao mesmo tempo um escopo acadêmico.

A partir do conceito de Lyra, e as reflexões de Emídio e Rodrigues, entendo que apresentar/defender essa cria, tendo como base a perfopalestra ganha ainda mais sentido, pois esse formato de exposição reafirma a arte enquanto possibilidade crítica, reflexiva de sentido e sentir, transitando entre o espaço acadêmico e artístico, onde este por sua vez ao ser reafirmado transforma o espaço acadêmico que tende a ser mais engessado, quadrado e vai ganhando características artística importantes que não passam despercebidas, em um jogo cênico, narrativo, explicativo, agregando teor didático e informativo, a sensibilidade artística como potência transformadora. E a partir das experiências vivenciadas por mim em cena, onde a minha história se tornou mote criativo cênico/político.

A partir das reflexões proposta nesta pesquisa, onde parto de mim e chego em tantas outras, e para além de traçar relações profundas com os mitos que guiam minha jornada – Lilith e a Grande Deusa Mãe – tendo a arte como portal transformador, sensível, reflexivo, político, faz-se necessário apresentar um trabalho que acolhe e informa mulheres de forma didática e sensível, que somos muito mais do que nos é contado e apresentado pela história judaico-cristã. Que o patriarcado é um sistema muito bem articulado, e foi erguido em cima de nossas corpas, que as dores de uma é a dor de muitas.

Diante dessa reflexão, pode-se traçar uma relação com o significado de Dororidade de Vilma Piedade[26], ativista, escritora e intelectual brasileira que se formou em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela é conhecida por sua dedicação ao movimento antirracista e por seu feminismo crítico, tendo criado o conceito de "dororidade". Em seus escritos, ela enfatiza a importância da participação das mulheres negras na história e no feminismo negro, bem como a necessidade dessas mulheres ocuparem os espaços de poder existentes.

Piedade (2019 *apud* Oliveira, 2021, p. 151) aponta que:

> Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seus significados, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade.

Oliveira[27] (2021) reflete a partir da autora a etimologia da palavra Dororidade:

> Piedade diz que a etimologia da palavra sororidade vem de sóror, uma palavra do latim que significa irmãs, ou seja, o feminismo deve ser então ancorado no apoio e na união entre as mulheres. Já dororidade, vem de dor, sofrimento, que marcam as experiências de mulheres pretas em afrodiáspora (Piedade, 2019 *apud* Oliveira, 2021, p. 149).

[26] Vilma Piedade é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-graduada em Ciências da Literatura pela mesma instituição. É professora, escritora e autora do Livro – conceito de "Dororidade", publicado em novembro de 2017 pela Editora NÓS. Antirracista, mulher-preta, feminista. Colunista do Canal Pensar Africanamente e do coletivo pretaria

[27] Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2018), Mestrado em Políticas Sociais e atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem.Tem experiência na área de Educação e estudos afrodiaspóricos, atuando principalmente nos seguintes temas: mulheres negras, política, estética, produção de conhecimento, educação de axé (Texto informado pelo autor).

Luciana Lyra, também faz apontamentos relevantes sobre esse conceito, em sua perspectiva revolucionária, causa rupturas no poder patriarcal, heteronormativo, classista e colonialista.

> Na defesa da *dororidade*, Piedade interpela a noção de sororidade e pretende *desromantizar* esta irmandade entre mulheres, amplificando-a e chamando-nos a atenção para as diversas mulheridades e especialmente para as camadas que são ainda mais oprimidas pela miopia binária do projeto moderno-colonial de base escravista, patriarcal, heteronormativo e classista. A *dororidade* oferece entressonhos renovados para a peleja contra violências herdadas da colonialidade que tatua ausências e gestou o silêncio histórico, com seus nocivos apagamentos (Lyra, no prelo).

Compreendo, portanto, que as dores sentidas por mim enquanto mulher e na maternidade, perpassam as dores de várias outras mulheres, extrapolando o sentido de irMÃEdade, no sentido da sororidade, e criando teias de relações com a revolução intrínseca da *dororidade*. Assim, questiono a romantização materna e apresento potências no ato criador, trazendo provocações acerca do Deus homem, sendo que quem cria literalmente é a mulher/mãe. Para que possamos cada vez mais criar redes, motins de mulheres trocando experiências, abrindo caminhos, possibilitando novos trajetos e vivências para cada uma de nós.

Na organização de "Mãe Selvagem", nome pelo qual batizei o trabalho prático desta gestação/pesquisa, as cenas performativas onde visto a figura da "Mãe Selvagem" são intercaladas como momentos em que me "descolo" da figura, assumindo a postura de "palestrante", rompendo a relação distanciada com o público e falando de forma direta com o mesmo, explicando os caminhos percorridos durante esses dois anos de pesquisa. De onde parti, por onde passei e onde estou. Trazendo as referências pilares, as mulheres que me gestaram e o caminho de criação utilizado – a Mitodologia em Arte (Lyra, 2011a).

A Mitodologia em Arte é um prenúncio das questões emergentes na sociedade. Não é apenas um conjunto de procedimentos que serão executados e ao final do processo teremos um resultado, é para além disso. É um desvelar das pulsões, vivências, experiências da artista em contato com seu íntimo, suas crenças, suas profundidades, em relação com o meio que está inserido, ou já esteve. Apresenta-se também em um estado de "confirmação" das questões que estão acontecendo no âmbito social. Digo isso a partir da vivência nos laboratórios guiados a partir do processo Mitodológico em Arte.

Parto - primeiras experiências nas salas de parto mitodológicas

1 º Contração

Iniciamos o trabalho prático desta pesquisa em gestação no dia 23 de junho de 2022, no departamento de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Eu e uma grande amiga, parceira, atriz, professora de teatro/artes, atualmente doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina, discente do Programa de Especialização do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, João Vitor Mulato[28], que desenvolveu sua pesquisa de mestrado, intitulada*:* "A força e a chuva feminina em um sertão bem masculino: imersão performática nos ritos de passagem de Bia Mulato pela mitodologia em arte" (2019), na pesquisa, sua avó materna Bibiana Maria da Conceição, mais conhecida como Bia Mulato, a partir dos estímulos de criação da *Mitodologia em Arte*, é colaboradora/condutora daquele trabalho. Nos três primeiros encontros laboratoriais, o tema *abuso sexual* é algo recorrente.

Primeira Dilatação – O dia em que engravidei de mim

Parir é adubar a terra – tudo começa com o parto, atravessamento de um portal, virando bicho, pari na lama. O que nasce da lama? Nasceu o gozo, uma mulher gozando, encontrando-se com o poder, descobrindo seu poder que queima o peito, exibo meus fartos peitos cheios de leite, símbolo da fertilidade, amamento minha cria, cuido. Abro as asas e voo, quero ver o mundo queimando do alto. Sou um pássaro de fogo, sou um pavão, exibindo suas penas, sou uma fênix renascendo das cinzas.

O laboratório se inicia antes mesmo de encontrar com João Vitor no Departamento de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande Norte, mas sim, naquela manhã de quinta-feira, onde João me pede para escolher quatro imagens que "definem minha pesquisa", me pede também para levar cartolina, cola, coleção, tesoura, pede para eu selecionar alguns elementos que considero sagrados. Todos esses pedidos de João são para compor os procedimentos presentes no processo de criação da Mitodologia em Arte. Os procedimentos utilizados nesse

[28] João Vítor Mulato é artista-docente interdisciplinar, licenciada em Pedagogia (UNINASSAU - 2015), Teatro (Departamento de artes - DEART UFRN - 2016) e Dança (DEART UFRN). Pós-graduanda em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida (DEDFIS/CCS UFRN) e Ensino de Teatro (IFRN/PAR). Mestra (DEART/PPGArC UFRN - 2019 (Escavador, 2022g).

primeiro laboratório foram: A Mandala – Alquimia dos Elementos – Vestes Rituais – Objetos Sagrados – Totem animal.

> Os procedimentos da Mitodologia em Artes Cênicas não estão isolados como um conjunto de práticas, mas foram compostos a partir de pressupostos e princípios norteadores, sem os quais não existiria. Os dois pressupostos foram intitulados, Artetnográfico e Lúdico. Os princípios em número de três são: o Princípio Narcísico, o Princípio Alquímico e o Princípio Místico. Os procedimentos desta Mitodologia surgem, a priori, em três grandes grupos de jogos seguindo a jornada do herói, quais sejam: Ritos de Partida, Ritos de Realização e Ritos de Retorno (Lyra, 2011b, p. 4).

Começamos a conversar sobre a pesquisa: quem é Lilith? Que mulher é essa? Qual a relação dela com a maternidade? Fomos tecendo impressões de como até aquele momento eu estava entendendo, sentindo a minha pesquisa. Esse momento de reflexão teórica, de pensar o mito, tecer relações com a mitologia pessoal, emergir questões sociais que atravessam a pesquisa, pensar as teóricas e teóricos que fecundam esta gestação é o que a Professora Luciana Lyra vai chamar de *Mística:*

> A Mística pode ser compreendida como ritual, onde estudos acerca do mito-guia são feitos e conexões são estabelecidas, constituindo-se um dos eixos que dão sustentação às demais práticas mitodológicas. Durante este procedimento, toma-se contato com bibliografias e filmografias sobre o mito-guia do processo, fomentando discussões, firmando a coesão do grupo e trabalhando a percepção da temática e suas relações com o mundo pessoal e social. Por meio da troca simbólica, os indivíduos interiorizam e reproduzem as ideias e incorporam à sua subjetividade o projeto desenvolvido (Lyra, 2015, p. 39).

João Vitor começa a falar sobre o poder das imagens, e sobre a mandala, então a partir daí, inicio a construção da minha primeira mandala:

> A Mandala vem a se constituir como uma síntese do processo criativo, consolidando a dinâmica entre o eu (atuantes) e a alteridade, o cosmos. A Mandala, assim como mapa em contínua exploração cartográfica, é a exposição plástica e visual do retorno à unidade pela delimitação de um espaço-tempo divino da criação por meio de um caleidoscópio de cores, uma profusão de fragmentos, estabelece o terreno de meditação acerca de todo processo vivenciado, fomentando a criação dramatúrgica e cênica (Lyra, 2015, p. 73).

A Mandala compõe esta pesquisa, não apenas a parte laboratorial, da sala de parto (ensaio), mas também a parte escrita, possibilitando construir uma visão ampla dessa gestação, ao mesmo tempo em que é objetiva, sensível (Figuras 16, 17). Pensando em quantas partes será

dividida, em que sequência de atos será contada, o que está no centro da mandala? Quem são os guias?

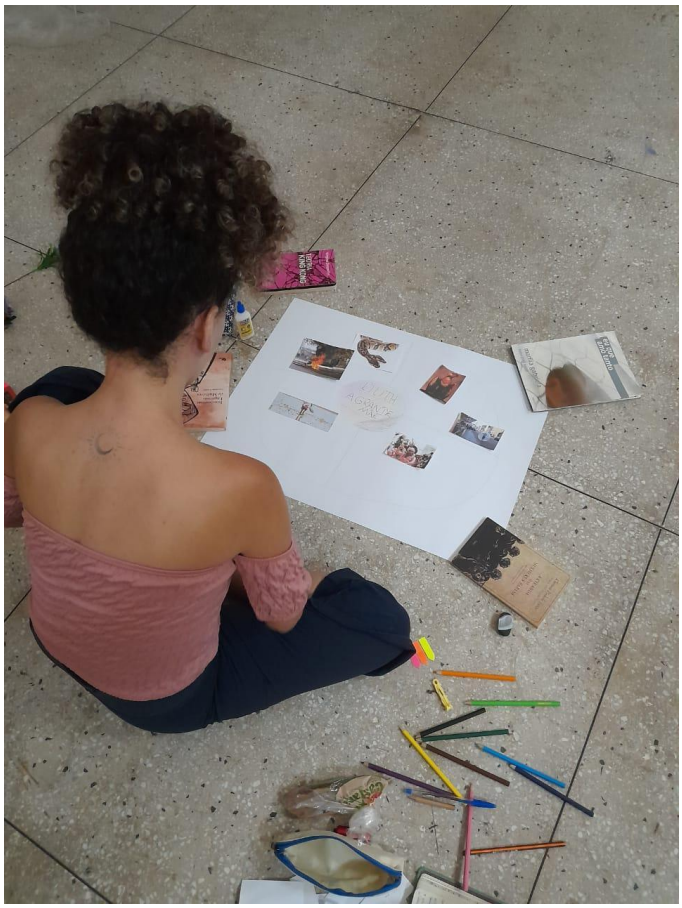


Figura 16 - Gestando a Primeira Mandala - Parte 1. Departamento de Artes – UFRN

Foto: Acervo pessoal (2022).
Foto: Vitor Ferreira.

Figura 17 - Gestando a Primeira Mandala - Parte 2. Departamento de Artes – UFRN

Foto: Acervo pessoal (2022).
Foto: Vitor Ferreira.

Dividi a Mandala em quatro partes: terra, fogo, água e ar. Ocupam o lugar central Lilith e a Grande Mãe, mitos-guias, forças propulsoras desse trabalho. Lilith, uma força geradora de movimento, voz, barulho, caos. Ela remexe a estrutura patriarcal e faz revelar potências, reivindicações e lutas. Olho para mandala e consigo construir uma visão "totalitária" de como percebo esta pesquisa, visualizando os pontos que preciso demandar mais atenção, aquilo que já tenho conceitos e reflexões mais desenvolvidas, relações, pensamentos que passaram por um processo de ressignificação desde o início da pesquisa até aqui. Consigo analisar o que vou chamar de "pontos fortes" da pesquisa e devo me debruçar um pouco mais sobre eles. Refletir sobre os guias que estão no centro da mandala e consequentemente no centro da pesquisa e das partes em sua volta, onde juntas formam o todo. Uma espécie de interligação retroalimentar de ambas as partes.

Em cada uma das partes divididas na mandala, coloquei a imagem de uma mulher em contextos diferentes, em uma relação distinta com o meio, e cada uma delas representava um elemento da natureza (Figura 18).

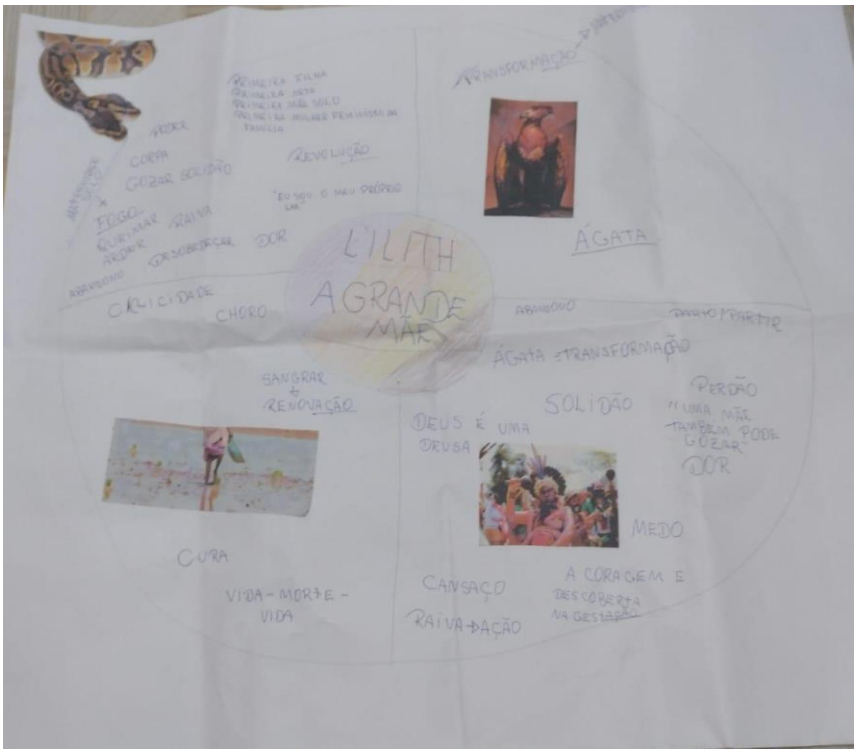


Figura 18 - Primeira Mandala. Departamento de Artes – UFRN

Fonte: Acervo pessoal (2021).

Após construir o círculo na cartolina, dividi em quatro partes, em cada uma delas coloquei uma mulher, no centro estavam Lilith e a Grande mãe, que são as grandes forças circulares, transformadoras e transitantes em mim, que reverberam e são potências de criação nesta pesquisa em gestação.

Quando estava em estado de jogo e em relação com um dos elementos sagrados, o pedaço do cordão umbilical da minha filha, depois de experienciar um momento íntimo e profundo, me sentindo fecunda e poderosa por carregar o dom da criação, minha corpa sente-se pesada, uma força sobre o meu útero. Uma pressão que iniciava no meu útero, descia pela minha vagina e escorria pelas minhas pernas, que neste momento estavam abertas, começo uma tentativa de fechar as pernas e não consigo, a pressão e a força exercidas sobre minha corpa é maior.

Estou deitada no chão, a movimentação começa a acelerar, me debato e tento com todas as minhas forças fechar minha corpa que se encontra aberta, a respiração está ofegante, tento

me levantar e não consigo (Figura 19). No meu peito começa a brotar água, e ela cresce, sobe para a garganta, não consigo falar, emito sons de cansaço, de desespero, choro, a água escorre pelos olhos, minha corpa está cansada, dolorida, machucada, me espremo e contorço no chão, até que encolho, abraço meus joelhos que estão encostados no meu peito, choro cansada e em meio a dor me percebo grávida e não quero estar(primeiro abuso). A água que escorreu de mim, misturou-se com a terra, virou lama. O que nasce da lama? (Figuras 20, 21)

Figura 19 - Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Figura 20- Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Figura 21- Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Segunda Dilatação - Elemento fogo

A maternidade se revelou e me queimou por dentro. Não sabia que o elemento trabalhado seria o fogo, estou deitada no chão, percebo que a sala ficou mais escura, começo a sentir um cheiro de queimado, penso: tem fogo aqui. Deixo que o cheiro do fogo arda e queime as velas na sala, entrem na minha corpa, permito que a fumaça me faça sentir queimar por dentro, já sinto o calor que começa a se expandir pela sala. Sinto uma profunda necessidade de vestir a minha veste sagrada.

Assim diz Lyra (2015, p. 56): “O rito das Vestes Rituais deve estar envolto de uma atmosfera de descoberta, onde a roupagem do atuante adquire o sentido de segunda pele, por meio da qual este atuante adentra em novas descobertas”.

Uma saia vermelha com uma fenda, desde o primeiro laboratório quando a visto, experiencio um parto/portal, uma *persona* nasce, sinto que engravidei de mim e pari um ser uno, potente, um bicho, uma mãe, uma mãe-selvagem. Neste segundo laboratório, atravessar o parto foi doloroso, foi como se a vagina tivesse se fechado e eu não conseguisse atravessar o portal. Me sinto sufocada, e tento com todas as minhas forças atravessar. A saia está na minha cabeça, tornando a respiração mais difícil, meus braços também estão presos, quanto mais forço a passagem, mais minha corpa dói, tento gritar e não consigo, estou presa, me debato e busco uma saída, a dor que inicia no útero, corre em direção à vagina, escorre pelas pernas. Ao mesmo tempo que estou parindo a mim mesma, sinto ser rasgada, dilacerada (segundo abuso) (Figuras 22, 23).

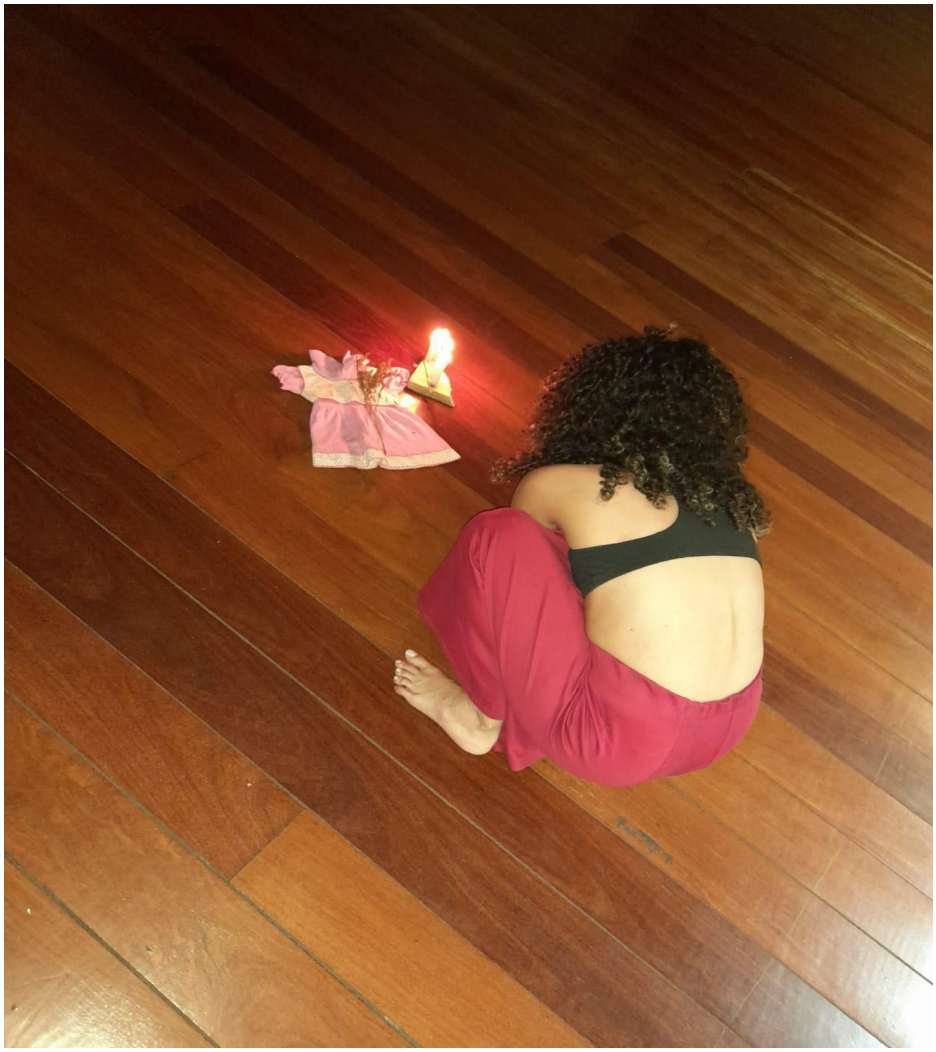


Figura 22 - 2º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Figura 23 - 2º Sala de Parto - – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Tem sido dias difíceis para as Mulheres

Quando iniciei junto a João Vitor os laboratórios de pesquisa, utilizando os procedimentos de criação da Mitodologia em Arte, foi no mesmo período em que emergiram na mídia brasileira uma sequência de terríveis casos de abusos sexuais, um verdadeiro circo de horrores. Uma menina de 11 anos grávida devido a um estupro, no qual o principal suspeito é seu padrasto. Ela foi tirada de casa para que mantivesse distância do suspeito, e enquanto isso, a gravidez avançava. A seguinte Noticia foi diulgada: “Juíza de SC induz menina de 11 anos grávida após estupro a desistir de aborto”. A juíza, que teoricamente DEVERIA PROTEGER a criança, no momento da audiência, tenta induzir a menina a não abortar, mantém a menina presa em um abrigo, longe da sua mãe, e tem total falta de sensibilidade ao perguntar a menina: “será que você consegue aguentar mais um pouquinho?”, “você gostaria de escolher o nome do bebê?”, “você acha que o pai concordaria com isso”, se referindo ao aborto.

Pai? Estuprador agora é pai? Me revira o estômago pensar nas diversas violências que essa menina sofreu, e tudo isso baseado em quê? Na Bíblia? Na santa igreja? Na ideia de que toda mulher nasceu para ser mãe? Que a nossa função é procriar, que essa é uma dádiva e não importa como o feto foi concebido, é preciso "proteger a vida", mas de que vida estamos falando? A desimportância com a vida, com a corpa da mulher é tão grande, que se normaliza a violência a partir da ideia que se está protegendo uma vida, e quanto a vida da mulher que foi violentada? E quanto a vida da menina de 11 anos que teve sua corpa violada? Não importa? Não, não importa. Existimos sob o controle das nossas corpas, a imposição da maternidade, uma maternidade compulsória, com a ideia de um amor biológico e porque não dizer patológico, a partir do que a maternidade romântica diz. E essa ideia de romantização da maternidade é fruto de quem? Do patriarcado.

Enquanto isso, o estuprador é mantido no anonimato, ninguém sabe, ninguém viu. É mais uma vez "protegido", e quem sabe até tendo o ato criminoso, minimizado: "ele é homem, não conseguiu se controlar", "será que ela não provocou?", "às vezes a menina até queria". Não duvido que argumentos esdrúxulos como esses possam estar sendo usados na tentativa de tirar a responsabilidade de quem é responsável e responsabilizar a vítima. E ainda tem a ousadia de chamar estuprador de pai, como se ele tivesse algum tipo de direito sobre aquele ser, ou ainda sobre a corpa da menina, pois mesmo ela tendo o DIREITO de interromper a gestação, ela continua sendo violentada por um sistema que odeia as corpas das mulheres, sejam elas cis, trans, travestis, os corpos masculinos que performam feminilidade de alguma forma, também são vítimas de ódio. Não consigo nomear de outra forma se não de ódio às corpas das mulheres, ao feminino.

Em seguida, veio a público o caso da atriz Klara Castanho[29], que também engravidou, vítima de um estupro. Mesmo tendo tomado a pílula do dia seguinte, engravidou e só descobriu que estava grávida aos 8 meses de gestação. Klara decide entregar a criança para a adoção, e faz tudo dentro dos trâmites legais, dentro da lei. Por ser uma figura pública, teve seu caso exposto por vermes em busca de likes e passou a sofrer terríveis ataques pela SUA DECISÃO de entregar a criança, foi acusada de forma errônea de cometer um crime – abandono de incapaz e de desovar a criança, chamada de de desalmada, sem coração. Vemos aí a contradição hipócrita, pois as mesmas pessoas que lançaram palavras de ódio a Klara, são as mesmas

[29] Klara Forkas Gonçalez Castanho nasceu em Santo André, 6 de outubro de 2000 e é uma atriz brasileira. Klara iniciou sua carreira aos 9 meses fotografando um catálogo de moda. Depois da experiência, começou a gravar comerciais. Seu primeiro papel como atriz foi na série *Mothern*, no GNT, interpretando Bel. Em 2009, ganhou destaque em *Viver a Vida*, onde viveu a primeira vilã-mirim da história das telenovelas da Globo. Em 2021, Klara participou do filme *Galeria Futuro* e começou a fazer a série *De Volta aos 15*, da Netflix (Wikipédia, 2022).

pessoas que não apoiavam o aborto da menina de 11 anos e levantavam o discurso de que não precisa abortar, é só ter e dar para adoção. Enfim, a hipocrisia.

Logo depois veio à tona o caso do médico anestesista que estuprou uma paciente em trabalho de parto. Após aplicar a anestesia na paciente que passaria por uma cesariana, a mulher já completamente dopada, com a ausência de seu marido, o médico inicia o abuso. Me enjoa, me dá ânsia de vômito, um desespero, um aperto no peito, o ar fica denso, sendo difícil para respirar, é um ato tão desumano, tão cruel. Minha corpa fica dormente, cansada, é afetada e se contorce, por tamanha violência.

Não pode abortar, não pode entregar para adoção, no momento do parto, em uma situação de extrema vulnerabilidade, cruelmente violentada. O que estava sendo revelado nos laboratórios estava fortemente ligado aos constantes casos de abusos sexuais que emergiram de forma cortante na sociedade. Eu nunca fui vítima de abuso sexual, mas o que foi revelado em laboratório, por meio do processo criativo da *Mitodologia em Arte*, é algo que povoa o imaginário das mulheres - o medo do abuso - pois secularmente, temos nossas corpas violentadas, usadas, objetificadas. O processo criativo Mitodológico pode acontecer como forma de prenúncio, revelação e também confirmação das questões que emergem na sociedade. Em laboratório, pari as dores sentidas por tantas mulheres diariamente, secularmente, o medo que me assombra, temo por mim e pela minha filha, me sinto impotente. Mas, deixo que escorra por mim, essas dores e esses medos, prenúncios e revelações na cena artística para que possamos assim gerar uma corrente de afeto e luta pelas nossas corpas.

Terceira Dilatação – Elemento Água

Deita no chão, barriga para cima, palma da mão aberta direcionada também para cima, e respira, sente o ar circulando pelo o corpo, percebe a ação que o corpo faz. Leva os joelhos em direção ao peito, mãos abaixo dos joelhos e puxa, abraça junto ao peito, estica uma perna devagar, segura a outra, deixa cair para o lado, respira nessa posição, passa a perna por cima da corpa, joelhos flexionados, braços abertos, a cabeça direcionada para o lado oposto da perna que cruza/passa em cima do corpo, lembra de respirar. Volta devagar com o corpo para a posição inicial, para o centro, repete os movimentos anteriormente executados com a outra perna, com o outro lado do corpo.

Assim começa a jornada ao encontro do elemento água. Com a corpa ainda "abandonada" no chão da sala prática do Departamento de Artes (DEART), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na sala "A", depois de alongar, esticar, torcer, lembrar de

respirar, a corpa volta à posição inicial, ao centro em estado de atenção. Escuta o som da água caindo, e vai deixando ser “molhada” por cada gota de água-som que cai e toca minha corpa, ouvindo não só com os ouvidos, mas com a pele, com a vagina e com o útero.

De volta ao centro, ouvindo a água-som, minha corpa vai para a posição fetal, deitada de lado, pernas encolhidas, joelhos próximos ao peito. Estou de volta a minha primeira casa, ao útero, ali me sinto acolhida, cuidada, protegida, uma corpa em “repouso”, e ao mesmo tempo em movimento, a ação de respirar ganha evidência, estou dentro de outra corpa, inundada em água, pelo líquido amniótico, minha respiração não é só minha, não depende só do meu esforço, mas também, da existência de uma outra corpa, que me sustenta, que vive, respira, para que eu possa viver, respirar. O cordão umbilical é o que nos une, é o que me mantém viva, é por ele que sou alimentada, é por ele que consigo respirar. Existo, me sinto viva e pronta para o parto, para a partida, é chegada a hora de partir, de atravessar o portal (Figura 24).

Figura 24 - 3º Sala de Parto – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Parto de movimentos pequenos, mexendo, explorando, descobrindo, acordando as articulações. Os movimentos vão se tornando maiores, mais amplos e mais rápidos: estica, abre, contorce, expande, força, estou atravessando o portal. Encontro uma água que se movimenta e me movimenta, a água - som é diferente, é um pouco mais forte, me molha mais forte também, não são mais gotas caindo, mas uma água que vem do chão e cresce, uma nascente que corre para dentro de mim, o portal de entrada é a minha vagina.

A vulva - Vagina, vai ficando molhada pela água-som, que corre e nasce para dentro, cada vez mais molhada, pingando, encharcada e pronta para encharcar o mundo. João Vitor, parceiro - amigo - guia, que está comigo neste processo, colaborando e guiando, me ajuda a caminhar por terras, fogo, água e ar, me diz para sentir, perceber a água que me toca e me molha, pergunta: “Que água é essa?”, escuto e sigo na busca da descoberta daquela água. A corpa vai guiando, sentindo, não estou mais deitada, agora estou sentada, com os joelhos flexionados direcionados para cima, com as pernas abertas, começo a juntar, a água que jorra para dentro de mim com as mãos e a molhar o mundo, giro nessa posição e continuo nesta ação. O desejo que pulsa é encharcar tudo, com essa água que considero sagrada, assim como já estou encharcada. Um mundo encharcado com água do portal sagrado, para assim parir um mundo novo. Parido por uma prostituta sagrada (Figura 25).

Figura 25 - 3º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Começo a jorrar água, muita água, sangue, gozo, líquido amniótico, é tanta água que começa a inundar toda a sala, sinto que vou me afogar nessa água, me afogo e viro água. A sensação é de transformação – da Raquel criança para a Raquel adolescente. O som da água dá espaço para o som como se fosse uma bola. Esse som me causa medo, o som aumenta o medo que sinto também, rastejo pela sala buscando me esconder, não consigo, aonde quer que eu vá, aquele som que assombra consegue me encontrar, tampo os ouvidos e mesmo assim não tem jeito. O som fica mais forte, me encolho no chão, tento me fechar, sinto uma força na minha garganta que me impossibilita de falar, ou exprimir qualquer som, estou sendo silenciada e isso é como me matar ainda em vida (terceiro abuso).

O som da bola cessa e dá espaço para o som que me atinge o quadril, sou guiada por ele, sarro com o chão, sinto minha água ferver, estou em um momento de passagem, caminho ao encontro da Raquel Mulher (adulta). Procuro na sala de parto (ensaio) a minha veste sagrada, vou ao seu encontro e com muito cuidado a toco, passo minha mão sobre ela, meus dedos,

lambo, lentamente coloco um dedo, depois outro, depois a mão, o braço e aos poucos nessa dança orgástica de passagem, introduzo lentamente meu corpo na saia (Figura 26).

Figura 26 - 3º laboratório – Elemento Água. Departamento de Artes – UFRN

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Vestindo a saia, danço, lambo, gozo – estou parindo a mim mesma, e o parto é também um longo gozo. Levanto, rebolo, giro, me toco, seduzo, me mostro, afronto, sou um bicho, sou uma mãe, uma prostituta (sagrada) também, me sinto pulsar, estou cheia de vida, escuto de novo o som da bola que em outro momento me assustava, não sinto mais medo, quando ouço aquele som já conhecido, me armo, me preparo para a batalha, vou guerrear, o medo da Raquel Menina, não é o medo da Raquel Mulher, estou pronta para luta. O som cessa.

Tem papel e tinta no chão, escuto João Vítor me dizer que posso fazer o que quiser com eles, na energia da persona, que é de luta, começo a construir um cartaz (Figuras 27-30):

Figura 27 - 3º laboratório – Elemento Água – Elabor ação de Cartaz 1.

Departamento de Artes – UFRN

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figura 28 - 3º laboratório – Elemento Água – Elaboração de Cartaz 2. Departamento de Artes – UFRN

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figura 29 - 3º laboratório – Elemento Água – Parte 1. Departamento de Artes – UFRN

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Figura 30 - 3º laboratório – Elemento Água – Parte 2. Departamento de Artes – UFRN

Fonte: Acervo pessoal (2022).

Antes de guerrear, é preciso preparar o feitiço da revolução, misturo água e canela, a Mãe Selvagem, se apresenta. Mulher que goza, sorri, dança – dançar é um ato revolucionário. Quando me afundo na terra, encontro com a dor, carrego uma cruz, a santa cruz que o cristianismo me presenteou, a dor é pesada. Mas, no caminho tem flores (mulheres) que me contam sobre o prazer, o gozo, eu não estou só, o caminho pode até ser solitário como um eremita, mas não estou só. É seguindo o rastro das flores que encontro os feminismos – luta – luto, não só por mim. Danço com a dor, e ela se torna mais leve.

Retorno ás salas de partos

Alguns meses se passaram desde a experiência com a 3ª dilatação, na sala de parto/laboratório. Continuei gestando, cuidando, confesso que nesse momento da gestação já me sinto bem cansada, e cada vez mais ansiosa por parir mais esta cria no mundo. Porém, era preciso voltar para a sala de parto, sentir, ouvir, perceber a corpa.

No mês de março, voltei para a sala de parto com minha parteira João Vítor, depois de algumas tentativas de encontros que por forças maiores acabaram não acontecendo, inclusive devido os ataques que o estado do Rio Grande do Norte enfrentava pelas facções criminosas, com isso as aulas da UFRN precisaram ser suspensas, ficamos impossibilitados de utilizar as salas do Departamento de Artes. A alternativa encontrada foi nos encontrarmos no salão de festas do condomínio onde meu companheiro, Rodrigo Chocrón, reside. Para esse encontro sentia a necessidade do diálogo com João, para que a gente pudesse traçar o plano de parto, apresentação/defesa desta cria, tendo em vista que o tempo para este momento de apresentar/defender estava cada vez mais perto, minha corpa cansada de gestar já expulsava a cria e mais uma vez me dizia: "confia, parir é um processo doloroso, lembra do parto de Ágata? Mas você consegue, já está nascendo".

Neste encontro, João me perguntou: Qual o objetivo da sua pesquisa? Do que ela fala? Quais as principais questões que ela aborda? Qual sentido disso para você? Comecei a responder às questões feitas por João, ela me pede para que eu pense nisso, como uma contação de história e mais, que estou contando histórias de mulher para outras mulheres, me traz a referência do livro da Clarissa Pinkola: "Ciranda das Mulheres Sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem", assim eu sigo, respondendo e contando essa história. No decorrer dessa contação, João me interrompe algumas vezes, a interrupção acontece quando ela encontra na história que eu conto, um pouco da história das mulheres de sua família. Ao contar minha experiência desde a descoberta da gravidez de Ágata, João me diz: "Amiga, Ágata vai assistir sua defesa? Pergunto por que você já pensou como é para ela ouvir tudo isso? Quando minha mãe engravidou de mim, ela não queria ter engravidado, ela sofreu muitas violências enquanto estava grávida, e por muito tempo eu achei que poderia não ser uma coisa boa na vida da minha mãe. Hoje eu entendo que não é sobre mim, mas é sobre toda uma estrutura, que violenta as mulheres." Seguimos com o diálogo, mas confesso que até hoje, não sei se quero que minha filha assista à minha defesa, não sei se de fato ela compreenderá que a dor sentida não é culpa dela.

No encontro, conversamos sobre alguns elementos que julgamos como importantes para estar presente na perfopalestra, levando em consideração as vivências anteriores. Como uma cruz, espelho, flores, saia longa com flores, um bebê, o choro de um bebê, que a interação com o público é algo importante e deve acontecer.

O Segundo encontro aconteceu no Departamento de Artes, utilizamos como elementos para a cena uma cadeira e bastões no chão formando um quadrado, que João me diz, que sempre que eu entrar no espaço feito pelos bastões é o meu encontro comigo. Deito-me no chão, atenta à minha respiração, aos poucos João me pede para ir levantando, quando estou em pé, ela me pergunta: “Quem é você?”. Executo um movimento de segurar um bebê no colo, começo a acalentar, olho para João e falo: “segura ela para mim”, entrego minha filha para ela. Sento-me na cadeira, respiro profundamente e depois caminho até o quadrado com os bastões e começo a dançar, mais uma vez João me pergunta: “Quem é você?” Começo a falar, digo que aprendi a dançar forró com a minha avó, começo a contar um pouco da história dela, que ela adorava dançar forró, mas seu pai não a deixava dançar, conto quantas filhas ela teve, que minha mãe é a filha mais velha, João me pede para falar o nome dessas mulheres, falo o nome de todas elas: Maria (minha Avó), Francisca (minha Mãe), Maria de Lurdes, Maria das Graças, Adriana Maria, Marinalva, Maria das Dores (minhas Tias), digo que minhas primeiras referências sobre os feminismos partiram delas, que sou a primeira filha, a primeira neta, assim como Lilith, primeira. Começo a contar seu mito, nesse momento já não estou mais dentro do quadrado, preencho o espaço que determinamos como o espaço cênico, ao falar de Lilith, existe uma mudança corporal, o andar é guiado pelo quadril, a cabeça sempre erguida, a exibição dos cabelos, a fala surge cortante e afiada (Figura 31).

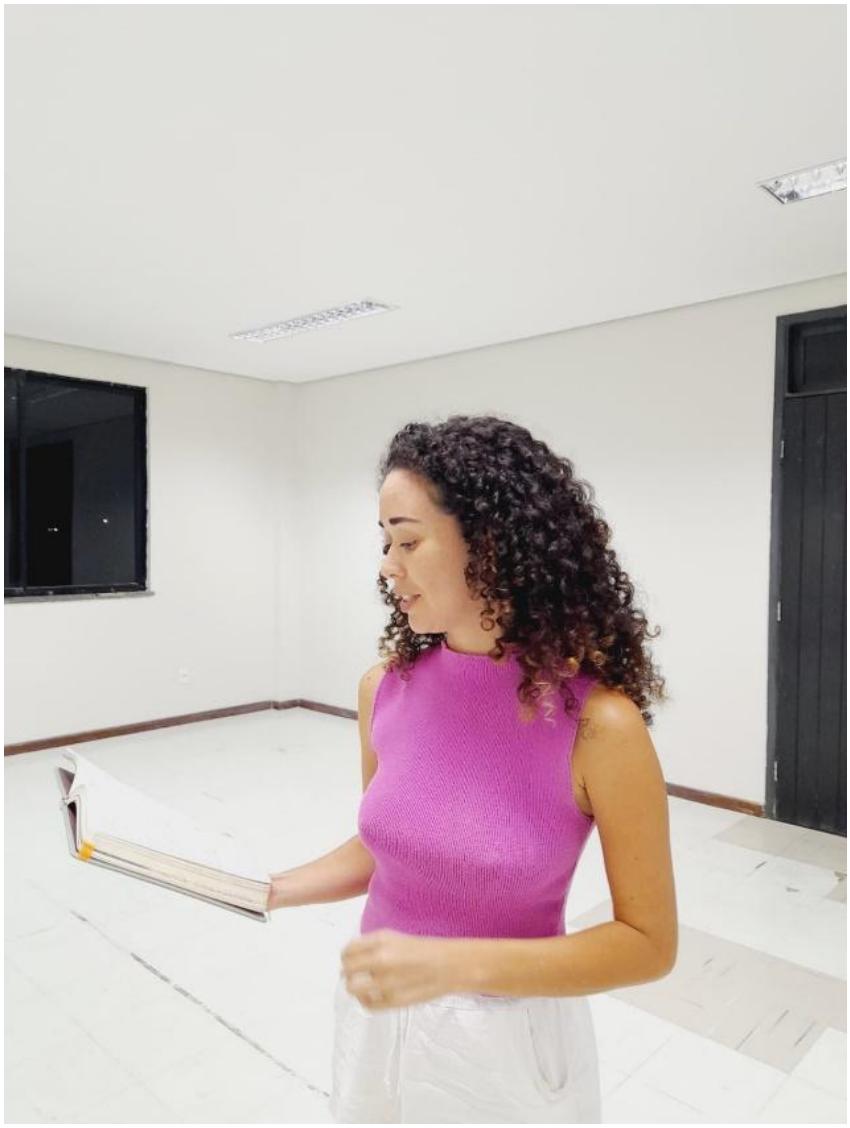


Figura 31 - 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

Ainda falando de Lilith com João, mais uma vez me pergunta:"mas quem é você? Qual o seu nome?" Percebo que até então ainda não falei de mim, e nesse momento, lembrando do meu nome, respondo: *"eu sou Raquel (dou risada), eu me chamo Raquel, tenho 30 anos, sou uma mulher cis gênero, nordestina, de pele clara, sou atriz, sou professora, sou mãe, a maternidade quase fez com que eu esquecesse de mim".* Neste momento, pergunto: "quem está com a minha filha?", repito a pergunta até João me entregar a bebê. Vou para o centro da cena, começo o som de um choro, faço uma movimentação de apresentação da minha filha: segurando o bebê, sempre sorrindo, caminho para os quatro pontos no espaço cênico, em cada ponto que chego, paro, mostro minha filha, dou um sorriso, aceno com a mão e caminho para o outro ponto (Figuras 32, 33).

Figura 32 - 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

Figura 33- 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

Repito os mesmos movimentos, ao passar pelos quatro pontos, vou até a cadeira, coloco o bebê ao lado, sento na cadeira, respiro fundo, inclino minha cabeça e coluna para frente, como se carregasse algo muito pesado em minhas costas, caminho em direção ao quadrado nessa posição, com a coluna curvada, ao chegar no quadrado, respiro aliviada. Olho para o bebê sozinho, volto, seguro em meu colo, e repito toda a movimentação, faço quatro repetições, uma sempre mais rápida que a outra, na última repetição, a mais rápida de todas, quando chego no quadrado, grito! Começo a chorar, estou exausta. Olho para o bebê e digo: “me dá 5 minutos, apenas 5 minutos! Eu preciso tomar um banho e comer, só 5 minutos!”. Me direciono ao público

(João): "Alguém pode ficar com ela para mim, por favor? É rapidinho, eu prometo!". João se dispõe a segurar a bebê.

Neste momento, sento-me no chão, dentro do quadrado feito por bastões, choro, inicio uma ação de me cobrir com meu cabelo, colocando-o em meu rosto, vou me encolhendo e me cobrindo. Fico por alguns segundos nessa posição, quando escuto novamente o choro do bebê (Figura 34).

Figura 34 - 3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

E mais uma vez pergunto: “onde está a minha filha?”, caminho até João, pego o bebê, volto para o centro e escuto: “que mãe é essa que deixa a filha com qualquer pessoa?”, “mãe é um bicho que não se cansa”, “quem pariu, que mantém e balance”, João lança essas frases como provocação para a cena e em cena entendo que essa voz externa a qual estou interagindo torna-se importante na construção do trabalho. Começo a responder às frases provocativas, com

respostas afiadas (as respostas que gostaria de ter dado há 11 anos quando minha filha era um bebê"): "É muito fácil, né, cuidar dos filhos dos outros?", "Você é mãe? não? E como você está dizendo que mãe não cansa?", "Mulher, você vai me ajudar? Vai comprar um pacote de fraldas? Leite? Não? Então cuide da sua vida". Até que João, lança a seguinte frase: "E o pai? Cadê?". E eu respondo: "Pai? A minha cria só tem mãe, apesar de vivermos a sociedade do pai, quem cria literalmente é a mãe". Depois disso, deitei no chão e deixei escorrer, fui acalmando a respiração e pensando: está nascendo.

No terceiro encontro, organizamos a perfopalestra em quatro partes/partos, a partir das vivências anteriores:

1º Momento – De volta ao(s) útero(s) que me pariu – Contando histórias de mulheres.

2º Momento – Contando e Dançando Lilith

3º Momento – A Mãe – Desespero e culpa

4º Momento – Mãe Selvagem – caos, luta, potência e amor.

Plano de Parto / Organização da Perfopalestra

1º Momento - De volta ao(s) útero(s) que me pariu – Contando histórias de mulheres

Em cena, acalento minha filha dançando forró enquanto o público entra na sala, interajo com as pessoas, a música aumenta e percebo que é uma música da época em que minha avó era jovem, quando ela não podia sair para dançar, seu pai não deixava. Rapidamente peço para alguém segurar minha filha, e vou para o centro do espaço cênico dançar.

Começo a explicar o forró/música que está tocando – relacionando com a minha Avó materna – Dona Maria (o meu passado) e vou trazendo minhas ancestrais para dançar comigo, minhas Tias – Maria de Lourdes, Maria das Graças, Adriana Maria, Marinalva, Maria das Dores – Minha Mãe Francisca (o meu presente). Apresento também o meu futuro, minha filha Ágata.

"Aprendi a dançar forró com a minha Avó – Dona Maria, o pai dela não a deixava dançar, ele também não deixava ela ir à feira, dizia que não era coisa de mulher direita, mulher é pra ficar dentro de casa, ele dizia. Minha Avó teve 11 filhos, um morreu ainda bebê, 6 são mulheres: Francisca, Maria de Lourdes, Maria das Graças, Adriana Maria, Marinalva, Maria das Dores, falo primeiro delas antes de falar de mim, pois é por causa delas que estou aqui. Por causa da minha Mãe que sempre me incentivou a estudar, e me dizia "minha filha, estude para nunca depender de homem nenhum". Elas abriram os caminhos para que eu pudesse passar. É também por causa da minha filha, Ágata, pois tudo começou com o parto, partida,

início, quando nasce uma filha, nasce uma mãe. Falando delas, quase esqueci de falar de mim. Houve um tempo que eu quase esqueci de mim, do meu nome, mas eu me chamo Raquel, Raquel, Raquel – tenho 30 anos – a primeira vez que estive nesse lugar, DEART – UFRN, eu tinha 17 anos, uma menina que tinha o sonho de artista, de ser atriz, a primeira da sua família materna a ingressar numa universidade, primeira filha, primeira neta, primeira mãe solo da minha família, a primeira a se afirmar enquanto feminista, a primeira mestranda e possível mestra".

"Este trabalho é sobre mim, sobre mulheres, parto da minha experiência enquanto mulher cis, branca, nordestina, que vem de um ninho chamado Sítio Cajueiro, que fica entre duas cidades no interior do Rio Grande Norte, Pedro-Velho e Montanhas. Onde cresci com referências femininas, enquanto o eixo pilar da minha casa. Foi com as mulheres da minha família que tive os primeiros contatos com o feminismo, mesmo quando elas sequer sabiam o que era esse movimento. Como Márcia Tiburi (2018, p. 14) nos diz "devemos nosso feminismo às nossas mães e avós, mesmo quando elas não se diziam, e talvez nem fossem feministas". Esse entendimento só é possível devido a jornada artetnográfica (Lyra, 2011a) realizada entre os anos de 2021 a 2023 em contexto de alteridade, ou seja, na troca constante com aquilo que é o outro. Esse foi um conceito difundido pela então minha orientadora, a Professora Dra. Luciana Lyra ao longo de suas investigações de mestrado e doutorado.

A partir da experiência vivida, posso assim dizer que os laços de parentesco entre mim, minha avó, minha mãe, minhas tias, minha filha ficaram ainda mais estreitos".

2º Momento – Contando e Dançando Lilith

"*Eu, sou a primeira filha, da minha mãe e do meu pai, a primeira neta, da minha família materna, a primeira mulher da minha família a sair de casa para estudar na cidade grande, a entrar numa universidade (pública), a primeira mãe solo, feminista, a primeira a entrar na pós graduação para conquistar o título de mestra, assim como Lilith, a primeira."*

Cena: Vestir a saia – Chamamento de Lilith – Contando quem foi Lilith.

Bárbara Koltuv em o "Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal"(2021), nos fala que Lilith em algumas culturas é a primeira mulher, antes mesmo de Eva, não aceitou se submeter a Adão no ato sexual, pede para inverter a posição e Adão nega, com isso Lilith deixa o paraíso para ir em busca do seu lugar de poder. Como castigo por deixar o paraíso, ela é transformada em demônio pelo pai, pelo Deus criador. Lilith é um demônio para quem? Sabia que Lilith também foi mãe? Em uma das versões do mito, conta-se

que Lilith pariu demônios no mundo, e muitos deles foram mortos, mas eu pergunto: as filhas de Lilith são demônios para quem? A minha filha será um demônio para quem?

Cena: Dançando com Lilith – Ela chega pelo quadril, apresenta os seios da fertilidade, rodopia, sensualiza, sua corpa queima e jorra água que escorre entre suas pernas. Koltuv (2021, p. 10) nos diz: "Ela untou seu corpo com óleo e, nua dançou no deserto diante de uma fogueira. Ela dançava e eu observava, até que senti o significado de seus movimentos no meu próprio corpo, na minha própria alma".

3º Momento – A Mãe – Desespero e culpa

Uma voz me invade, interrompe a dança com Lilith e me questiona: onde está a sua filha? Com quem você deixou a sua filha? Que tipo de mãe é você que sai pra dançar e deixa sua filha com um desconhecido? Você sabe que sua filha não vai reconhecer você como mãe, né? Você não vai ser a mãe dela, sua mãe será mãe de sua filha. Ser mãe assim é muito bom, né? Tem e deixa para mãe criar? Essas questões me atravessam fortemente. Começo a procurar minha filha: Cadê a minha filha? Com quem deixei minha filha?

Quando encontro minha filha e a pego no colo, a Grande Deusa Mãe e as dores da maternidade se apresentam.

Cena: Desespero – Com "minha filha" no colo, executo uma movimentação de apresentá-la ao público/ à sociedade, sorrio e demonstro felicidade, mas ao parar, sentar e colocar minha filha ao meu lado, me vejo sozinha e cansada. Repito essa movimentação quatro vezes, neste momento, ela vai ficando cada vez mais rápida. Sinto cansaço, culpa, desespero, até que não aguento mais. Deixo minha filha em um lugar, me distancio e grito, choro, imploro por cinco minutos sozinha, falo uma das frases ditas pela minha avó: "era eu doente em cima de uma cama e tendo que me deitar com seu avô. Nem paria direito e já estava grávida de novo". Repito algumas vezes, até que pergunto: alguém pode me ajudar? Só olhar a minha filha, enquanto tomo um banho e como, vai ser rápido. Quando alguém me ajudar, me posiciono e leio a carta/poema que fiz para minha filha Ágata:

Em Busca do teu Perdão – para ti fiz essa oração

"Peço perdão a ti, criatura que saiu de mim
Que foi gerada em meu ventre.
Me perdoa por naquele momento não querer te sentir
Eu queria sentir, eu queria eu juro... Ou talvez eu não quisesse mesmo.
Tantas vezes esperei que a água sagrada escorresse pelas minhas pernas

Não é que eu não quisesse te amar, eu queria e talvez eu já te amasse
Mas ali, naquele tempo eu era uma serpente assustada, presa pela cabeça
Que por meses vinha sendo golpeada
SOZINHA – ISOLADA – EM CATIVEIRO – MAL ALIMENTADA – PRESA PELO UMBIGO AO SEU ALGOZ
Uma serpente que não entende o porquê de sua morte
Eu não entendia, eu só queria parar de morrer.
Perdão, criatura, a sua mãe não é o que esperam de uma mãe
Esse perdão que peço é pela culpa que me fazem sentir
Por que eu sei que contigo eu posso ser tua mãe e tantas outras que sou
ELES colocam o peso da culpa em meu ventre e tentam me parar
Por isso eu preciso queimar, desaguar, voar e germinar.
Perdão.
Te Amo!"

4º Momento – Mãe Selvagem – caos, luta, potência e amor

"A partir do encontro com a Grande Deusa Mãe em 2012, do encontro com Lilith e 2015, atravessada pelo teatro, enquanto cura, potência, provocação e pelo movimento feminista, movimento de luta pelos direitos das mulheres, a "Mãe Selvagem" vem sendo gestada há dois anos (2021 a 2023). No caminho de criação em Mitodologia em Arte, encontrei um colo para assentar minha pesquisa".

Explico, o que é a Mitodologia em Arte, a partir do que diz a Professora Dra. Luciana Lyra, orientadora desta pesquisa que desenvolveu o processo de criação de Mitodologia em Arte, no decorrer de suas pesquisas de mestrado e doutorado, tendo como referência o trabalho de "Mitodologia", do antropólogo Gilbert Durand - antropologia do imaginário – antropologia das profundidades.

Lyra (2015, p. 18):

> O trabalho com a Mitodologia em Arte, mas do que uma tentativa de implementação de um método, desvela intenções do pensamento contemporâneo na restauração da imagem e do mito como molas propulsoras do reconhecimento de si, assim como a performance enquanto meio ritual de expressão destas imagens, no estímulo à cena comprometida com a 'remitologização' do mundo.

Ao longo dessa gestação, o meu mito guia foi sendo revelado ***"Mãe Selvagem"****. Parida da f(r)icção do Mito de Lilith e o Mito da Grande Mãe, da minha mitologia pessoal, do processo de criação em Mitologia em arte, dos feminismos, de arte. Sendo o mito-guia norteador no processo metodológico, como nos diz Lyra (2015, p. 72):*

> No processo mitodológico, o mito-guia norteia a junção das personas/figuras e seus mitemas, conduzindo a elaboração performática ao grau avançado da criação. Este mito geral acaba por ser o ponto que congrega a performance, resultante do processo criativo.

Após dois anos gestando, cuidando, pesquisando, parindo, é chegado o dia do tão esperado nascimento e da apresentação/defesa de mais uma cria que coloco no mundo, o parto escolhido para esse momento foi a perfopalestra, que é uma palestra performada, como Rodrigues (2018, p. 170) diz:

> A Perfopalestra como o nome já diz é uma palestra performada. Uma proposição que atua como uma estratégia feminista na academia. A ideia é estabelecer uma comunicação em performance, uma demonstração de trabalho sobre a pesquisa da atuante que é ao mesmo tempo um escopo acadêmico.

"Assim, nasce Mãe Selvagem, da Luta, do caos, da dor, do amor, da potência de ser mulher, criadora, criatura, aquela que cuida e precisa ser cuidada. Que ri, chora, goza, que cansa, mas que não desiste de buscar o seu lugar. Um lugar que não é só meu, essa luta não é só minha, mas é de muitas outras irMães.

Mães, Mulheres, por todas aquelas que não conseguiram chegar até aqui, aquelas que abriram os caminhos para mim, pela minha filha Ágata, por todas que virão depois de mim, me apresento, me anuncio, falo por mim e por todas que foram silenciadas, não seremos mais queimadas, das cinzas ressurgiremos como a fênix, não mais ficaremos por baixo, inverteremos a posição sim! Me apresento no passado, me apresento no presente, me apresentarei no futuro!"

Cena: Apresentando a "Mãe Selvagem"

Expor a mandala feita no primeiro laboratório – o cartaz produzido na sala de parto/ensaio pela figura da Mãe Selvagem – como ação final, produzir um cartaz vestida com a figura da Mãe Selvagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS M(ÃE)NIFESTO FEMINISTA

Me refiz solo sagrado
Enraizei naquilo que é atemporal
Comigo sou eterna
(Ryane Leão)

Me leem zona de perigo
Me pedem para sorrir mais
Me definem como assustadora
Cara fechada, cara de brava
Não pertenço, não encaixo
E não sinto vergonha
Crio minhas próprias regras
Só me comprometo com linhas
E com a euforia dos meus ossos
Não fico submersa
Em uma lista de como agir
Para que me amem

Basta que eu me abrace

Mulheres como eu estão por toda parte
Em toda parte
E não é preciso coragem
Para se aproximar delas
É preciso se aliar
Ao motim
É preciso
Arder.

(Ryane Leão)

Minha mãe me criou com asas, me ensinou a voar alto, me fez passarinha, minha avó me deixou de herança sua língua afiada, sua corpa dançante, sua ousadia de menina travessa, minha filha me fez mãe, (re)existência revolucionária, de caos e amor. Sou filha, sou neta, mulher, mãe sou toda aquela que puder, quiser e conseguir ser, sou muitas em uma só, quero fazer rupturas nesse sistema que sufoca, queima, apedreja, expulsa, demoniza mulheres, não aceito que contem por mim, contarei eu a minha história, e das minhas, sem distorções, sem interrupções. Não aceito ser silenciada! Mudo de posição, assumo meu lugar de poder, de potência, sou criação, criadora de criaturas, desejos, dança, luta, arte.

A Arte, o teatro no momento em que me afogava na dor causada pelo patriarcado, pelo machismo e misoginia, depois que me tornei mãe, “me curou”, me mostrou o caminho da luta, do feminismo, me abriu os olhos e a corpa para o que a minha mãe e a minha vó sabiamente já haviam me ensinado: “você pode muito mais do que o lugar minúsculo que a nós é ofertado”.

Me deixei ser fecundada por muitas mulheres, pari algumas na cena teatral, que falavam de mim/de nós, das nossas dores e das nossas potências, entendi que não falo só de mim, mas de muitas mulheres que não chegaram até aqui, por isso as honro e agradeço por toda luta e resistência para que eu pudesse ocupar esse lugar, sigo lutando tentando derrubar barreiras, abrir caminhos para aquelas que vêm depois de mim.

Nesta gestação que durou dois anos (2021 – 2023), entendi que apesar de contar a minha história enquanto mulher, mãe solo, nordestina, feminista, cria da rede pública de ensino, filha de agricultora e de pai trabalhador de usina de cana-de-açucar, nascida em uma família que as mulheres são pilares, referências de força e cuidado, não falo só só por mim, mas por várias mulheres, conto histórias de mulheres.

Adentrar no processo de pesquisa sobre abertura de caminhos, processo de *"Mitodologia em Arte"* fez com que eu conseguisse visualizar de forma mais efetiva a minha pesquisa mergulhada nessa abordagem, pois sou impulsionada pelo mito, "O mito de Lilith", que me atravessou alguns anos atrás, em uma disciplina da graduação, "Teatro Ritual", no ano de 2015 (UFRN), quando Lilith surgiu dançante, com sua força no quadril e veneno guardado em sua vulva, seus seios nus e queimando com o fogo. De 2015 para cá, Lilith me acompanha, sendo refletida em outros trabalhos, ela deixa seus rastros me mostrando que ela está presente. Porém, anterior a Lilith, veio a maternidade, encontro com a "Grande Mãe", mito que vem ocupar seu lugar nessa minha jornada. E foi parindo a minha filha que pude parir a mim mesma.

A força da criação guardada em mim me fez parir não só uma pessoa, mas na cena teatral, venho parindo dores, potências, lutas, poesia e não só na cena, mas também na minha vida pessoal. Lilith e a Grande Mãe são forças que transitam em mim, na arte, na realidade, no feminismo, na maternidade. Importante enfatizar que não tenho pretensão de provar que Lilith e a Grande Deusa existiram, muito mais interessante que isso é utilizar esses mitos como meios de reflexão, aprendizado, questionamento e possíveis "explicações" para as inúmeras questões e problemáticas enfrentadas pelas mulheres ao longo da história e na contemporaneidade. Construindo uma rede de luta e empatia, partindo da minha dor para acolher a dor de tantas outras, reconhecendo que minhas dores não são só minhas, o que Vilma Piedade vai chamar de Dororidade, e que por sua vez está entrelaçada nessa parição.

Mais uma vez pari (pelo caminho da arte) senti as dores do parto, minha corpa rasgar, se expandir, desaguar, mais uma vez eu pari. Utilizando a perfopalestra como meio de parição, um caminho artistico, político, reflexivo, de luta. Dessa vez pari com muitas mãos segurando as minhas, com muitas expectativas para o nascimento, dei a luz a "Mãe Selvagem", ela escorreu por todos os meus poros, uma mulher, uma mãe, um bicho, uma potência, força da

natureza, criadora e criatura, caos e amor, de solo fértil, que vai na frente abrindo os caminhos, acalentando minha filha/nossas filhas e irMÃES.

Sou a Mãe Selvagem, a Mãe Selvagem sou eu, meu mito guia que como o nome já diz me guiou nessa jornada/gestação, estamos imbricadas, nos retroalimentamos, força parida de uma arte política, crítica, provocadora, essa é a arte que faz sentido para mim, e que venho colocando no mundo, não só na cena, mas também como artista-educadora, venho tentando provocar cortes nesses sistemas de opressão.

Desejo que minha voz e minha cria alcance, fecunde outras mulheres, as que encontro nas zonas interioranas do estado, muitas que nunca ouviram falar em Feminismo. Pois é, irmãs, o movimento feminista ainda é desconhecido em muitos espaços e quando chega, muitas vezes é de forma deturpada, demonizada. Quero fecundar as mulheres que assim como eu são mães, que me entendem do mesmo lugar que eu, onde estão essas mulheres mães? é com elas que eu quero falar, é com elas que quero compartilhar essa angústia que assola o meu peito, é para elas que falo, é movida pela vontade e necessidade de encontrar essas irmãs e dizer que elas não estão sozinhas, que no interior do Rio Grande do Norte, tem uma Mulher Mãe que sente as dores, as angústias de ser mãe, assim como elas, que se sentem muitas vezes sozinhas em meio a tantos deveres que temos que realizar, que gostariam às vezes de cair no mundo, sem saberem para onde ir e apenas ir, esse desejo é interrompido pela necessidade de ficar, permanecer.

A Mulher depois que se torna mãe cria raízes, vira árvore, tem um lugar para estar, seus galhos crescem assim como suas raízes também, é um processo de descoberta de ser árvore, que mesmo distante, permanece junto ao fruto. A filha é a passarinha que habita essa árvore, e cada dia voa mais longe, um pouco mais longe, mas a árvore mãe está lá, sempre que a filha precisar voltar, ela terá uma árvore para repousar.

Que minha voz ecoe, que minha corpa seja vista, que minhas palavras sejam lidas e circulem como o vento e cheguem em mulheres que precisam ser acolhidas, que se sentem sozinhas, não estamos mais sozinhas. Estamos caminhando juntas, nos reencontrando, nos reconectando. O levante já começou! Avante!

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Larissa. **Caça às bruxas**: Uma história mal contada da saúde e direitos das mulheres. 2022. Disponível em: https://claudia.abril.com.br/coluna/blog-das-leitoras/caca-as-bruxas-uma-historia-mal-contada-da-saude-e-direitos-das-mulheres/. Acesso em: 20 jan. 2023.

ATRIZ e poetisa potiguar lança livro de poesia "Teu Lunário". 2022. Disponível em: https://papocultura.com.br/leila-bezerra-livro-teu-lunario/. Acesso em: 02 fev. 2023.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNARDES, Antonio. Anatomia cirúrgica do genital feminino. *In:* OLIVEIRA, Carlos Freire de (coord.). **Manual de Ginecologia**. Lisboa: Portugal Permanyer, 2009. p. 3-28.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Frei João Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave Maria, 2018. Edição Claretiana.

BEZERRA, Liliane da Silva. **(Sou)pa de pedras**: o ritual performático e a ancestralidade a partir das poéticas e pedagogias de si. Orientador: Robson Carlos Haderchpek. 2022. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2014.

CORREIA, Paula. **Introspecção**: Mulheres que amam demais. 2009. Disponível em: https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=67489. Acesso em: 26 abr. 2023.

EMIDIO, Jussyanne Rodrigues. **Bruxas e santas**: estudos corporificados em práticas teatrais feministas. 2021. Tese (Doutorado) - Centro de Artes, Doutorado em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

ESCAVADOR. **Maria Brígida de Miranda**. 2022e. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/6580511/maria-brigida-de-miranda. Acesso em: 26 abr. 2023.

ESCAVADOR. **Dodi Leal**. 2022a. Disponível em: https://dodileal.escavador.com/. Acesso em: 28 ago. 2022.

ESCAVADOR. **Glênia Maria da Silva Freitas.** 2022d. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/3606063/glenia-maria-da-silva-freitas. Acesso em: Acesso em: 28 ago. 2022.

ESCAVADOR. **João Vítor Ferreira Nunes**. 2022g. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/6701965/joao-vitor-ferreira-nunes. Acesso em: Acesso em: 28 ago. 2022.

ESCAVADOR. **Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra**. 2020. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/6736900/luciana-de-fatima-rocha-pereira-de-lyra. Acesso em: 28 ago. 2022.

ESCAVADOR. **Makarios Maia Barbosa.** 2022f. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/363525/makarios-maia-barbosa. Acesso em: 26 abr. 2023.

ESCAVADOR. **Robson Carlos Haderchpek**. 2022b. Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/2207346/robson-carlos-haderchpek. Acesso em: 28 ago. 2022.

ESCAVADOR. **Sebastião de Sales Silva**. 2022c. Disponível em: Sebastião de Sales Silva | EscavadorSebastião de Sales Silva | Escavador. Acesso em: 28 ago. 2022.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FEINSTEIN, David & KRIPPNER Stanley. **Mitologia Pessoal**: a psicologia evolutiva do self. São Paulo: Cultrix, 1992.

GOMES, Antonino Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O Mito de Lilith e a integração na sociedade contemporânea. **Revista Âncora Digital de Estudos em Religião,** Ano 2, 2007.

GRUPO PELE DE FULÔ. **Tombo da Rainha**. 2015. Disponível em: https://peledefulo.wixsite.com/peledefulo/tombo-da-rainha. Acesso em: 26 abr. 2023.

HADERCHEPK, Robson. A Póética dos Elementos e a Imaginação Material nos Processos de Criação do Ator: Diálogos Latino – Americano. *In:* CONGRESSO DA ABRACE, 9., 2016, Uberlândia. **Anais** [...]. Uberlândia: ABRACE, 2016.

HOLLANDA, Heloísa. **Explosão Feminista**. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.
HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KOLTUV, Barbara. **O Livro de Lilith**. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

LANONELLI, Vera. **Mal-Estar na Maternidade**: do infanticídio a função materna. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LEAL, Dodi. Mão na testa e trans pro frágil. *In*: MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO DE SÃO PAULO, 6., São Paulo, 2019. **Anais** [...]. São Paulo, 2019. Disponível em:

https://mitsp.org/2019/mao-na-testa-e-trans-pro-fragil-por-dodi-leal/. Acesso em: 28 ago. 2022.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. Arte de f(r)icção: mito, rito e cartografias feministas. *In:* BARROS, Maurício de Castro (org.). **Arte e cultura: ensaios**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. Assentar o mito. *In:* ALMEIDA, Saulo; HABIB, Ian; CONRADO, Amélia; FERRAZ, Fernando (org.). **Poética e políticas da cena.** Salvador: Editora da UFBA, No prelo.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. **Guerreiras e Heroínas em Performance**: – da Artetnografia à mitodologia em Artes cênicas. 2011. Tese (Doutorado em Artes) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011a.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de (org.). **O Livro do MOTIM**. Jundaí, SP: Paco Editorial, 2021.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de. Mitodologia em Artes Cênicas: Diretrizes, pressupostos, princípios e procedimentos para criação. *In:* CARREIRA, André Luiz Antunes Netto; BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho; TORRES NETO, Walter Lima. (Org.). **Da Cena Contemporânea**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2012. p. 118-125.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de. Artetnografia e Mitologia em Arte: Práticas de fomentos ao ator de f(r)icção. **Urdimento:** Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 167-180, 2014a.

LYRA, Luciana F. R. P.; MULLER, R. ; MONTEIRO, M. F. M. ; DAWSEY, J. ; SATIKO, R. . Da Artetnografia à Mitodologia em Artes Cênicas: Migração da Máscara-Mangue em duas experiências performáticas. *In:* DAWSEY, John; MONTEIRO, Marianna; MULLER, Regina; SATIKO, Rose (org.). **Antropologia e Performance**: ensaios na pedra. 1. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2014b. p. 393-409.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de. Escrita Acadêmica Performática. Escrita F(r)iccional: Pureza e Perigo. **Urdimento:** Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2 n. 38, p. 1-13, 2020.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de. Medea: Experiência em Vídeo Performance. **Revista GIZ**, São Paulo, v. 8, n. 1, 2023.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de. **Mitodologia em Arte no cultivo do trabalho do ator**: uma experiência de f(r)icção. Relatório Científico final do pós-doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2015.

LYRA, Luciana Fátima Rocha Pereira de. Mitodologia em Artes Cênicas: Diretizes, pressupostos, princípios e procedimentos para a criação. *In:* REUNIÃO CIENTÍFICA DA ABRACE, 6., 2011, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: ABRACE, 2011b.

MARASHINSKY, Amy Sophia. **O Oráculo da Deusa**. São Paulo: Pensamento, 2021.

MARQUES, Lis Nasser. Lilith – aos olhos de [Miss]Cis.Genada, *In:* SIMPÓSIO REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS, 7., 2018, Campinas. **Anais** [...]. Campinas, 2018.

MEDEIROS, Raquel Guedes. **Corpos S(em) Gaiolas**: A Educação do Sensível no Teatro. 2016. TCC (Curso de Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MENEZES, Lua. **Oração da Mulher Inteira.** 11 mar. 2020. Instagram: @lascivaluaaa.

MENEZES, Lua. **Rio Profano**: romance. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.
MIRANDA, Maria Brígida. Colcha de memórias: epistemologias feministas nos estudos das artes da cena. **Urdimento:** Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 33, p. 231-248, 2018.

MIRANDA, Maria Brígida de. Rainhas, sutiãs queimados e bruxas contemporâneas - reflexões a partir da montagem Vinegar Tom. Urdimento, Maria Brígida de Miranda. **Urdimento:** Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, n. 11, p. 133-146, 2008.

MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMINISTAS NAS ARTES - MOTIM. **Sobre.** 2021. Disponível em: https://amotinadas.wixsite.com/motim#:~:text=SOBRE,Grande%20do%20Norte%20(UFRN). Acesso em: 12 out. 2022.

NEUMANN, Erich. **A grande mãe**: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. 2. Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

NUNES, João Vítor Ferreira. **A força e a chuva feminina em um sertão bem masculino**: imersão performática nos ritos de passagem de Bia Mulato pela mitodologia em arte. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

OLIVEIRA, Jéssica Cristina Alvaro de. Dororidade: A união das mulheres pretas através da dor. **Ayé Revista de Antropologia**: Dossiê as contribuições de intelectuais negras para as ciências humanas e sociais, v. 3, n. 1, p. 148-151, 2021.

PINKOLA ESTÉS, Clarisse. **Mulheres que correm com os lobos**: Mitos e histórias dos arquétipos da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocoo, 2018.

PIRES, Valéria. **Lilith e Eva**: imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

PUREPEOPLE. **Júnior Lima**. [2021]. Disponível em: Junior Lima: Fotos, últimas notícias, idade, signo e biografia! - Purepeople. Acesso em: 28 ago. 2022.

PUREPEOPLE. **Kelly Key**. [2020]. Disponível em: Kelly Key: Fotos, últimas notícias, idade, signo e biografia! - Purepeople. Acesso em: 28 ago. 2022.

PUREPEOPLE. **Luiza Possi**. [2022b]. Disponível em: Luiza Possi: Fotos, últimas notícias, idade, signo e biografia! - Purepeople Acesso em: 28 ago. 2022.

PUREPEOPLE. **Sandy**. [202-]. Disponível em: Sandy: Fotos, últimas notícias, idade, signo e biografia! - Purepeople. Acesso em: 28 ago. 2022.

PUREPEOPLE. **Wanessa Camargo**. [2022]. Disponível em: Wanessa Camargo: Fotos, últimas notícias, idade, signo e biografia! - Purepeople. Acesso em: 28 ago. 2022.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada**: a face eterna do feminino. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas**: o feminino através dos tempos. São Paulo: Goya, 2019.

RODRIGUES, Brisa Mirele Barbosa. **A Bárbara**: o corpo bandeira da mulher revolucionária e as práticas feministas nas artes. 2018. Dissertaçao (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Aline Layane Souto da. **Lilith e Medeia**: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

SILVA, Alexander Meireles da. A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octávia E. Butler. **Revista de Estudos do Discurso e do Corpo,** Vitória da Conquista, v. 1, n. 12, p. 7-15, 2012.

SILVA, Daniel Neves. **O que foi o AI-5?** [2018]. Disponível em: O que foi o AI-5? - Brasil Escola (uol.com.br). Acesso em 30 de abril de 2023.

SILVA, Janaína Gomes. **A Cara da Mãe**: uma jornada de criação pela vida da Mitodologia em Arte. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

STONE, Merlin. **Quando Deus era Mulher**. São Paulo. Editora gaya, 2022
TIBURI, Márcia. **Feminismo em Comum para todas, todes e todos, Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Eletrônica Trilhas da História,** Três Lagoas, v. 3, n. 6 p. 167 – 181, 2014.

WIKIPÉDIA. **Klara Cstanho:** biografia. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Klara_Castanho. Acesso em: 11 nov. 2022.

ANEXO A – RITOS DE PARTIDA

Primeira formatura – Montanhas – RN

Fonte: Acervo Pessoal (1998).

Primeira formatura – minha primeira professora, Sergiane Alves e minha Mãe Francisca, Montanhas – RN

Fonte: Acervo pessoal (1998).

Apresentação do Espetáculo Pérola – Primeira vez que minha filha me viu em cena, Natal-RN

Foto: Lorena Kallahan (2015)

Após apresentação do Espetáculo Pérola – Natal – RN

Foto: Lorena Kallahan (2015)

Performance Geni – Departamento de Artes

Fonte: Acervo Pessoal (2016).

Performance Geni – Departamento de Artes

Fonte: Acervo Pessoal (2016).

Espetáculo “Tombo da Rainha” – Personagem “A Virgem”, Natal – RN

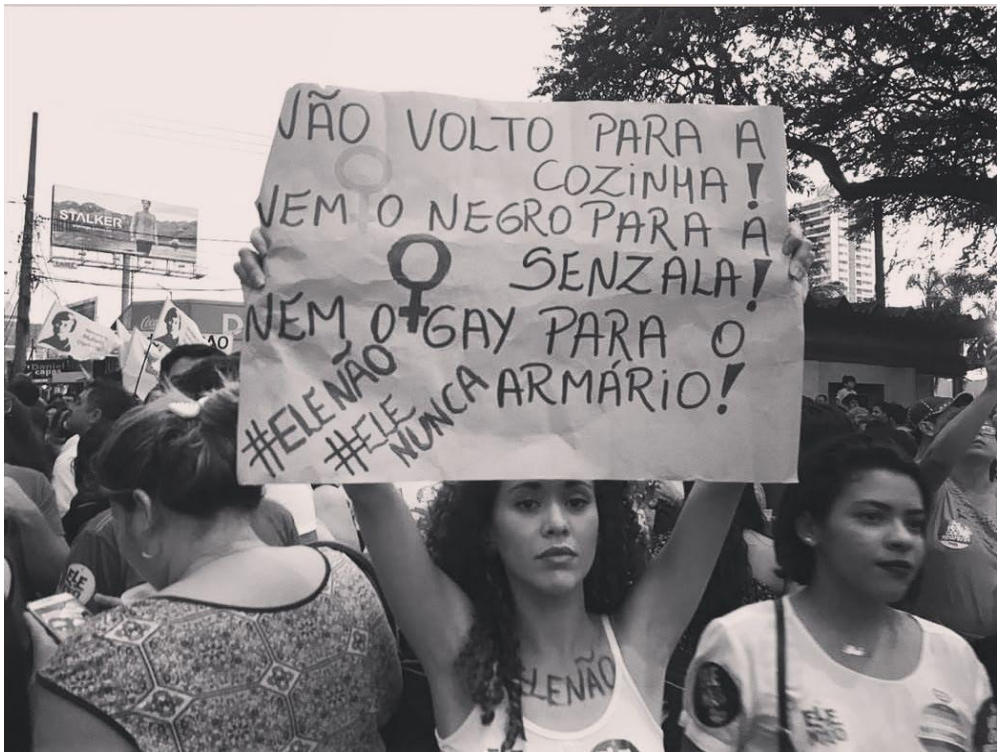
Foto: Taline Freitas (2016).

Espetáculo “Tombo da Rainha” – Personagem “Santa Engolidora de Espelhos”, Natal – RN

Foto: Taline Freitas (2016).

Ensaio Fotográfico – “ELE NÃO” – Natal-RN

Foto: Paulo Demétrio (25 out. 2018).



Protesto “Mulheres Contra Bolsonaro” – Natal-RN

Foto: Acervo Pessoal (2018).

ANEXO B – RITO DE PASSAGEM

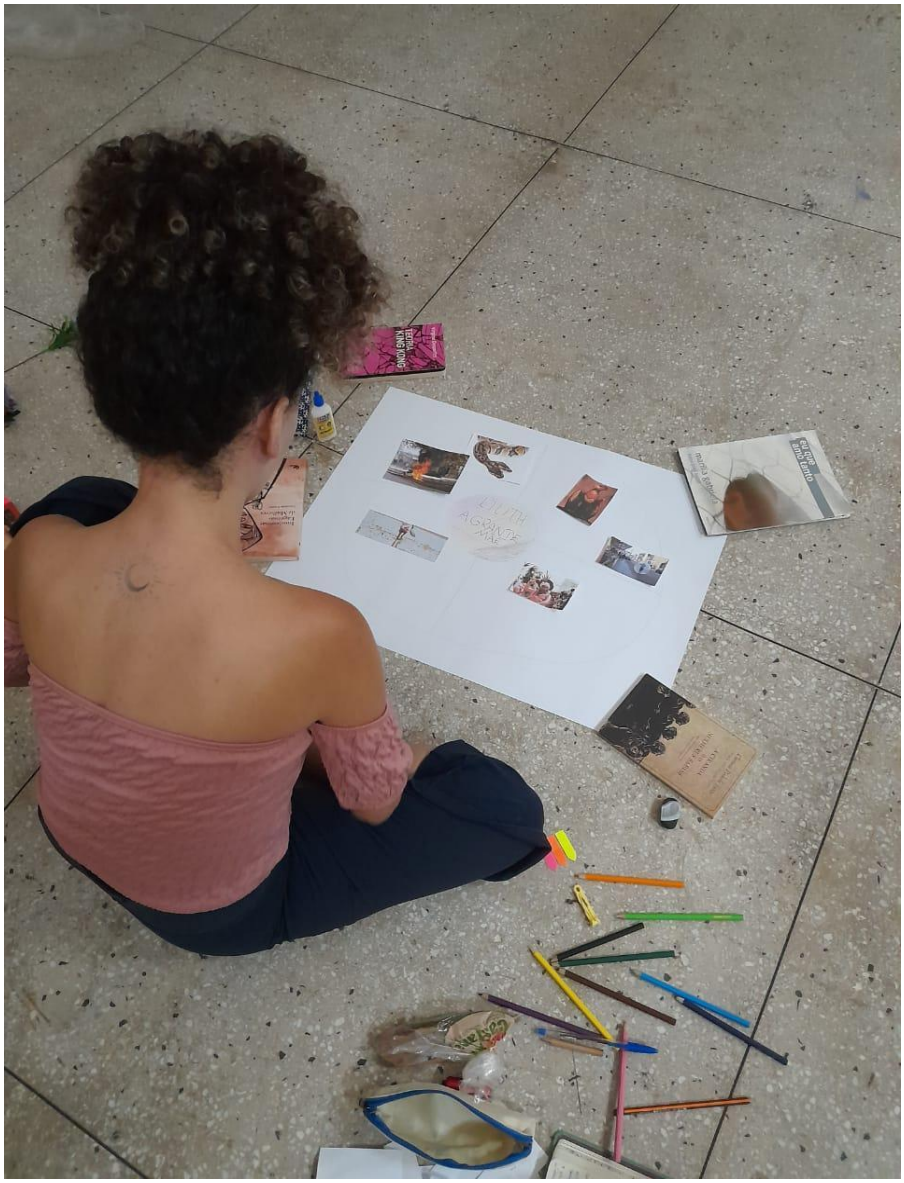
Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN
Foto: João Vítor (2022).

Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).

Primeira Sala de Parto – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).



Criando a Mandala – Departamento de Artes-UFRN

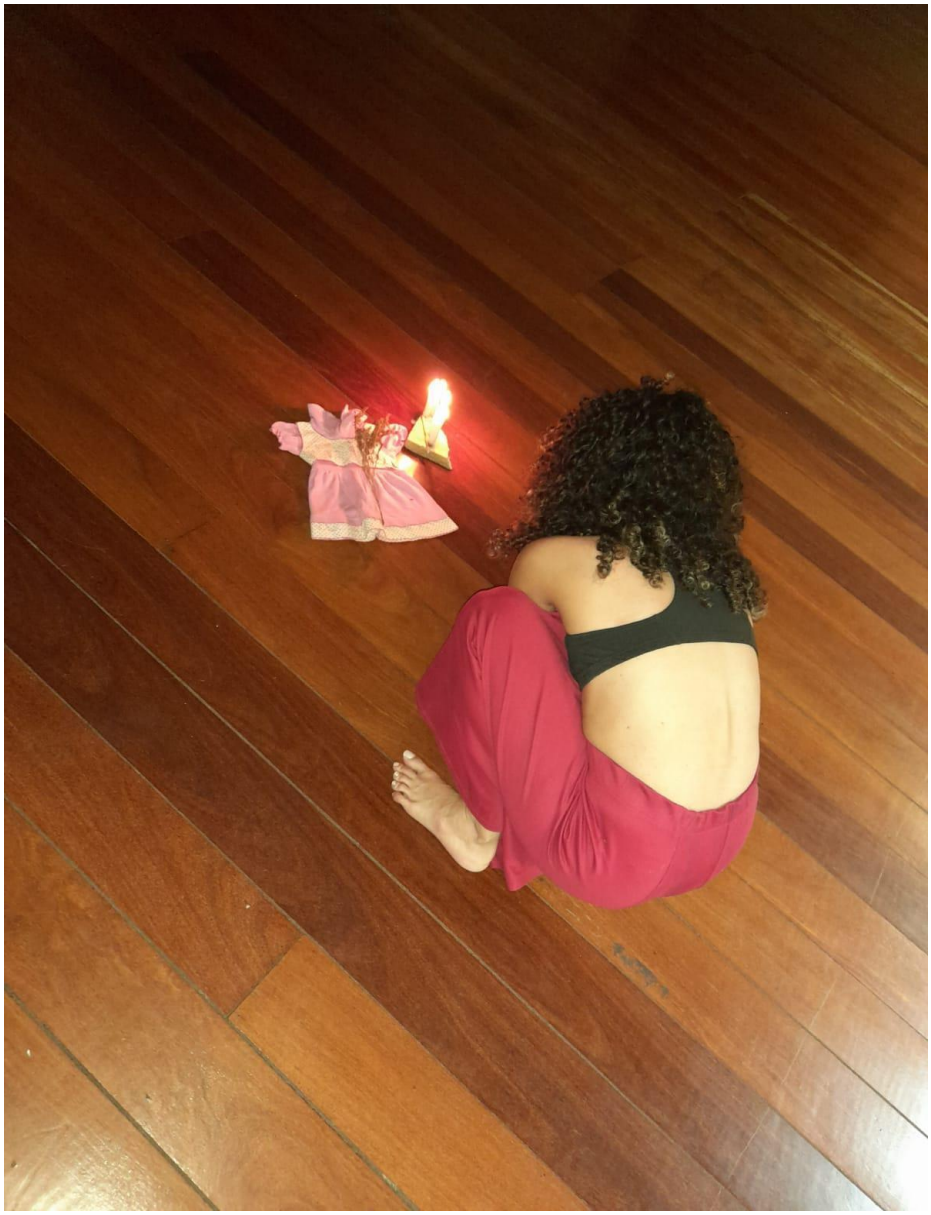
Foto: João Vítor (2022).

Criando a Mandala – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

2º Sala de Parto - – Departamento de Artes-UFRN

Foto: João Vítor (2022).



2º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

3º Sala de Parto – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

3º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

3º Sala de Parto – Departamento de Artes - UFRN

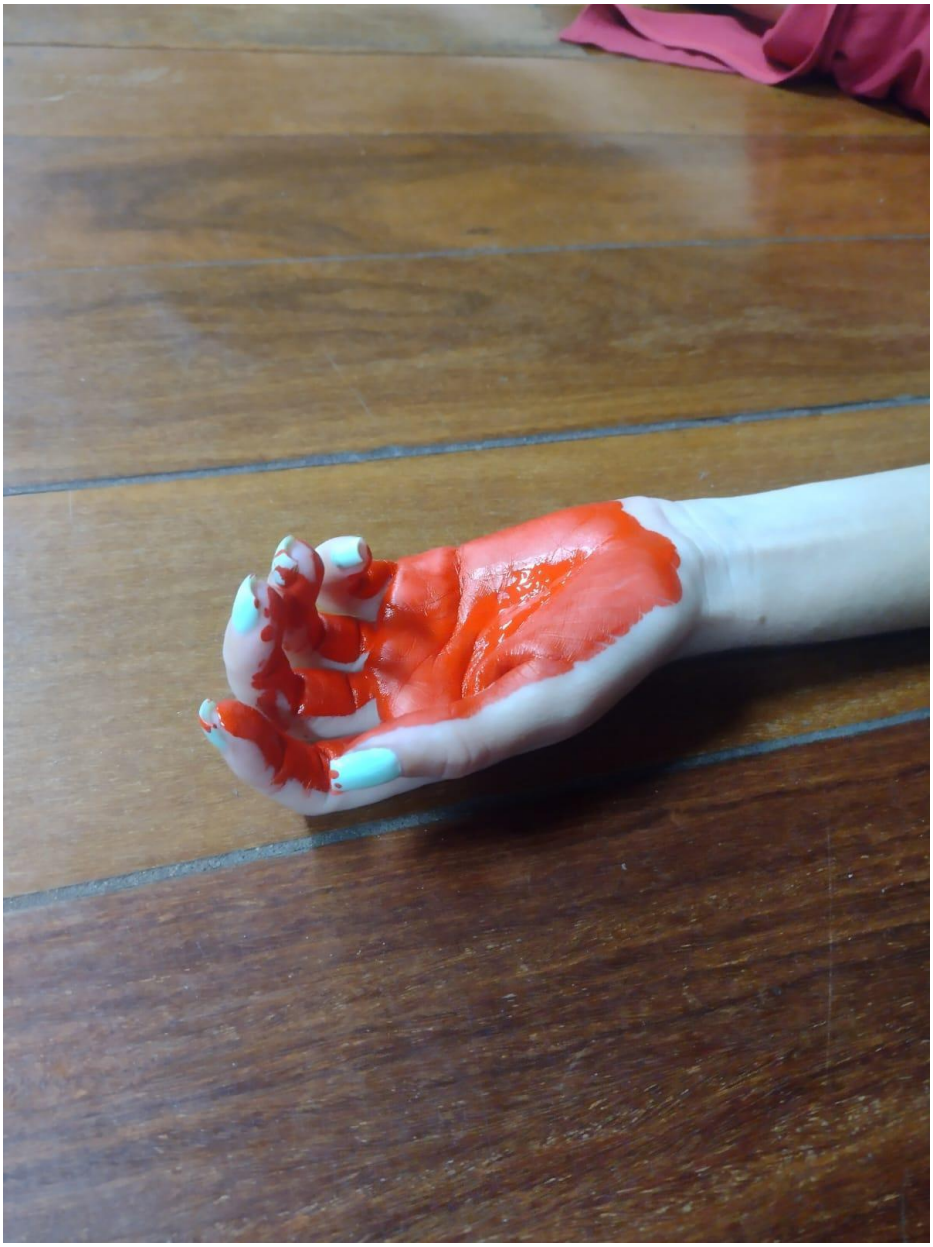
Foto: João Vítor (2022).

3º Sala de Parto – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

3º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN

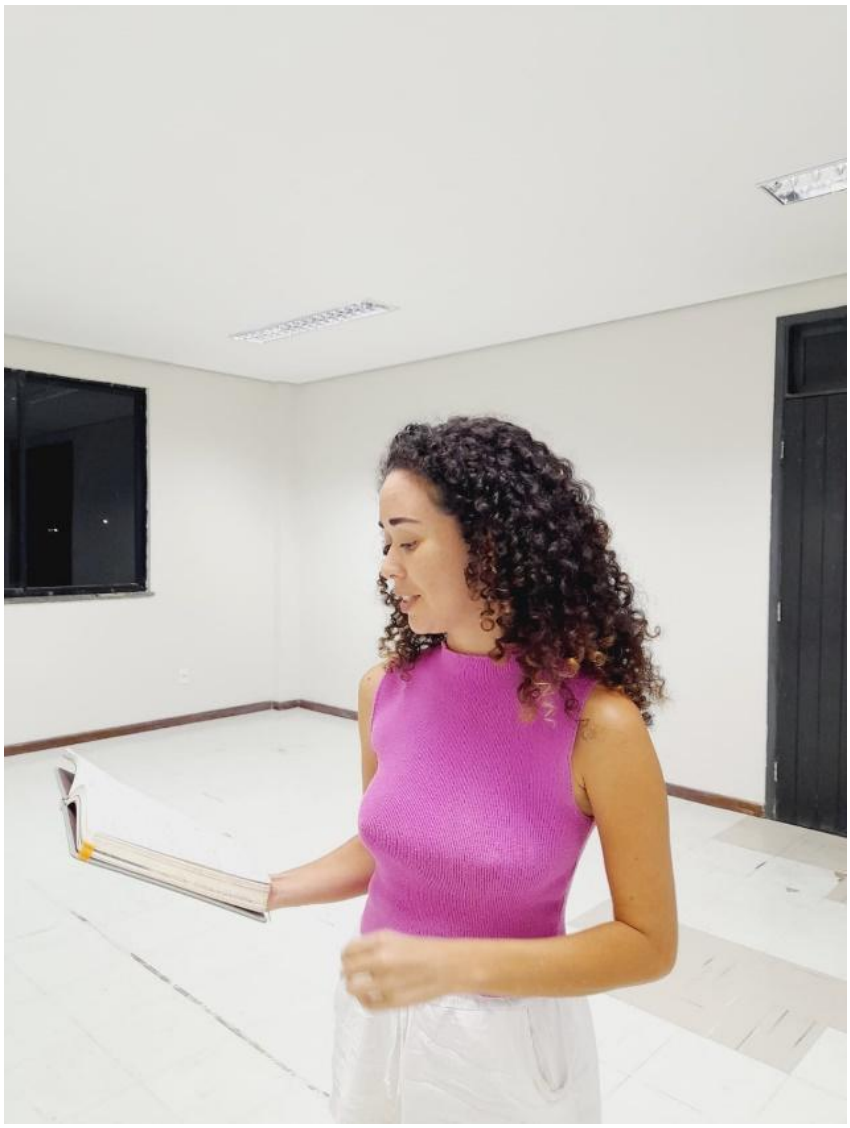
Foto: João Vítor (2022).



3º Sala de Parto - – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2022).

ANEXO C – RETORNO ÀS SALAS DE PARTO/RITO DE CHEGADA



3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).

3º Encontro na sala de parto (retorno) – Departamento de Artes - UFRN

Foto: João Vítor (2023).